Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TOE) na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPI a disponibilizar este TEDE sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir do dia 29/03/2024

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação

2. Identificação da Dissertação

Autor:	DAYANE SAMPAIO DOS SANTOS		Matrícula: 20221005310 *(identificador)*	
Telefone:	86994285338			
Identidade:	3648162 - SSP/PI	CPF:		E-mail: dayanesampaiodossantos@gmail.com
Orientador:	TERESINHA DE JESUS MESQUITA QUEIROZ	CPF:	077.965.283-53	E-mail: teresinhaqueiroz@bol.com.br
Membro da banca:	PEDRO VILARINHO CASTELO BRANCO	CPF:	396.467.853-87	E-mail: pedrovilarinho@ufpi.edu.br
Membro da banca:	TERESINHA DE JESUS MESQUITA QUEIROZ	CPF:	077.965.283-53	E-mail: teresinhaqueiroz@bol.com.br
Membro da banca:	VINICIUS LEAO ARAUJO	CPF:	036.340.703-07	E-mail: viniciusleao1@hotmail.com
Data da Defesa:	29/03/2024	Titulação: Mestre		
Título:	"VIVA O GOVERNO REPUBLICANO, ÚNICO QUE PODE FAZER A FELICIDADE DA NAÇÃO!": DAVID MOREIRA CALDAS E AS NARRATIVAS SOBRE O IDEÁRIO REPUBLICANO NA IMPRENSA PIAUIENSE (1868-1875)			
Instituição de Defesa:	Universidade Federal do Piauí/UFPI		CNPJ: 06.517.387/0001-34	
Afiliação:			CNPJ:	
Palavras-chave:	História. Ideário republicano. David Caldas. Imprensa.			

3. Agência de Fomento

NÃO INFORMADO

4. Informação de acesso ao documento

Liberação para publicação: **Total**

Dayane Sampaio dos Santos
Assinatura do autor

20/08/2024
Data

Havendo concordância com a publicação eletrônica, toma-se imprescindível o envio em formato digital da tese ou dissertação.

ATENÇÃO

Para verificar a autenticidade deste documento acesse **/sigaa/documentos/** informando o identificador, a data de emissão e o código de verificação **79fd37e5ad**

Digitalizado com CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

DAYANE SAMPAIO DOS SANTOS

“VIVA O GOVERNO REPUBLICANO, ÚNICO QUE PODE FAZER A FELICIDADE DA NAÇÃO!”: David Moreira Caldas e as narrativas sobre o ideário republicano na imprensa piauiense (1868-1875)

TERESINA – PI

2024

DAYANE SAMPAIO DOS SANTOS

“VIVA O GOVERNO REPUBLICANO, ÚNICO QUE PODE FAZER A FELICIDADE DA NAÇÃO!”: David Moreira Caldas e as narrativas sobre o ideário republicano na imprensa piauiense (1868-1875)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

TERESINA – PI

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

S237v Santos, Dayane Sampaio dos.
"Viva o governo republicano, único que pode fazer a felicidade da nação!" : David Moreira Caldas e as narrativas sobre o ideário republicano na imprensa piauiense (1868-1875) / Dayane Sampaio dos Santos. -- 2024.
160 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2024.
"Orientadora: Prof.ª Dr.ª Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz".

1. História. 2. Ideário republicano. 3. David Caldas. 4. Imprensa. I. Queiroz, Teresinha de Jesus Mesquita. II. Título.

CDD 981.04

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite – CRB3/1004

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA DO BRASIL

ATA Nº 35

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL, REALIZADA EM 29/03/2024

Ao vigésimo nono dia do mês de março do ano de dois mil e vinte e quatro, na sala do mestrado, reuniu-se em sessão pública a banca examinadora da dissertação intitulada: **"VIVA O GÓVERNO REPUBLICANO, ÚNICO QUE PODE FAZER A FELICIDADE DA NAÇÃO!": DAVID MOREIRA CALDAS E AS NARRATIVAS SOBRE O IDEÁRIO REPUBLICANO NA IMPRENSA**, de autoria da mestranda **Dayane Sampaio dos Santos**, candidata ao título de Mestra em História do Brasil. A banca examinadora foi constituída pelos Professores Doutores Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz – UFPI (Orientadora), Vinícius Leão Araújo – IFPI (Examinador Externo) e Pedro Vilarinho Castelo Branco – UFPI (Examinador Interno). Às nove horas e trinta minutos a sessão foi aberta pelo Presidente, que deu início aos trabalhos convidando a candidata a fazer breve exposição sobre a dissertação em julgamento, concedendo-lhe para isso o tempo máximo de trinta minutos. Finda a exposição, o presidente passou a palavra aos membros da banca examinadora, esclarecendo que cada um dispunha de até trinta minutos para a arguição e a candidata de igual tempo para as respectivas respostas. A arguição foi iniciada pelo Prof. Dr. Vinícius Leão Araújo, seguindo-se a esse o Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco e, finalmente, a Prof.ª Dr.ª Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, orientadora da dissertação. A mestranda respondeu a todos os questionamentos. A seguir, a mestranda retirou-se da sala para que, em sessão secreta, a banca pudesse analisar e decidir sobre a Dissertação apresentada. Retornando ao plenário do exame foi dado conhecimento do julgamento. O Presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a Dissertação **APROVADA**. Ficou estabelecido que a entrega da versão final, com as correções mandatórias, deverá ser feita no prazo de sessenta dias, a contar da assinatura desta ata. Após os cumprimentos de praxe, o Presidente, congratulando-se com a candidata e agradecendo a audiência de todos, encerrou a sessão às doze horas e, para constar, foi lavrada a presente ata, a qual lida e achada conforme, foi subscrita por todos os membros da Banca Examinadora.

Teresina, 26 de abril de 2024.

Prof.ª Dr.ª Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz – UFPI
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Vinícius Leão Araújo – IFPI
Examinador Externo

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco – UFPI
Examinador Interno

Ao meu pai Eliomar, minha bisavó Jesus e minha prima Daiana, presenças constantes em minha memória e em minha vida.

AGRADECIMENTO

A conclusão do mestrado em História do Brasil representa a realização do grande sonho de uma menina que desde muito cedo decidiu ser professora e no terceiro ano do ensino médio escolheu cursar História, porque sempre gostou de ler era fascinada em desvendar os mistérios do passado. Naquela época, também já havia decidido seguir uma carreira acadêmica, sem ao menos ter ideia das implicações que essa decisão traria para a minha vida, todos os caminhos que iria percorrer e as mudanças de rota que a vida poderia me proporcionar de uma forma surpreendente.

Concluir essa dissertação foi um dos grandes desafios que enfrentei ao longo da minha vida, pois a construção de um trabalho científico, além de muita pesquisa, responsabilidade, doação de tempo e energia, requer um processo de construções e reconstruções da pesquisa realizada, mas também da sua própria compreensão sobre o tema estudado e fazer historiográfico.

Ao longo desses dois anos que dediquei ao desenvolvimento desse trabalho enfrentei grandes dificuldades, insegurança em torno da minha escrita, das fontes, leituras e da própria temática pesquisada. Foram inúmeros os momentos em que pensei em desistir, e se me mantive firme até a conclusão deste texto, foi graças a minha fé, em Deus e Nossa Senhora, que sempre estiveram ao meu lado, guiaram meus caminhos, minhas escolhas e me fortaleceram em todos os momentos de fraqueza e aflição.

Agradeço a minha família por todo o apoio e torcida que me dedicaram ao longo desse tempo, a minha mãe Luciana, minha avó Josefa, minha tia Francisca Maria, meus irmãos Giovane e Heloisa Vitória, vocês são meu principal incentivo para continuar sonhando e buscando um futuro melhor. Agradeço ao meu pai, porque tenho absoluta certeza que esteve ao meu lado ao longo de todo esse tempo, pois mesmo em sua ausência física, sinto a sua constante presença em minha vida, memória e história, espero um dia conseguir orgulhar você, assim como você sempre foi fonte de orgulho para mim.

Sou imensamente grata a minha segunda família – família que eu não escolheria conscientemente –, haja vista que não me entenderia como merecedora de ter em minha vida pessoas tão maravilhosas, de construir laços tão fortes e de desenvolver uma história tão bonita e inspiradora. Sthefane Milla, André Victor, Tiago Domingos, Maria Clara, Nágila, Andressa Rayane, Victor Trindade, Victor Emanuel e a princesa Clarice, vocês são um dos principais motivos para que eu me mantenha forte e continue tentando, pois, todas as vezes em que pensei em desistir de algo na minha vida, vocês estiveram ao meu lado, me fortalecendo, me

incentivando a nunca desistir, vibraram comigo em cada uma das minhas vitórias, mesmo as mais pequenas, e me apoiaram nos momentos difíceis que enfrentei. Meu FDC, vocês são a família que Deus e Nossa Senhora decidiram me presentear, sempre seria grata por vocês existirem na minha história.

Agradeço enormemente ao meu namorado, Rodrigo Anderson, por todo o afeto, cuidado, dedicação e apoio que sempre me ofereceu desde o dia em que entrou na minha vida. Rodrigo, você foi um dos principais alicerces ao longo da minha trajetória no mestrado, se consegui concluir essa pesquisa, grande parte foi graças a você, por ter se mantido ao meu lado ao longo de todo esse tempo, por ter suportado minhas aflições e inseguranças ao longo desse processo e por me incentivar a nunca desistir. Você foi um presente maravilhoso na minha vida.

Os desafios do mestrado se tornaram mais leves pois foram compartilhados com pessoas maravilhosas e inspiradoras como o Willians Alves e Nathiely Araújo. Dividir com vocês todas essas dificuldades, inseguranças, sonhos, foi um grande privilégio.

Agradeço a minha orientadora Prof.ª. Dr.ª Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, por ter acredito em mim e na minha pesquisa, por todas as valiosas orientações, indicações de leituras e correções, por toda a paciência e profissionalismo, sempre serei grata por essa oportunidade.

Agradeço à Universidade Federal do Piauí, ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil e a equipe docente, por todas as oportunidades fornecidas, vocês foram fundamentais em minha trajetória, me ofereceram a estrutura e as orientações necessárias para o meu crescimento como pesquisadora.

Prezo mais que a liberdade
De minha alma a fortaleza;
Que a liberdade embriaga
É a virtude da nobreza,
Elevando a humanidade
De uma humilde pobreza
A magnífica altura
Da divina grandeza!...
(CALDAS, David Moreira. O dever. *O Papyro*, Teresina, ano 2, n.4, p.1, 7 de ago. 1874)

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal objetivo analisar as narrativas acerca do ideário republicano na imprensa piauiense oitocentista, mais especificamente no recorte temporal que abrange os anos de 1868 a 1875, nos quais circularam os periódicos republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, ambos pertencentes ao professor, político e jornalista David Moreira Caldas, o qual torna-se fundamental para o entendimento da defesa e difusão do ideário republicano no Piauí. Logo, David Caldas constituiu-se como um dos sujeitos históricos centrais neste trabalho, haja vista que por meio da análise da sua vida e atuação na imprensa, foi possível uma melhor compreensão sobre como o republicanismo foi difundido no Piauí na temporalidade estudada. Além dos jornais republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, esta pesquisa também analisou periódicos representantes dos partidos políticos que fizeram-se presentes no Piauí neste mesmo recorte temporal, sendo eles o Partido Liberal, tendo suas ideias difundidas por meio do periódico *A Imprensa*, baluarte das ideias liberais no Piauí, e o Partido Conservador, representado pelos periódicos: *O Piauí* e *A Pátria*, buscando compreender como esses periódicos construíram narrativas em torno do ideário republicano. Assim, a imprensa também se apresenta como um dos focos fundamentais dessa pesquisa, uma vez que ela se constitui como um dos principais palcos em que as narrativas foram produzidas e difundidas nesta sociedade, um espaço em que os debates mais inflamados aconteceram e por meio deles é possível aproximar-se da sociedade piauiense oitocentista. Dessa forma, para construção desta dissertação alguns autores foram imprescindíveis, destacando-se Michel Foucault (2012) com suas reflexões sobre discurso e escrita de si; René Rémond (2003) com seus estudos sobre história política; Roger Chartier (1999) com suas importantes contribuições sobre cultura, práticas e representações. Ademais, autores Emília Viotti da Costa (2010), Sérgio Buarque Holanda (2005), José Murilo de Carvalho (2020), Sílvia Fonseca (2016), Teresinha Queiroz (2012), Ana Regina Rêgo (2001), prestaram contribuições fundamentais para compreensão da História do Brasil e do Piauí oitocentista.

Palavras-Chave: História. Ideário republicano. David Caldas. Imprensa.

ABSTRACT

This present reseach have to main objective analyze the narratives about the republican ideology in the nineteenth-century press of Piauí, more specifically in the time frame that covers the years 1868 to 1875, in which the republican periodicals circulated " O Amigo do Povo" and "Oitenta e Nove" both belong to the professor, politician and journalist David Moreira Caldas, which becomes fundamental for the understanding of the defense and dissemination of republican ideals in Piauí. Therefore, David Caldas became one of the central historical subjects in this work, given that through the analysis of his life and performance in the press, it was possible to better understand how republicanism was spread in Piauí in the temporality studied. Beyond Republican newspapers "O Amigo do Povo" and "Oitenta e Nove", This research also analyzed periodicals representing the political parties that were present in Piauí in this same time frame, being the "Partido Liberal", having his ideas disseminated through the journal "A Imprensa", bulwark of liberal ideas in Piauí, and the "Partido Conservador", represented by the journals: "O Piauí" and "A Pátria", seeking to understand how these periodicals built narratives around the republican ideology. In this way, the press also presents itself as one of the fundamental focuses of this research, since it constitutes one of the main stages in which the narratives were produced and disseminated in this society, a space in which the most heated debates took place, functioning as a vehicle through which it is possible to approach the nineteenth-century society of Piauí. Thus, for the construction of this dissertation, some authors were important, highlighting Michael Foucault (2012) with his reflections on discourse and self-writing. Rene Descartes (2003) with his studies on political history. Roger Chartier (1999) with his important contributions on culture, practices and representations. Furthermore, authors Emília Viotti da Costa (2010), Sérgio Buarque Holanda (2005), José Murilo de Carvalho (2020), Sílvia Fonseca (2016), Teresinha Queiroz (2012), Ana Regina Rêgo (2001) provided fundamental contributions to understanding the History of Brazil and Piauí in the 19th century.

Keywords: History. Republican Ideology. David Caldas. Press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jornal *A República* (1870) 55
Figura 2: Jornal *Ferro em Brasa* (1877) 58
Figura 3: Jornal *O Amigo do Povo* (1869) 66
Figura 4: Jornal *Oitenta e Nove* (1873) 69
Figura 5: Jornal *O Typhis Pernambucano* (1824) 119
Figura 6: jornal *O Amigo do Povo* (1868) 124
Figura 7: Jornal *A República* (1871) 132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
2 O PIAUÍ NA TECITURA DA HISTÓRIA REPUBLICANA BRASILEIRA 21
2.1 Um panorama da política imperial brasileira 21
2.2 Imprensa, ideias e disputas: a palavra escrita na sociedade oitocentista 33
2.3 David Caldas: o paladino da República no Piauí 39
2.3.1 David Moreira Caldas: a vida e o reverberar da memória de um republicano 42
2.3.2 Os caminhos que levam ao republicanismo: a trajetória de David Caldas na imprensa piauiense 51
3 UMA IMPRENSA REPUBLICANA EM SOLO PIAUIENSE 63
3.1 *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*: a voz do republicanismo no Piauí 64
3.3 A desconstrução de um imaginário monárquico 73
3.4 A imprensa republicana como um espaço de crítica às mazelas sociais 83
3.5 A propaganda republicana em solo piauiense 92
4 REPÚBLICA E SEUS SIGNIFICADOS: PLURALIDADE DE NARRATIVAS SOBRE O IDEÁRIO REPUBLICANO NA IMPRENSA 103
4.2 O ideário republicano e suas faces na imprensa piauiense 103
4.2 O reverberar do ideário republicano para além das fronteiras provinciais 118
4.3 A imprensa entre o público e o privado 135
CONSIDERAÇÕES FINAIS 144
REFERÊNCIAS 146

INTRODUÇÃO

O ideário republicano fez-se presente no Brasil com maior intensidade a partir da segunda metade do século XIX, sendo propagado principalmente na imprensa, por meio da construção de narrativas favoráveis e desfavoráveis. Ao analisar as origens da República no Brasil, Emília Viotti da Costa aponta as duas linhas de interpretação surgidas nos primeiros anos deste sistema político: a dos vencedores e a dos vencidos. A primeira interpretação defende a ideia de que a República sempre foi uma aspiração nacional, que converge com o ideal defendido no Manifesto Republicano de 1870, que considerava a monarquia uma anomalia na América, como exposto a seguir: "A Proclamação da República na opinião desses testemunhos foi a concretização de uma aspiração popular levada a efeito por um grupo de homens idealistas e corajosos que conseguiram integrar o país nas tendências do século"[1].

Outros aspectos também alvo de críticas foram a centralização do poder monárquico e a ineficiência de D. Pedro II na gerência da nação. Dessa forma, a República era compreendida pelos defensores da vertente republicana como a única forma de governo viável para a superação das mazelas sociais que afligiam o Brasil, sendo almejada pelo povo brasileiro.

Por outro lado, a narrativa monarquista defende uma ideia de que o Império brasileiro não foi um símbolo de atraso, mas sim de conservação e progresso, que permitiu que o território brasileiro se mantivesse unificado, defendendo que a Proclamação da República foi resultado não de uma aspiração popular, mas da insatisfação de determinados grupos, como os fazendeiros e militares.

A presente dissertação aprofunda-se na concepção de que a República foi gestada em uma temporalidade anterior ao 15 de novembro de 1889, ou seja, o republicanismo possui raízes mais profundas no solo brasileiro, como é apresentado por Starling[2] "(...)é sobretudo para o século XVIII que devemos nos voltar se queremos reencontrar a trilha de como a palavra República chegou até nós(...)"[3]. Logo, o ideário republicano possui um longo percurso, tendo incitado inúmeros debates e reflexões, um processo que se tornou mais intenso à medida que a monarquia ruía.

---

[1] COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República:* momentos decisivos. 9. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 389.
[2] STARLING, Heloisa M. *Ser republicano no Brasil Colônia*: a história de uma tradição esquecida. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
[3] STARLING, Heloisa M. *Ser republicano no Brasil Colônia*: a história de uma tradição esquecida. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 14.

Uma das principais marcas no processo de expansão do republicanismo no país é a publicação do *Manifesto Republicano* em dezembro de 1870, que culminou no surgimento de inúmeros periódicos republicanos em várias províncias do país, sendo o Piauí uma delas, a exemplo do jornal *O Amigo do Povo*[4] que era produzido desde 1868, pertencente ao piauiense David Moreira Caldas. O jornal apresentava desde o início da sua circulação um caráter republicano, e, a partir de 1871, declarou-se "órgão republicano da província do Piauí", como uma consequência direta da publicação do manifesto, um projeto que David Caldas deu continuidade com a publicação do jornal também republicano intitulado *Oitenta e Nove*[5] a partir de 1873.

David Moreira Caldas constituiu um importante personagem histórico nesta dissertação, uma vez que a sua atuação como jornalista político, principalmente a frente do desenvolvimento de uma imprensa republicana em solo piauiense foi responsável pela ampliação das narrativas em torno do republicanismo nesta província, sejam narrativas favoráveis ao projeto republicano elaboradas em seus jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, sejam as narrativas críticas aos ideias republicanos que eram apresentadas pelos jornais conservadores como forma de resposta aos textos de caráter republicanos. David Caldas foi jornalista, professor e político piauiense, nasceu em 22 de maio de 1836 na cidade de Barras, sendo filho do capitão Manoel Joaquim da Costa Caldas e Manuela Francisca Caldas. Destaca-se na sociedade piauiense oitocentista por sua atuação na imprensa, em primeiro momento junto aos liberais no jornal *A Imprensa* e posteriormente defendendo a ideologia republicana em seus jornais de cunho republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*. David Moreira Caldas é um dos principais nomes na defesa do ideário republicano no Piauí, nas décadas que antecedem a proclamação da República[6].

Minha relação com a temática desta dissertação inicia-se na graduação ao ler o livro *Os Bestializados*: Rio de Janeiro e a República que não foi[7] do historiador José Murilo de Carvalho,

---

[4] Periódico pertencente ao jornalista David Moreira Caldas, o qual também era o seu principal redator, tendo sua primeira edição publicada em 28 de julho de 1868, produzido inicialmente na tipografia do jornal *A Imprensa*. O *Amigo do Povo* era publicado duas vezes ao mês, com assinaturas que ficavam ao arbítrio do assinante, não excedendo o valor de 2 mil réis por trimestre, além de ser distribuído gratuitamente as pessoas pobres que soubessem ler e quisessem recebê-lo na tipografia em que era impresso. Cf.: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997. p. 72.

[5] Periódico republicano pertencente a David Moreira Caldas, tendo a sua primeira edição lançada em 1 de fevereiro de 1873, um jornal que substituiu o periódico O Amigo do Povo, defendendo de forma mais enfática o projeto republicano no Brasil. Cf.: PINHEIRO FILHO, 1997, p. 73.

[6]CHAVES, Joaquim Raimundo. *Obra Completa*. 2. ed. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013. p. 469.

[7] CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

o que fez crescer em mim um interesse e um encantamento com a temática republicana. Posteriormente, ao ler a obra da historiadora Teresinha Queiroz *Os Literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo[8], me foi apresentado o personagem piauiense David Moreira Caldas e sua luta em torno da defesa do republicanismo no Piauí. Percebi naquele momento a possiblidade de unir os dois temas que haviam me cativado ao longo do curso, República e história piauiense, assim, elaborei uma monografia na qual foi trabalhado David Caldas e sua atuação na imprensa em prol da construção do imaginário republicano na província piauiense[9]. Após a aprovação da monografia senti necessidade der dar continuidade e ampliação à temática trabalhada, construindo agora uma pesquisa voltada a multiplicidade de narrativas sobre o ideário republicano nas diversas vertentes da imprensa piauiense, analisando as narrativas presentes também no jornal liberal *A Imprensa*[10] e nos conservadores *O Piauí*[11] e *A Pátria*[12] e nos republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*. Buscou-se compreender como o Piauí inseriu-se na dinâmica estabelecida a partir de 1870 de uma imprensa voltada a expansão do projeto republicano nas diversas províncias do país, como David Caldas conectava-se a ela.

Dessa forma, a presente dissertação tem como foco central a propagação das narrativas sobre o ideário republicano na imprensa piauiense em um recorte temporal que abrange os anos de 1868 a 1875. O ano de 1868 foi escolhido como o início do recorte temporal desta pesquisa em função da crise política que se estabeleceu no país a partir desse período, contribuindo para o fortalecimento de uma oposição ao Império brasileiro, a qual se manifestava também no campo da imprensa.

---

[8] QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

[9] SANTOS, Dayane Sampaio dos. *A Construção do imaginário republicano no Piauí por meio dos jornais O Amigo do Povo e Oitenta e Nove de David Moreira Caldas (1868-1875)*. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

[10] O periódico *A Imprensa* foi lançado em 27 de julho de 1865, substituindo o periódico *Liga e Progresso*, após a Liga assumir um caráter pronunciadamente liberal. O periódico tinha como principais redatores o Dr. José Manuel de Freitas, o Dr. Deolindo Moura e David Moreira Caldas, sendo desde então o baluarte das ideias liberais no Piauí, e fazendo uma oposição ao jornal *O Piauí* e seu principal redator, o conservador Antônio Coelho Rodrigues. Cf.: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2012. p. 26.

[11] Jornal de cunho conservador que passou a ser publicado a partir de 3 de maio de 1867, tendo como principal redator Dr. Antônio Coelho Rodrigues, travou acalorados debates com o periódico liberal *A Imprensa* na cena política piauiense oitocentista. Cf.: FREITAS, 2012, p. 26.

[12] Jornal de cunho conservador, lançado em junho de 1870, apresentando como principais redatores Agesilau Pereira e Antônio Gentil de Sousa. O jornal teve uma duração de apenas dois anos, haja vista que encerrou sua circulação no ano de 1872. Cf.: PINHEIRO FILHO, 1997, p. 82.

O ano de 1868 é muito importante na política do Segundo Reinado, haja vista que é neste período ocorre a queda do Gabinete de Zacarias de Góis Vasconcelos, um evento que representa uma clivagem na história política da monarquia brasileira, uma vez que põe fim a estabilidade política proporcionada pela Liga Progressista, levando ao fortalecimento de uma oposição ao governo imperial e à figura do próprio imperador, promovendo um cenário de crises políticas, tornando o solo brasileiro fértil para o surgimento de uma forte imprensa oposicionista.

É nesse contexto que surge o periódico *O Amigo do Povo*, de David Moreira Caldas, um jornal que nasce sob os auspícios dos liberais, dada a proximidade do seu redator com o partido e a imprensa liberal do Piauí, que posteriormente se tornou um jornal declaradamente republicano, sendo continuado pelo periódico *Oitenta e Nove*, de autoria do mesmo jornalista. Dessa forma, no Piauí, o ideário republicano passa a ser difundido já nos últimos anos da década de 1860 e ao longo de grande parte da década de 1870, por meio dos esforços do professor, político e jornalista David Moreira Caldas, através dos jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*.

Logo, pode-se inferir que as agitações em torno do republicanismo, que repercutiram em grande parte do território brasileiro, também se fizeram presentes na província piauiense, fomentando a construção de diferentes narrativas e debates, que eram realizados majoritariamente por meio dos jornais. Assim, o presente trabalho faz-se imprescindível diante da necessidade de uma melhor compreensão em torno da difusão do ideário republicano no Piauí no recorte temporal de 1868 a 1875, que se relaciona aos anos de circulação dos jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*.

Em virtude da sua importância e pioneirismo na defesa da República no território piauiense, a vida e as produções jornalísticas de David Moreira Caldas foram fundamentais para compreensão do processo de difusão e os debates acerca das narrativas republicanas, atentando-se às conexões e diálogos realizados em seus jornais, que apresentam interlocuções com jornais republicanos de outras províncias. Dessa forma, como as dinâmicas de narrativas e debates de ideias presentes na sociedade piauiense ocorriam majoritariamente na imprensa, a dissertação possui como fontes principais as hemerográficas, mas também foram analisados os relatórios dos presidentes da província do Piauí produzidos no referido período, como uma forma de ampliar o entendimento acerca da província e conseguir realizar uma melhor interlocução entre o campo da imprensa e o da política, um dos objetivos almejados por esta dissertação.

Diante disso, buscou-se responder aos seguintes questionamentos: quem foi o piauiense David Moreira Caldas e qual a sua importância no processo de defesa e construção do ideário republicano no Piauí? Como a crise política de 1868 no Brasil contribuiu para o surgimento de uma imprensa republicana no Piauí? De que forma os jornais republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* contribuíram para o processo de desconstrução do imaginário monarquista em território piauiense entre os anos de 1868 e 1875? Como os jornais republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* colaboraram para a defesa e propagação do ideário republicano no Piauí entre os anos de 1868 a 1875? Qual o caráter das relações estabelecidas entre a imprensa liberal e a republicana na província do Piauí? Como eram elaboradas as narrativas acerca do ideário republicano pelos jornais conservadores *O Piauí* e *A Pátria*? Como e com quais periódicos republicanos produzidos fora da província os jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* estabeleceram contato? Como as questões de cunho político e da vida particular das figuras públicas da sociedade piauiense oitocentista estiveram entrelaçadas e repercutiram nos jornais *A Imprensa*, *O Amigo do Povo, Oitenta e Nove, O Piauí* e *A Pátria*?

Visando responder os questionamentos propostos, foram analisados alguns jornais que estiveram associados direta ou indiretamente com a vida de David Caldas ou com o ideário republicano, como por exemplo o periódico político liberal *A Imprensa*, no qual David Caldas esteve ligado em grande parte da sua trajetória como jornalista, fazendo-se imprescindível o estudo desse jornal para compreender a sua atuação junto aos liberais e o seu processo de tornar-se republicano.

Para mais, os jornais conservadores *O Piauí* e *A Pátria*, foram analisados como uma forma de ampliar a compreensão das narrativas conservadoras acerca do governo imperial e do ideário republicano, além de perscrutar os debates de narrativas existentes dentro dessa sociedade, os quais foram escolhidos por serem produzidos no recorte temporal estabelecido e por terem feito um diálogo em determinados momentos com os jornais republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* e principalmente com o seu redator David Moreira Caldas.

Ademais, os periódicos republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* foram essenciais, uma vez que por meio deles pôde-se ter acesso à difusão e à defesa do ideário republicano no Piauí. Mas não apenas isso. Os jornais também colaboraram substancialmente para melhor compreender a vida, as ideias e os anseios de David Moreira Caldas. Por fim, foram utilizados jornais republicanos de diversas províncias do Brasil que em determinados momentos tiveram seus textos citados como forma de difusão e afirmação do ideário republicano ou estabeleceram contato com os periódicos republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*.

As fontes consultadas nesta dissertação foram majoritariamente hemerográficas e estão disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Projeto Memória do Jornalismo piauiense, no arquivo do Programa de Educação Tutorial de História (Pet-História) e no Arquivo Público do Estado do Piauí (Casa Anísio Brito). Além dos jornais, também foram utilizados como fontes alguns textos presentes na *Revista da Academia Piauiense de Letras*, o livro de Licurgo de Paiva *À memória de David Caldas*[13], Relatórios dos Presidentes da Província entre os anos de 1868 a 1878, que se encontram no Arquivo Público do Estado do Piauí.

Segundo Tânia Regina de Luca[14], até meados da década de 1970 no Brasil ainda existia uma considerável resistência a utilização da imprensa como fonte histórica, uma situação intimamente ligada à crença que vigorou no século XIX e nas décadas iniciais do século XX da busca da verdade absoluta. No processo de pesquisa histórica que utiliza como fontes jornais, é necessário um olhar atento não apenas ao que está escrito, mas à estrutura do próprio jornal: "É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes que nada têm de natural"[15]. Essa noção guiou esta pesquisa nos jornais anteriormente citados.

Para uma melhor percepção acerca das narrativas presentes nos jornais sobre a República, dos embates de ideias, das disputas de poder existentes nessa sociedade, foi utilizado o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg[16], tentando buscar nos textos jornalísticos os pequenos indícios que conduziam ao tema pesquisado, tendo em conta que, ao estudar os jornais, nem sempre a temática que está sendo pesquisada é apresentada de forma explícita por aquelas que os abordam, além do fato de o pesquisador precisar ter o olhar atento não apenas para o que o texto quer expor, mas também aquilo que ele procura silenciar. Essa percepção foi muito útil ao analisar os textos elaborados por David Moreira Caldas, uma vez que de forma recorrente ele utiliza de uma escrita literária, de metáforas e analogias para tratar dos assuntos políticos e sociais, para fazer críticas aos seus opositores ou para defender seus ideais.

A presente dissertação, assim, foi desenvolvida abrangendo dois campos de estudos, o da política e da imprensa, dois pilares fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira

---

[13] PAIVA, Licurgo José Henrique de. *À memória de David Caldas*. Teresina: Tipografia do Oitenta e Nove, 1878.
[14] LUCA, Tânia Regina de. História do, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
[15] LUCA, 2018, p. 132.
[16] GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes do paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

e mais especificamente a sociedade piauiense do século XIX. Em vista disso, entender as dinâmicas políticas e sociais e indagar como o debate político repercutia no mundo da imprensa e circulava dentro dessa sociedade, precipuamente a partir das publicações de David Moreira Caldas configurou-se dentro desse contexto como um movimento de dialógico entre os discursos sobre a formação da República brasileira. Ademais, René Remond com a obra *Por uma História Política* [17]foi essencial no processo de reflexão sobre a política, pois seus estudos propõem um repensar do político, não abordando a política unicamente a partir das camadas mais abastadas da sociedade, mas sim uma política que abrange e se conecta com as diferentes camadas sociais, um fazer e um pensar político que se encontra dissolvido nos diversos âmbitos e estruturas sociais.

O texto *A escrita de si*[18] contribui para a escrita desta dissertação à medida que coloca David Caldas na posição de sujeito histórico, com seus posicionamentos, percepções de mundo, sociabilidades e questões ligadas à sua vida privada, escritos a partir da sua própria perspectiva. Nesse sentido, dentre os textos de caráter autobiográficos analisados destaca-se, ainda, o artigo intitulado *Ao Público*[19], publicado no jornal *A Imprensa*, como uma resposta a acusações que foram levantadas pelo jornal conservador *O Piauí*. Dessa forma, David Caldas usa o espaço da imprensa para apresentar uma narrativa construída por ele sobre a sua própria vida, visando não apenas responder os seus acusadores, mas principalmente, defender-se diante da sociedade. Logo, o texto *A escrita de si* de Michel Foucault possibilitou melhores reflexões sobre os textos de caráter autobiográfico, ampliando as percepções acerca da parcialidade presente nesses textos e os interesses pessoais inscritos nas entrelinhas. A escrita traz consigo não apenas a possibilidade de defesa da construção de uma realidade mais atrativa para aquele que a elabora, pois, a escrita de si "atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha"[20].

A segunda contribuição dos estudos teóricos de Foucault para esta dissertação corresponde às reflexões sobre o discurso, uma vez que esta é alicerçada em dois conceitos centrais, que correspondem à imprensa e à política, ambas intimamente atravessadas pela esfera do discurso. Dessa forma, *A ordem do discurso*[21] presta ricas contribuições ao presente texto,

[17] RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
[18] FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Rio de Janeiro: Vega, 1992. p. 130.
[19] AO PÚBLICO. *A Imprensa*, Teresina, ano 4, n. 172, p. 2, 7 nov. 1868.
[20] FOUCAULT, 1992, p. 130.
[21] FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural do Collège de France, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

pois alerta sobre os meandros da construção do discurso, a subjetividade e a parcialidade deste e a sua íntima relação com o desejo pelo poder. *A ordem do Discurso* tornou-se fundamental para compreender a dinâmica dos jornais piauienses *A Imprensa*, *A Pátria*, *O Piauí*, *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, pois esses jornais estavam inseridos dentro na dinâmica política do Brasil oitocentista, elaborando discursos que iam ao encontro dos partidos políticos dos quais representavam as ideias, como os jornais *A Pátria* e *O Piauí*, representantes do Partido Conservador; o jornal *A Imprensa*, periódico representante da Partido Liberal e os periódicos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, que se tornaram no Piauí na segunda metade do século XIX, símbolos da ideologia republicana que se expandia no país nesta temporalidade. Trabalhar o discurso apresenta complexidade, pois ele é dotado de potencialidades, apresenta as mais diversas origens, é perpassado por copiosos graus de influência e pode ser consumido por aqueles que o acessam de múltiplas formas.

Além disso, um conceito fundamental presente na construção deste trabalho é o de cultura, uma vez que a noção de cultura se engendra com elementos sociais como a imprensa e a política. E é por meio do referido conceito que se pode compreender de forma mais ampla a realidade de uma sociedade e suas práticas que são alicerçadas na interpretação da realidade. Nesse sentido, um teórico que contribuiu de forma significativa para a compreensão da cultura da sociedade aqui investigada foi Roger Chartier com a obra *História Cultural*: entre práticas e representações[22].

O autor supracitado colaborou para o entendimento do cenário político-cultural da época, mesmo sendo desafiador o processo de intelecção de uma sociedade composta majoritariamente por analfabetos, como o Piauí oitocentista. Evidenciou-se, portanto, a necessidade de perquirir os escritos históricos, como os jornais, que embora produzidos e consumidos em grande parte por uma parcela restrita de letrados, evidenciam parte do funcionamento de um corpo social. Por essa razão, os estudos de Chartier contribuíram com a pesquisa ao promoverem uma ampliação na perspectiva das diferentes formas que esses textos poderiam ser consumidos pelas diferentes camadas da sociedade, visando a acessar a cultura política presente nessa estrutura social piauiense oitocentista.

Outros autores também foram essenciais no processo de construção desta pesquisa, trazendo valiosas contribuições, entre eles, podem ser citados Ilmar Rohloff Mattos, com seu livro *O tempo de Saquarema*[23], Emília Viotti da Costa, com o livro *Da Monarquia à República*,

[22] CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.
[23] MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

Lúcia Maria Paschoal Guimarães, com *O liberalismo no Brasil*: origens conceitos e prática[24], Sérgio Buarque de Holanda, com seus *Capítulos de história do Império*[25] e *A história da civilização brasileira*: do Império à República[26], José Murilo de Carvalho, com os livros *A construção Nacional (1830-1889)*[27] e *A construção da ordem*: a elite política imperial[28], *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi, *Formação das almas:* o imaginário da República no Brasil[29]. Tais obras foram imprescindíveis para uma melhor compreensão em torno da História do Brasil oitocentista, mais especificamente as questões acerca da estruturação da política no país, bem como do processo de transição política vigente, em que vigorava uma forma de governo, o imperial, que passaria para outra forma de governo, a republicana.

Matias Martinéz Molina, com o livro *História dos jornais no Brasil*[30], e Marialva Barbosa, com *História cultural da imprensa (1800-1900)*[31], *História da Imprensa no Brasil*[32] de Nelson Werneck Sodré, contribuíram na compreensão do surgimento da imprensa no Brasil, das singularidades apresentadas por ela e como a imprensa esteve diretamente relacionada à vida política e social do país. Por fim, autores como Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, com os livros *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo e *Educação no Piauí*[33]; Clodoaldo Freitas, com *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos; a *Obra completa* de Monsenhor Chaves; a *História da imprensa no Piauí* de Celso Pinheiro Filho, colaboraram no entendimento das dinâmicas políticas e sociais do Piauí no século XIX.

As pesquisas desenvolvidas por Vinícius Leão Araújo intituladas *História e Imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875*[34](dissertação) e *Impressos de uma*

---

[24] NEVES, Lúcia Maria Bastos P. Liberalismo político no Brasil: ideias, representações e práticas. In: PEIXOTO, Antônio Carlos; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; PRADO, Maria Emília (org.). *O liberalismo no Brasil imperial*: origens, conceitos e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2013.
[25] HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de história do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
[26] HOLANDA, Sérgio Buarque. *História geral da civilização brasileira*: do Império a República. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. v. 7.
[27] CARVALHO, José Murilo. *A construção nacional (1830-1889).* Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
[28] CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem*: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
[29] CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*: o imaginário da República no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
[30] MOLINA, Matias M. *História dos jornais no Brasil*: da era colonial à regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
[31] BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil (1800-1900).* Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
[32] SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1994.
[33] QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita de. *Educação no Piauí (1880-1930)*. Imperatriz: Ética, 2008.
[34] ARAÚJO, Vinícius Leão. *História e Imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875.* Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós- Graduação em História, Teresina,2013.

monarquia em abandono: modernização, escravidão e propaganda republicana na imprensa piauiense de 1868 a 1889[35](tese),foram essenciais no desenvolvimento da presente pesquisa, uma vez que ambas não apenas apresentam a figura de David Moreira Caldas e sua relevância na imprensa piauiense desenvolvida na segunda metade do século XIX, mais também abordam de uma forma mais ampla a imprensa e a sociedade daquele período. Logo, a dissertação de Araújo promove uma importante contribuição para a presente pesquisa à medida que analisa como a cultura política apresentava-se na imprensa produzida entre os anos de 1868 e 1875. Em seguida, a tese de Araújo presta fundamentais colaborações com a presente pesquisa conforme dedica-se a investigar como a imprensa piauiense desenvolvida entre os anos de 1868 a 1889, apresentavam um ideal modernizante, tendo em vista que estes jornalistas possuíam conhecimentos técnicos- científicos que lhes despertavam o anseio pela modernização, sendo os jornais os principais veículos onde esses anseios figuravam visando influenciar na construção de uma nova sociedade.

A fim de organizar o estudo, a dissertação foi dividida em três capítulos, sendo o primeiro intitulado de *O Piauí na Tecitura da História Republicana Brasileira*, que objetivou abordar as dinâmicas estabelecidas entre as principais vertentes políticas existentes no Império brasileiro, enfatizando o ideário republicano; buscou-se também analisar como se deu o processo de surgimento da imprensa no Brasil, quais as singularidades presentes nesse processo e a importância da imprensa para o cenário político brasileiro; por fim, abordou-se a vida e as produções jornalísticas de David Moreira Caldas, diretamente relacionadas à defesa e propagação do ideário republicano no Brasil, participando, dessa forma, do início da consolidação da ideologia republicana no país.

O segundo capítulo foi intitulado *Uma imprensa republicana no solo piauiense,* no qual procurou-se debater o cenário político brasileiro levou ao surgimento da imprensa republicana no Piauí e como os jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* surgiram, quais as suas principais características e como ambos se dedicaram aos processos de desconstrução de um imaginário monárquico, nas denúncias das mazelas socais que afligiam o Brasil e a província do Piauí e na defesa e propagação do ideário republicano no recorte temporal de 1868 a 1875.

O terceiro capítulo, intitulado *A pluralidade de narrativas sobre o ideário republicano na imprensa piauiense*, que se ocupou em analisar as narrativas construídas nos jornais

[35] ARAÚJO, Vinícius Leão. *Impressos de uma monarquia em abandono: modernização, escravidão e propaganda republicana na imprensa piauiense de 1868 a 1889.* Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em História, Porto Alegre, 2021.

conservadores *A pátria e O Piauí* em torno do ideário republicano, visando um maior entendimento sobre como esse ideário é analisado para além das narrativas dos periódicos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* e o fluxo de ideias estabelecidas entre estes periódicos. Buscou-se analisar os enfrentamentos e debates das figuras públicas na imprensa, que muitas vezes saíam do âmbito do debate das ideias e atingiam questões de cunho pessoal, como estratégia de tirar a credibilidade do adversário com o qual o debate é travado. Também foram analisadas as conexões e diálogos estabelecidos pelos jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, visando uma maior compreensão de como ambos os jornais fizeram repercutir o ideal republicano no Piauí ao mesmo tempo que se desconstruía o ideário monárquico. Os jornais citados anteriormente possuem uma riqueza de diálogos com outros jornais nacionais, tais como *Opinião Nacional*, *Democrata Pernambucano*, *Opinião Liberal*, *Jequitinhonha*, *Correio Paulistano*, *A República* de Pernambuco, *A República* do Rio de Janeiro, dentre outros.

Dessa forma, a dissertação centrou-se em abordar o ideário republicano na imprensa piauiense entre os anos de 1868 a 1875, analisando, por consequência, os acontecimentos de ordem social e política que o Piauí e o Brasil enfrentaram durante esse período, em como esses acontecimentos repercutiram na imprensa piauiense e nas narrativas desenvolvidas em torno deste ideário republicano. Os homens públicos que estavam à frente da produção dos jornais, muitos deles ligados a partidos políticos, também se fizeram presentes na dissertação, que deu destaque a figura do jornalista piauiense David Moreira Caldas, principal nome da imprensa republicana no Piauí.

2 O PIAUÍ NA TECITURA DA HISTÓRIA REPUBLICANA BRASILEIRA

O presente capítulo tem como objetivo analisar como o Piauí inscreveu-se na tecitura da história republicana brasileira, abordando, primeiramente, como se deu o desenvolvimento da imprensa no país, as singularidades apresentadas nesse processo e a sua relevância para a sociedade brasileira.

Posteriormente, é apresentado o jornalista, professor e político David Moreira Caldas, um dos principais responsáveis pela defesa e propagação do ideário republicano no Piauí, sobretudo por meio da sua atuação como jornalista, nos jornais de sua autoria intitulados *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, que circularam entre os anos de 1868 e 1875.

2.1 Um panorama da política imperial brasileira

O século XIX foi fundamental na constituição do que hoje entende-se como Brasil, haja vista que ao longo deste século sucederam-se inúmeros eventos que marcaram a história nacional, como a chegada da família real portuguesa no Brasil em 1808 sendo responsável pela instauração de um novo momento político, econômico e social.

Uma das primeiras atitudes tomadas por Dom João foi a outorga da Carta Régia decretando a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, como é indicado pela historiadora Leslie Bethell: "na prática significava o comércio britânico"[36], o que é confirmado pelos tratados assinados posteriormente entre as duas nações em 19 de fevereiro de 1810. O primeiro tratado, de comércio e navegação, forneceu privilégios aos ingleses como, por exemplo, uma taxa de 15% sobre os produtos britânicos importados no Brasil. O segundo tratado era de aliança e amizade, que dentre os temas abordados apresentava um artigo sobre a escravidão, no qual Portugal concordava em contribuir com a Grã-Bretanha em um projeto de uma abolição gradual da escravidão. Logo, percebe-se ainda no início do século XIX a consolidação de alianças que seriam responsáveis por guiar os caminhos políticos, econômicos e sociais do país.

[36] BETHELL, Leslie. *A abolição do comércio brasileiro de escravos*. Brasília: Senado Federal, 2002. p. 24.

Esse novo momento vivenciado pelo Brasil, em que o país se tornou a sede da monarquia portuguesa, é responsável pela promoção de mudanças nos mais diversos aspectos, tais como na própria estrutura física do país, sendo desenvolvidos projetos de construção de universidades, bancos, palácios, de uma imprensa, dentre outras instituições. A intenção era estruturar o país para receber a corte portuguesa e "preparar a acanhada cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro para bem receber a corte e tornar-se a nova sede da monarquia lusitana[37]".

Posteriormente, um fato histórico de grande importância no Brasil do século XIX para a constituição do que compreende-se como nação brasileira é a Proclamação da Independência no ano de 1822, o qual apesar de possuir suas próprias singularidades também apresenta determinações de ordem geral, uma vez que percebe-se um movimento de independência em colônias inglesas, espanholas e portuguesas a partir da segunda metade do século XVIII e ao longo do século XIX, como é indicado por Emília Viotti da Costa[38], que se dedica a analisar os motivos que levaram a queda do tradicional sistema de relações estabelecidos entre colônias e metrópoles ao longo dos séculos. Segundo a autora um dos principais motivos responsáveis por tornar esse sistema inexequível é o caráter restritivo do comércio e da produção, uma das principais marcas desse sistema, indo de encontro ao processo de industrialização vigente, exigindo uma reformulação da teoria econômica, sendo substituído o mercantilismo pelo livre-cambismo, "mais adequadas ao novo estágio de desenvolvimento econômico e aos interesses dos novos grupos associados ao processo de industrialização"[39].

Um outro evento que possuiu o poder de desorganizar e reorganizar as estruturas estabelecidas no sistema imperial brasileiro, corresponde à abdicação de D. Pedro I ao trono no ano de 1831 em favor de seu filho de apenas 5 anos de idade Pedro de Alcantara, que subirá ao poder por meio do que ficou conhecido como golpe da maioridade em 1840, assumindo o trono brasileiro e tornando-se uma das figuras históricas mais marcantes do século XIX no Brasil, uma importância que pode ser explicada pela longevidade do seu governo, permanecendo no trono por quase cinquenta anos, participando de inúmeros acontecimentos na vida política do país, encerrando-se apenas com a Proclamação da República em 1889.

O século XIX assistiu um lento processo da campanha abolicionista no Brasil, que apresentou-se por meio da promulgação de leis como Lei Eusébio de Queiroz (1850) decretando

---

[37] SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil:* uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 176.
[38] COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*: momentos decisivos. 9. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 21.
[39] COSTA, 2010, p. 23.

a proibição do tráfico de escravizados no país; Lei do Ventre Livre (1871) determinando que a partir de 28 de setembro de 1871 os filhos do ventre das escravizadas nasceriam livres; Lei dos Sexagenários (1885) determinando que escravizados a partir dos 60 anos fossem libertos; por fim, a Lei Áurea (1888) que extinguiu a escravidão. "Com o término da Guerra do Paraguai, as campanhas em prol da República e da abolição da escravidão voltaram a se agitar"[40]. No trajeto percorrido para alcançar o abolicionismo no país, ocorreu uma intensificação a partir da década de 1870, o que somado as dificuldades deixadas pela Guerra do Paraguai e a agitação promovida pelo crescimento da campanha republicana em todo o país, contribuíram efetivamente para o declínio do poder monárquico no Brasil.

Maria Emília Prado[41]aborda em seu texto a forte contradição sobre a escravidão presente no império brasileiro, uma vez que após a independência almejava-se um projeto de integração à civilização, o qual não adequava-se ao enraizado sistema escravocrata presente no país, do qual o império não conseguiria dissociar-se com facilidade, pois esse sistema obedecia a lógica do capital, sendo fundamental no comércio colonial, pois a economia era essencialmente rural voltada a produção e comercialização do café, como apresentado por Prado "no momento do rompimento dos laços coloniais ocorreu simultaneamente a demanda pelo café."[42]

Esta dissertação não tem como foco abordar a escravidão, analisando com profundidade os meandros que envolvem cada uma dessas leis em torno da abolição, no entanto, ao tratar sobre uma imprensa no século XIX, principalmente no período de 1868 a 1875, temas como a escravidão e o legado da Guerra do Paraguai repercutem recorrentemente nas páginas dos jornais, sejam eles de cunho liberal, conservador ou republicano. A diversidade de acontecimentos de caráter histórico no século XIX é analisado por José Murilo de Carvalho, que diz:

> Entre 1831 e 1889, o Brasil consolidou sua independência, garantiu a unidade da antiga colônia portuguesa, definiu suas relações com os países vizinhos no rio Prata, fundou uma monarquia constitucional representativa, manteve a liberdade de imprensa e a competição partidária, deu os primeiros passos na industrialização, e embora lentamente, livrou-se do trabalho escravo, compensando-o com a imigração de trabalhadores europeus[43].

---

[40] SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 299.
[41] PRADO, Maria Emília. Memorial das desigualdades: os impasses da cidadania no Brasil (1870-1902). Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 59.
[42] PRADO, 2005, p. 60.
[43] CARVALHO, José Murilo de. *A construção nacional (1830-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 83.

Como indicado por Carvalho na citação anterior, são muitos os eventos de ordem política, econômica e social pelos quais passa o Brasil ao longo do século XIX. Diante disso, é fundamental a compreensão de que um século é um recorte temporal extenso, assim, mesmo tratando do século XIX, esta pesquisa não possui a intenção de abordá-lo em toda a sua extensão, nem englobar as diversas perspectivas em que pode ser estudado, como a econômica, política, social ou cultural, uma vez que a investigação dedica-se a estudar um período de sete anos, entre 1868 e 1875, focalizando o processo de disseminação das propagandas republicanas e as diferentes representações sobre o ideário republicano na imprensa como forma de influenciar a opinião do público de maneira positiva ou negativa sobre o projeto político e ideológico republicano.

Assim, ao elencar acontecimentos como a chegada da família real, a Proclamação da Independência, a abdicação ou o golpe da maioridade, não se atribui relevância apenas a eles, tentou-se introduzir acontecimentos históricos que influenciaram a estrutura política e social do país neste vasto século até a proclamação do sistema republicano. Tantos acontecimentos promovidos em um século leva a uma reflexão sobre a sua magnitude, seu grau de importância para o Brasil, que se constituiu nesta temporalidade como uma nação, sendo fortalecido um sentimento de identidade dos habitantes deste território.

Uma das marcas do Brasil oitocentista é sua estruturação política e partidária, aspectos que refletiam diretamente nas dinâmicas políticas e sociais, destacando-se três principais vertentes políticas: a conservadora, a liberal e a republicana, cada uma dessas vertentes nutridas por ideologias que guiavam seus posicionamentos em meio a sociedade que pertenciam.

Em uma perspectiva histórica, o termo ideologia está associado à França do século XVIII, especificamente à figura de Napoleão, que denominou partido dos ideólogos um grupo de pensadores formado por "Cabanis, Volney, Destutt de Tracy"[44]. Ideologia, no século XIX, passou a denominar um grupo de ideias pertencentes a uma temporalidade, logo, ao tomar-se o século XIX como um objeto de análise para compreender as ideologias vigentes, pode-se perceber a coexistência de ideologias como a liberal, conservadora e, posteriormente, a republicana, que tinham uma capacidade de agregação de pessoas em torno de ideias e práticas dentro de uma sociedade.

Na contemporaneidade, ideologia é entendida como um importante sistema de ideias, responsáveis por guiar e representar um grupo ou até mesmo gerações. Segundo Gerárd Leclerc, ideologias seriam "argamassas que consolidam as sociedades contemporâneas, a começar pelas

[44] LECLERC, Gerárd. *Sociologia dos intelectuais*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 32.

comunidades intelectuais"[45]. Assim, percebe-se o poder que as ideologias possuem dentro de uma sociedade, sua capacidade de influenciar desde os grupos intelectuais, às principais dinâmicas políticas e sociais, até os sujeitos mais simples que constituem essa sociedade.

O século XIX foi fortemente atravessado por ideologias em todo o mundo e o Brasil esteve em consonância com essa realidade, pois as ideologias liberal, conservadora e republicana fizeram-se presentes na estrutura política do país, influenciando ideias, ações e posicionamentos, o que ganha intensidade com os principais acontecimentos na ordem política do país ao longo do século. Um exemplo que pode ser apontado como um acontecimento no país que abalou a organização política vigente, promovendo adaptações dos grupos sociais foi a abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831.

A abdicação é compreendida como o resultado do fim de uma fase de expressiva popularidade decorrente da Proclamação da Independência em 1822. Mesmo D. Pedro I tendo outorgado a Constituição de 1824 – sendo de aspecto liberal –, a carta constitucional não possuía a legitimidade proporcionada pela votação. Em seguida, pode-se destacar a sua campanha frustrada no Rio Prata e, por fim, um fator que colaborou fortemente para a sua abdicação: a necessidade de defender o trono português pertencente à sua filha D. Maria II. Dessa forma, Dom Pedro I abdica em favor do seu filho Pedro de Alcântara de apenas 5 anos de idade.

Após a abdicação, o Brasil entrou em uma fase de Regência. Segundo Carvalho, "o Brasil não chorava. Tomava com entusiasmo, posse de si mesmo"[46]. No entanto, é nesse momento que se sucederam uma série de revoltas em grande parte do território brasileiro, como exemplo tem-se a Cabanagem no Pará (1835), a Sabinada na Bahia (1837), a Farroupilha no Rio Grande do Sul (1835), dentre outras que são responsáveis por fornecer ao país uma grande agitação política, além da possibilidade de novas organizações de governo e desmembramento territorial.

Segundo Carvalho, o período regencial brasileiro foi dividido em duas fases. A primeira, de 1831 a 1837, sob um controle dos liberais moderados, e a segunda, de 1837 a 1840, sob um controle conservador na política[47]. Esse momento é fundamental na história brasileira, pois, além dos acontecimentos já relatos anteriormente, pode-se perceber não apenas a difusão das ideologias, seja liberal, conservadora ou até mesmo republicana, mas também a estruturação dos principais partidos políticos brasileiros que ditaram o ritmo das dinâmicas políticas

[45] LECLERC, 2004, p. 32.
[46] CARVALHO, 2012, p. 84.
[47] CARVALHO, 2012, p. 87.

nacionais, sendo estes o Partido Liberal, o Partido Conservador e, nas décadas subsequentes, o Partido Republicano.

A ideologia liberal ganha notoriedade majoritariamente no século XVIII, influenciando intelectuais das mais diversas áreas. Assim, diversos teóricos, como Rousseau, Montesquieu, Adam Smith, Mably, dentre outros, passaram a propor um novo olhar sobre as estruturas vigentes, instigando uma crítica contundente às instituições de cunho político e religioso, lançando as bases para a transformação dessas sociedades, como soberania da nação, valorização da liberdade, a igualdade de todos os indivíduos perante a lei, dentre inúmeras outras ideias, que representavam um alicerce nos quais se apoiaram acontecimentos singulares da história mundial, como a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa.

Essa ideologia não ficou restrita apenas à Europa ou à porção norte do continente americano, mas ultrapassou fronteiras, chegando à diversas colônias, influenciando intelectuais e o povo a organizar e promover levantes, dentre os quais o Brasil, especialmente no século XIX. Portugal também passou por uma revolução ocorrida em seu território no ano de 1820, que visava "substituir as práticas do Antigo Regime pelas do liberalismo, embora sob a óptica das mitigadas Luzes ibéricas"[48]. O movimento vintista repercutiu diretamente do outro lado do Atlântico, sendo desenvolvido no Brasil uma corrente liberal baseada em uma cultura política de Portugal, culminando em diversas revoltas que possuíam esse viés ideológico.

Mesmo chegando ao solo brasileiro e influenciando ideologicamente diversos levantes que vão agitar o território nacional, o liberalismo passa por importantes transformações e adaptações de acordo com as necessidades vigentes. Assim, no Brasil, essa ideologia irá repercutir principalmente influenciando em críticas ao sistema colonial.

A ideologia liberal não foi criada em solo brasileiro, não foi elaborada baseando-se nas principais necessidades do país e de sua população, foi importada do continente europeu por uma elite intelectual e foi adaptada às necessidades dessa elite, uma elite majoritariamente latifundiária e escravocrata, que não estava interessada em pôr fim aos seus privilégios dentro dessa sociedade. Costa afirma que:

> Os adeptos dos ideais liberais pertenciam às categorias rurais e sua clientela. As camadas senhoriais empenhadas em conquistar e garantir a liberdade de comércio e autonomia administrativa e judiciária não estavam, no entanto,

[48] NEVES, Lúcia Maria Bastos P. Liberalismo político no Brasil: ideias, representações e práticas. In: PEIXOTO, Antônio Carlos; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; PRADO, Maria Emília (org.). *O liberalismo no Brasil imperial:* origens, conceitos e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2013. p. 76.

> dispostas a renunciar ao latifúndio e à propriedade escrava. A escravidão constituiria o limite do liberalismo no país[49].

Um outro fator primordial que contribui para as diferenças na interpretação dessa ideologia é o alto percentual de analfabetismo no país e a dificuldade no estabelecimento de uma rápida e ampla comunicação, que representavam os principais entraves de cunho material para uma expansão do liberalismo no Brasil.

De acordo com Costa, o liberalismo desenvolvido em terras brasileiras muito divergiu da ideologia liberal que se propagou na Europa, uma vez que ele foi originalmente uma ideologia burguesa, que estava ligada ao desenvolvimento do capitalismo e à crise do mundo senhorial[50]. No Brasil, a ideologia liberal passou por transformações, dadas as características que lhe eram peculiares, tais como o atraso na Revolução Industrial, o sistema de clientela e patronagem e a utilização da mão de obra escravizada, que tornaram insustentáveis o modelo tradicional de liberalismo no país, como é analisado por Costa:

> No Brasil, os principais adeptos do liberalismo foram homens cujos interesses se relacionam com a economia de exportação e importação. Muitos eram proprietários de grandes extensões de terras e elevado número de escravos e ansiavam por manter as estruturas tradicionais de produção ao mesmo tempo que se libertavam do jugo de Portugal e das restrições que este impunha ao comércio[51].

No Brasil, o grupo que formou o Partido Liberal possuía como principais características uma maior abertura para assuntos como a abolição do tráfico, adotando uma postura mais voltada à descentralização administrativa e política do território brasileiro. O grupo que constituía o Partido Liberal era formado majoritariamente por profissionais liberais urbanos e proprietários rurais ligados ao mercado interno.

Para uma maior compreensão sobre o processo de formação dos partidos políticos no Brasil, faz-se necessário atentar-se aos acontecimentos da vida política brasileira principalmente a partir do período denominado por regência. O ato adicional de 1834 foi a única reforma realizada Constituição de 1824 durante o Império, apresentando significativas mudanças na vida política brasileira, dentre elas podem ser destacadas a abolição do Conselho de Estado, a retirada de uma das fundamentais responsabilidades do Poder Moderador que era dissolver a câmara e por fim, foi colocado em vigor uma das medidas que segundo Carvalho[52] mais aproximou o Brasil de um sistema republicano, a saber, foram decretadas a realização de

[49] COSTA, 2010, p. 32.
[50] COSTA, 2010, p. 34.
[51] COSTA, 2010, p. 136.
[52] CARVALHO, 2012, p. 90.

uma votação popular para a eleição de um regente que substituiria a regência trina em vigor. Nesta votação foi eleito para o exercício do cargo Diogo Antônio Feijó, associado a vertente o que presentava "a vitória dos moderados sobre os exaltados e caramurus."[53]

As bases do que será denominado posteriormente como Partido Conservador começam a se fortalecer na condição de uma oposição política aos liberais moderados que se estabeleceram no poder. De acordo com Needell [54] o Partido Conservador foi constituído a partir de alianças realizadas com o que o autor nomeia de "caciques" das oligarquias do Nordeste brasileiro da antiga região açucareira "todos serviram para legitimar o novo partido em suas regiões e conduzi-lo à vitória."[55]

Por conseguinte, com o fim do período de domínio liberal na regência, houve o retorno do grupo intitulado como conservador, liderado por Bernardo Pereira de Vasconcelos[56], que anteriormente atuou como líder liberal e possuía como bandeira um Estado centralizado e forte e um governo alicerçado em classes conservadoras, constituídas por proprietários de terras e escravizados voltados ao mercado externo.

O termo "saquarema" foi a principal insígnia utilizada para denominar os políticos conservadores no país, que dispõe de diferentes versões para a explicação da sua origem. Segundo Ilmar Rohloff de Mattos, conta-se que em 1845, em meio ao domínio liberal no Rio de Janeiro, o padre José de Cêa e Almeida, que exercia a função de subdelegado, implementou no Rio de Janeiro às ordens em que "se autorizava até mesmo o assassínio do eleitor que se recusasse as listas do governo"[57]. Esta mesma localidade teria uma forte influência dos conservadores Joaquim José Rodrigues Torres e Paulino José Soares de Sousa, que possuíam um considerável número de parentes nesta localidade, o que possibilitou a expansão de proteção a tal parentela, esse grupo ficou conhecido como Saquarema, um termo que logo ganhou força, identidade e espalhou-se por todo o país. Mattos afirma:

> Por certo, a rápida expansão do termo saquarema se explica pelo predomínio liberal, entre 1844 e 1848. Carregando sentido depreciativo, uma vez que lembrava 'protegido' ou 'favorecido', e alguns, com maior maledicência, chegavam a relacionar a origem do nome ao verbo sacar (de onde derivaria

[53] CARVALHO, 2012, p. 90.
[54] NEEDELL, Jeffrey D. Formação dos partidos políticos no Brasil da Regência à Conciliação, 1831 – 1857. Almanack Braziliense. São Paulo, n 10, p. 5-22, nov. 2009.
[55] NEEDELL, 2009, p. 10.
[56] Nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais, no ano de 1875, pertencente a uma família de juristas e advogados dotados de prestígio político na sociedade brasileira. Foi político, jornalista, juiz de fora, jurista e ministro da justiça brasileiro, tendo possuído uma grande importância na política brasileira imperial, principalmente frente ao Partido Conservador. Cf.: CARVALHO, José Murilo (org.). *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. São Paulo: Editora 34, 1999.
[57] MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2017. p. 118.

> sacaremos, saquaremos, saquaremas), o termo parecia atender aos anseios dos luzias, ávidos por revidar o apelido que os estigmatizavam[58].

O termo saquarema, sendo adotado como principal forma de referenciação aos conservadores, está diretamente relacionado à necessidade dos liberais em associar um termo que ganhasse caráter pejorativo aos conservadores, sendo uma forma compensatória pelo apelido que os liberais haviam recebido, luzia, termo que originou-se por um derrota aplicada aos liberais mineiros por Barão de Caxias em Santa Luzia, sendo atribuído a eles, assim, o nome luzias, que também logo ganhou um caráter de identidade, como é indicado por Mattos:

> Um partido era claramente caracterizado por um sendo de liderança altamente pessoal, pela ausência de uma agenda ideológica e geral ou de publicações e de manifestos, por sua visível relação com redes de parentesco e por seus apelos a interesses específicos (classe, nacionalidade etc.)[59].

Assim, é perceptível que as ideologias podem ser identificadas por defesa de uma narrativa, por posicionamentos e o pertencimento a um determinado grupo social que partilha dessas ideias. No entanto, essas ideologias são muitas vezes moldadas aos interesses individuais ou de determinados grupos. Portanto, para um melhor entendimento da existência e do posicionamento de um indivíduo é fundamental uma análise da sociedade a qual este está inserido, mas principalmente ao grupo social a que pertence, suas redes de amizades e de inimizades.

A pesquisa de Gladys Sabina Ribeiro[60] apresenta a perspectiva que a década de 1830 no Brasil não havia grupos ou partidos políticos, ao invés dessas denominações, a autora defende a ideia da existência de campos políticos, que se organizavam de acordo com as necessidades de ordem econômicas e sociais. A autora destaca que a concepção de campo político a qual se refere apresenta como uma das suas principais características a fluidez, pois aqueles que estavam associados a ele não eram necessariamente obrigados a possuírem fidelidade aos seus princípios, logo tais campos estabeleciam-se da seguinte da seguinte forma:

> [...] os chamados moderados, exaltados e restauradores ou caramurus formavam campos políticos dinâmicos. Usavam a nomenclatura dada a si mesmos e aos outros, fosse ela atribuída ou assumida, como formas de ataque e de defesa política[61].

---

[58] MATTOS, 2017, p. 119.
[59] MATTOS, 2017, p. 120.
[60] RIBEIRO, Gladys Sabina. A opinião pública tem sido o molho do pasteleiro. In: CAMPOS, Adriana Pereira; CARVALHO, José Murilo de (org.). *Perspectivas da cidadania no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 231.
[61] RIBEIRO, 2011, p. 232.

Segundo Ribeiro foi apenas a partir das eleições de 1833 e dos debates em torno do Ato Adicional, esses diferentes campos estabelecem-se em uma estruturação dividida em situação e oposição, posteriormente progresso e regresso e pôr fim a consolidação dos do Partido Liberal e Conservador[62]. Logo, ao analisar-se os sujeitos que constituíam os partidos Liberal e Conservador, é perceptível que eles pertenciam a uma mesma elite política, econômica e cultural do país, não ocorrendo tão significativas divergências entre eles. Considerando que tanto liberais como conservadores eram porta-vozes dos grupos sociais bastante semelhantes, não é de surpreender que a filiação partidária fosse geralmente mais uma questão de família e parentesco do que de ideologia[63].

Estudar a vida política do Brasil oitocentista requer uma atenção para as estruturas que alicerçam essa sociedade, dentre tais estruturas pode-se citar os grupos sociais que a compõe. Ao analisar a sociedade brasileira do século XIX, Mattos[64] a divide em três principais grupos, chamado pelo autor de "mundos", o "mundo do governo", "trabalho" e "desordem", que segundo ele, são "mundos que se tangenciavam, por vezes se interpenetravam, mas que não deveriam confundir-se por meio da diluição de suas fronteiras"[65].

O mundo do governo gere e é gerido por uma "boa sociedade", que se reconhecem em função das relações que estabelecem com os demais membros daquele grupo, sendo composto por homens brancos, de família abastadas, tendo desde muito cedo sua vida entrelaçada com a política. O segundo mundo ao qual se refere o autor é o "mundo do trabalho", composto pelos indivíduos escravizados dessa sociedade, que estavam sujeitos às mais diversas formas de exploração, não sendo vistos por essa sociedade como uma parte essencial dela, considerando que não eram livres, não possuíam propriedade. Por fim, o autor disserta sobre o "mundo da desordem", que é composto pelos sujeitos que não apresentam as características necessárias para compor nenhum dos dois mundos anteriores eles não fazem parte de uma elite imperial, não são escravizados, no entanto, transitam entre esses dois mundos[66].

Pensar a sociedade oitocentista brasileira em uma perspectiva binômica, acaba tornando a análise reducionista, uma vez que o Brasil imperial não é composto apenas por elites e escravizados, a colonização do país também resultou na formação de "uma massa de homens livres e pobres, que se distribuíram de maneira irregular"[67].

---

[62] RIBEIRO, 2011, p. 232.
[63] COSTA, 2010, p. 163.
[64] MATTOS, 2017, p. 129.
[65] MATTOS, 2017, p. 130.
[66] MATTOS, 2017.
[67] MATTOS, 2017, p. 134.

Ao aproximar e adaptar a estrutura apresentada anteriormente ao Piauí do século XIX, pode-se perceber a repetição de alguns desses padrões, visto que, a sociedade piauiense também apresentava uma elite política e econômica responsável por gerir e ser gerida pelo mundo do governo, da ordem. Apresentava também em sua composição o grupo do trabalho representado pelos indivíduos escravizados.

David Moreira Caldas, uma figura central para a compreensão da defesa e difusão do republicanismo na província do Piauí, pode ser associado ao "mundo do governo", já que, mesmo com as peculiaridades apresentadas em sua trajetória, as questões de cunho financeiro e a não formação superior, ele esteve intimamente ligado ao mundo da política, chegando a exercer um cargo político, além de atuar ativamente nessa sociedade, com destaque para o seu trabalho como jornalista, primeiro um jornalista liberal e posteriormente republicano. Logo, David Caldas compõe nessa sociedade um grupo de letrados, os quais eram as principais personalidades na vida pública da província.

A ideologia republicana também se fez presente no Brasil oitocentista, mas seu ingresso no território nacional não esteve restrito apenas ao século XIX, possuindo um enraizamento mais profundo na história brasileira, ideologia esta que chegou até mesmo a inspirar diversas lutas travadas neste país.

Não se pode estabelecer ao certo quando os princípios republicanos chegaram ao solo brasileiro. No entanto, este ideário pode ter sido o alicerce de diversos levantes que ocorreram no país. Um exemplo dentre esses movimentos atravessados por ideais republicanos é a Conjuração Mineira, ocorrida em Minas Gerais no ano 1789, que propunha o rompimento com a monarquia e a instauração de uma República independente. Os líderes desse movimento foram fortemente influenciados por autores da tradição republicana, e, destacadamente, pelas matrizes norte-americana e francesa, mas não importaram prontamente esses ideais, antes as adaptaram conforme as necessidades da conjuntura política e social brasileira.

Segundo Sílvia Carla Pereira de Brito Fonseca, o termo República apresenta três significados entre o final do século XVIII e o início do século XIX[68]. Primeiramente, definia-se como um território sob o controle de uma autoridade comum; em um segundo momento,

[68] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. O conceito de República nos primeiros anos do Império: a semântica histórica como um campo de investigação das ideias políticas. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 323-350, jan./dez. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1983-201X.6405. Acesso em: 17 abr. 2024.

relaciona-se ao entendimento de uma República como um bem comum e, por fim, tem o seu significado associado a um governo eletivo e temporário.

Segundo Costa, a propagação da ideologia republicana no Brasil possuiu duas principais fases. A primeira enquadrada no fim do período colonial, na qual representou uma revolta contra a metrópole, sendo entendido nesse momento como um republicanismo utópico, pois não existia uma estrutura republicana bem alicerçada, nem mesmo um Partido Republicano instaurado no país. Entretanto, essa situação passou por uma transformação a partir do final da década de 1860, mais especificamente no ano de 1868, quando ocorreu a queda do Gabinete de Zacarias, levando a uma cisão do Partido Liberal em duas alas, a ala dos radicais e dos moderados. Assim, a ala radical do Partido Liberal migrou para o ideário republicano, culminando na formação do Partido Republicano no ano de 1870, um partido que possuía uma significativa adesão de fazendeiros. Dentro deste partido havia duas principais tendências: a revolucionária e a evolucionista. Os adeptos da primeira preconizavam a revolução popular; os outros acreditavam que se chegaria à República pelo controle pacífico do poder, através da via eleitoral[69].

Em convergência com a dinâmica política que se apresentava em território nacional, no Piauí também pode-se analisar a presença das três vertentes políticas, a liberal, a conservadora e a republicana. Contudo, analisar com riqueza de detalhes a formação da origem dos partidos políticos Liberal e Conservador no Piauí constitui uma tarefa difícil. São poucas as fontes que apontam para tais origens. De todo modo, mesmo antes da estruturação de tais partidos políticos no território piauiense, pode-se perceber o surgimento de dois grupos ligados às oligarquias familiares, estando um ligado a importante figura de Sousa Martins, que vai ser associado aos conservadores ou saquaremas, e o outro grupo.

Quando se estruturam os partidos Liberal e Conservador, também são elaborados periódicos que tinham como função essencial defender os interesses desses partidos políticos, tais como o jornal do Partido Liberal *A Imprensa*, o jornal do Partido Conservador *O Piauí* e, posteriormente, os jornais republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, que serão abordados ao longo desta dissertação.

É fundamental o entendimento de que os partidos políticos representam um lugar onde se opera a mediação política. Serge Berstein aponta que o homem não pode ser considerado originalmente um homem político, a julgar que mesmo possuindo aspirações e necessidades, essas necessidades e aspirações estão ligadas ao que é concreto, enquanto a política está ligada

[69] COSTA, 2010, p. 484.

ao discurso e às representações. A ponte que liga essas duas esferas é a mediação política: "a mediação política assume um aspecto de tradução e, como está, exibe maior ou menor finalidade ao modelo que pretende exprimir"[70].

Nesse sentido, mediante a complexidade de analisar as intensas dinâmicas políticas do século XIX, torna-se mais aprazível o uso do termo "cultura política" de Serge Berstein [71], pois esta chave de compreensão é mais efetiva em explicar a complexidade dos comportamentos humanos.

Diante disso, fica evidente que os partidos políticos são fundamentais dentro dessa sociedade, não ficando apenas presos ao campo do político, mas também se tornado um organismo vivo, o qual sempre busca meios de permanecer existindo e fortalecendo-se dentro dessa sociedade, seja ampliando cada vez mais o número de integrantes, participando ativamente dos problemas públicos, posicionando-se ou usando a imprensa como meio de defesa e propagação de suas ideias. Dessa forma, pensar as dinâmicas da sociedade brasileira oitocentista é também pensar as dinâmicas dos partidos políticos vigentes nessa temporalidade, seja o Liberal, o Conservador ou o Republicano, uma vez que eles agem sobre projetos políticos dessa sociedade, sendo uma forma de expressão dela como um todo, e não apenas dos sujeitos que compõem tais partidos.

Assim, percebe-se que o século XIX possuiu uma relevância fundamental na constituição do Brasil e do seu povo, as ideologias políticas povoaram o imaginário do brasileiro, sendo responsáveis por influenciar as dinâmicas políticas e sociais enfrentadas nesta temporalidade, percebendo-se dessa forma uma pluralidade de ideias que podem ser analisadas por meio da imprensa.

2.2 Imprensa, ideias e disputas: a palavra escrita na sociedade oitocentista

O surgimento da imprensa constitui-se como uma resposta a uma necessidade social, estando dessa forma ligada à ascensão de uma burguesia mercantilista. Matias Molina[72] defende

[70] BERSTEIN, Serge. Partidos políticos. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 61.
[71] BERSTEIN, Serge. "A cultura Política". In: RIOX , Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-Franpois. (orgs.) Para uma história Cultural. LIisboa, Estampa, 1998.
[72] MOLINA, Matias M. *História dos jornais no Brasil*: da era colonial à regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 50.

a ideia de que a imprensa nasceu sob os auspícios do capitalismo e que tem acompanhado o seu desenvolvimento.

A imprensa desenvolvida em solo brasileiro possui uma trajetória singular, o que pode ser percebido principalmente em função do ritmo lento da sua implantação, sobretudo se comparado aos países da América Espanhola que possuem uma relação muito mais antiga com esse veículo de comunicação.

De acordo com Matias Molina os registros históricos mostram que, ainda no século XVI, países da América Espanhola já apresentavam gráficas instaladas em seu território, que visavam catequizar os indígenas, o que levava muitas dessas obras a serem escritas em línguas indígenas[73]. Assim, países como Peru e México receberam as primeiras gráficas deste território americano, que logo se tornaram uma necessidade ainda mais urgente com a fundação da primeira universidade na Cidade do México, o que exigia a impressão de obras para os estudantes. O primeiro impresso que se aproxima no estilo jornalístico deu-se em 1541 por Juan Pablos. Molina destaca que: "Em 1570 já havia quatro prelos e uma loja de livros, e em 1600 oito tipografias, que produziram 240 títulos"[74]. Esses dados levam a inferir sobre a considerável diferença entre a porção da América dominada por espanhóis e a dominada por portugueses, acerca da produção de impressos.

O atraso no desenvolvimento de uma imprensa no Brasil gerou e ainda gera muitos debates entre os pesquisadores, sendo levantadas diferentes hipóteses. Dentre elas pode-se destacar uma repressão por parte da Coroa Portuguesa em relação a impressos produzidos em sua colônia na América, uma hipótese embasada na Carta Régia de 1747, que ordenava pôr fim à tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca, corroborando a ideia de uma repressão excessiva sobre a imprensa no Brasil. Entretanto, fora a Carta Régia citada, não se encontra uma outra clara proibição acerca da produção de uma imprensa em território brasileiro. Somado a este fator, o desenvolvimento da imprensa seguiu uma outra trajetória em colônias portuguesas do continente asiático e africano, que desenvolveram seus veículos de imprensa.

Outros fatores a serem atribuídos como explicativos deste questionamento sobre o considerável atraso no desenvolvimento de uma imprensa nacional, são algumas dificuldades de cunho estruturais do país, como é destacado por Molina:

> A baixa densidade demográfica, a composição social da escassa população, o baixo índice de urbanização, o elevado nível de analfabetismo e uma desigual

[73] MOLINA, 2015, p. 52.
[74] MOLINA, 2015, p. 52.

> distribuição da renda foram obstáculos para o desenvolvimento de uma imprensa forte no Brasil[75].

Dentre os fatores citados por Molina, pode-se destacar a baixa densidade demográfica do país nos primeiros séculos de colonização, um quadro que só passou a reverter-se consideravelmente no século XVIII com a descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais, atraindo um enorme contingente populacional interessado na exploração destas riquezas. Assim, a baixa densidade populacional que o Brasil apresentou até meados do século XVIII não teria exigido uma necessidade emergencial na produção de uma imprensa brasileira.

Um outro fator fundamental a ser considerado neste atraso é o alto grau de analfabetismo vigente no país. Assim, pode-se inferir que a falta de interesse na produção de uma imprensa no território do Brasil estaria relacionada à falta de uma demanda para consumir tais produções, como disserta Marialva Barbosa, ao pensar em outro continente:

> Tal como aconteceu com a Europa Ocidental, a partir do século XIII, quando as novas cidades comerciais construíram nova ordem social, levando a criação de novos sistemas de trocas, também aqui a abertura comercial, a instalação da burocracia oficial e a transferência da família real e de seu séquito produzem mudanças econômicas, sociais, políticas e, sobretudo, culturais. Na trilha da troca de mercadorias se estabelece a troca de informações.[76]

Antes da implementação de uma imprensa no território brasileiro, existem indícios de uma rede de comunicação, que se configurava por trocas de informações, não a existência de uma verdadeira imprensa, visto que está só se configura "a partir do momento em que a transmissão de informações regular se torna pública, ou seja, acessível ao público em geral"[77].

O surgimento da imprensa no Brasil suscitou inúmeros debates, sem consenso, sobre qual jornal teria sido o primeiro do país. No entanto, a memória que vigorou por muitos anos acerca do surgimento da imprensa no Brasil está intimamente associada à chegada da família real no ano 1808, como pode ser analisado pelo trabalho produzido por Alfredo de Carvalho intitulado *Monografia, ou trabalho histórico sobre a gênese e os progressos da imprensa periódica no Brasil*, publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em comemoração ao centenário da imprensa no Brasil no ano de 1908, que considera como o primeiro jornal do país *A Gazeta* do Rio de Janeiro, sendo a data de comemoração instituída por ele a de 13 de maio de 1808, data que será posteriormente alterada para 1° de junho, como

[75] MOLINA, 2015, p. 345.
[76] BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil (1800-1900). Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 20.
[77] BARBOSA, 2010, p. 20.

uma homenagem ao jornal *Correio Braziliense*, produzido por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça.

A imprensa reflete as necessidades e anseios de determinados momentos históricos. Dessa forma, é nítida a diferença da imprensa produzida no período que vai do Império à Regência e do Império à República, pois são promovidas mudanças centradas no conteúdo e no papel desempenhado em cada um desses períodos.

Assim, de acordo com Nelson Werneck Sodré[78], ao tratar sobre a influência das questões políticas na forma de produzir a imprensa, nos periódicos produzidos no momento político brasileiro denominado como Regência, percebe-se um tom mais radicalizado, uma consequência direta do momento político vivenciado no país, que emergia revoltas e enfrentava um clima de constante agitação política, chegando a provocar em alguns desses periódicos a apresentação de um tom republicano. O autor destaca que:

> Na fase anterior, de avanço liberal, de luta política, de doutrinação, de ânsia pelas mudanças, a proliferação de jornais e pasquins estendia-se às províncias mais distantes. A pregação chegara a extremos limites: o da República, por exemplo. Essa pregação foi esmorecendo, pouco a pouco, à medida que a repressão preparava o ambiente do domínio absoluto do latifúndio[79].

Por conseguinte, nos primeiros decênios, após a subida de D. Pedro II ao poder, a situação política do país apresenta uma estabilidade, o que influencia diretamente o conteúdo e o papel da imprensa produzida no período. Uma característica percebida na imprensa é uma amenização do caráter político presente ao longo da Regência, o que é evidenciado por um declínio do jornalismo político nas províncias. Logo, a imprensa desse período aproxima-se de um caráter mais literário, sendo algumas das figuras de destaque José de Alencar e Machado de Assis, que são exemplos marcantes da fusão entre literatura e imprensa.

No entanto, a partir de meados da década de 1860, o país enfrenta problemas de caráter político e econômico, muitos deles decorrentes da Guerra do Paraguai, as pressões para a abolição da escravatura e a propagação da ideologia republicana. Destarte, a imprensa também precisa adequar-se à nova realidade vivida no país, adotando uma postura menos neutra e mais agressiva.

Em consonância com a história do desenvolvimento da imprensa no Brasil, a província piauiense também apresentou uma demora para o desenvolvimento de uma imprensa, a qual explica-se por questões de ordem estruturais, que vão desde de a morosidade para a implementação de uma tipografia a alta taxa de analfabetos na província. De acordo com o

[78] SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 210.
[79] SODRÉ, 1999, p. 213.

historiador Pedro Vilarinho Castelo Branco o primeiro jornal que têm-se conhecimento no Piauí foi o periódico *O Piauiense*, o qual foi impresso na Tipografia Silveira & Cia, "com o maquinário vindo da Bahia e instalado em Oeiras, trazido ao Piauí pelo padre Antônio Fernandes da Silveira, sacerdote e político natural de lagarto (Sergipe)"[80].

Por conseguinte, pode-se destacar o jornal *O Correio da Assembleia legislativa do Piauí* do ano de 1835, um jornal oficial responsável por apresentar informações sobre a Assembleia Legislativa da Província do Piauí. Por fim, pode-se destacar o jornal *O Telégrafo* no ano 1839, impresso na imprensa oficial e associado a figura de Manuel de Sousa Martins[81], Barão e posteriormente Visconde da Parnaíba, uma figura de política de grande importância na província piauiense e no império. Dessa forma, percebe-se que a imprensa surgiu no território piauiense apenas no período da Regência, não constituindo uma imprensa independente, crítica e opositora, nesse primeiro momento de desenvolvimento, notam-se jornais de caráter oficial e associados a figura de Manoel de Sousa Martins, "no período que se estende de 1823 a 1843, momento em que a oligarquia de Sousa Martins governou o Piauí, não havia espaço para o aparecimento de jornais noticiosos e independentes"[82].

Para pensar a história e a importância do papel da imprensa, é necessário ser levado em consideração a precariedade da instrução dos indivíduos que habitavam essa província. Quando surgiu o primeiro jornal do Piauí, no ano de 1832, havia cinco escolas nesta província, sendo duas em Oeiras, a então capital, uma em Campo Maior, uma em Valença e outra em Parnaíba, como é apontado por Celso Pinheiro[83]. Assim, entende-se que a precariedade na instrução dos piauienses e a falta de recursos levou a um tardio desenvolvimento de uma imprensa própria.

O analfabetismo massivo da população é uma marca do século XIX em todo país. E no Piauí não seria diferente. Ao analisar as questões relacionadas à educação, pode-se perceber os diversos motivos que levam a essa precariedade, dentre eles a falta de investimento, baixos salários, estrutura precária dos espaços destinados à educação, a distância até as escolas e até mesmo concursos fraudulentos, como é indicado pela historiadora Teresinha Queiroz:

---

[80] CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Imprensa e política no Piauí, no período Regencial e início do Segundo Reinado. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita (org.). *Páginas impressas*: história, imprensa e política no Brasil. São Paulo: Mentes Abertas, 2020. p. 26.

[81] Nasceu em Oeiras em 8 de dezembro de 1767, filho de Manuel de Sousa Martins e Ana Rodrigues de Santana, possuindo uma considerável fortuna quando adentra no mundo da política, permanecendo na presidência da província por 20 anos, morreu em 20 de fevereiro de 1856. Cf.: CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. *Obra Completa*. 2. ed. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013. p. 435.

[82] CASTELO BRANCO, 2020, p. 25.

[83] PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997.

> Professores semianalfabetos ou até analfabetos, segundo as folclóricas notas da imprensa; concursos em geral fraudulentos; ordenados miseráveis e frequentemente atrasados; inexistência de prédios escolares e de verbas para o aluguel de salas para esse mister; perseguições políticas por parte de inspetores literários; total inexistência do material didático, inclusive de quadro de giz e livros[84].

Acerca da educação primária, Monsenhor Chaves aponta que existia no Piauí entre os anos de 1852, quando a capital da província é transferida de Oeiras para Teresina, até 1872, cerca de 4 escolas, seguindo um regulamento que instituía que cada paróquia na província deveria possuir 2 escolas, uma para cada sexo. No entanto, não foi necessária essa quantidade devido à baixa frequência dos alunos. Quase que só meninos de classe média iam às aulas da província. Os meninos ricos estudavam de preferência nas escolas particulares, onde o aproveitamento era mais rápido e mais sensível[85].

A primeira escola pública de ensino secundário no Piauí foi o Liceu Piauiense, fundada apenas no ano de 1845, em Oeiras, posteriormente transferida para Teresina, quando tornou-se capital do Piauí. Todavia, mesmo diante de tais dificuldades estruturais, como a falta de uma educação de qualidade para todas as parcelas da população, o que contribuía com a alta taxa de analfabetismo na província, a imprensa possuiu papel fundamental nessa sociedade, pois nesse período foram produzidos muitos periódicos, principalmente com um caráter político que dialogavam entre si, seja em consonância ou dissonância, é por meio desta imprensa intimamente ligada as dinâmicas da vida política do Piauí na segunda metade do século XIX que pode-se ter um compreensão mais ampla dessa sociedade e de seus anseios.

Nesse cenário de disputas políticas entre o Partido Conservador, Partido Liberal e a propagação do ideário republicano, os jornais foram o principal veículo de divulgação dessas ideologias, de enfretamento entre os homens públicos da sociedade brasileira e piauiense.

Entre os anos de 1868 e 1875 percebe-se uma ampliação da propagação do ideário republicano em todo o Brasil, no Piauí, também se fez presente, em grande medida, pela propaganda e defesa desse ideário pelo declaradamente republicano David Moreira Caldas, que por meio de sua atuação nos jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, constituiu-se como parte atuante em uma rede de defesa e compartilhamentos de ideias republicanas presentes em diversas províncias do país.

---

[84] QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita de. *Educação no Piauí (1880-1930)*. Imperatriz: Ética, 2008. p. 12.
[85] CHAVES, 2013, p. 33.

Um ideário não se propaga apenas pelas vozes de defesa em torno dele, mas também pelas críticas, pelas acusações que lhe são direcionadas por seus opositores. O ideário republicano esteve presente também em jornais liberais e conservadores, seja pela proximidade que muitos republicanos possuíam do Partido Liberal, pois muitos desses republicanos estiveram em grande parte da sua vida pública vinculados a esse partido, como é o caso de David Caldas, que mesmo tendo se declarado republicano ainda matinha um vínculo próximo aos liberais; seja pela divergência com o Partido Conservador que foi um dos seus principais opositores no âmbito nacional e regional.

A imprensa oitocentista, principalmente a partir da década de 1860, foi um campo de disputas de ideias e de poder dentro da sociedade brasileira e piauiense, um espaço em que homens públicos ligados a ideologia liberal, conservadora e republicana digladiavam-se em busca da defesa de suas opiniões e de seus espaços de poder.

Dessa forma, mesmo que em âmbito nacional e regional, a imprensa tenha se desenvolvido com atraso, o que estava relacionado principalmente às questões de cunho estrutural, a imprensa foi um espaço essencial no Império brasileiro e estava diretamente relacionada às dinâmicas políticas e sociais, sendo o palco das principais disputas e acontecimentos, constituindo uma forte tradição, mesmo em uma sociedade majoritariamente de tradição oral.

2.3 David Caldas: o paladino da República no Piauí[86]

David Moreira Caldas é uma figura de bastante destaque na sociedade piauiense, que, por meio de seus jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, foi umas das principais vozes na defesa do ideário republicano. Filho do Capitão Manuel Joaquim da Costa Caldas e de D. Manuela Francisca Caldas, David Caldas nasceu na fazenda de Morrinhos, em Barras, em 22 de maio de 1836.

"Louco ou iluminado?" O questionamento feito por Viriato Correia no *Jornal do Brasil*[87] acerca de David Moreira Caldas suscita uma reflexão a respeito da vida, obra e lutas

[86] O título deste capítulo foi retirado de um discurso proferido por Higino Cunha na sessão solene comemorativa do centenário do nascimento de David Moreira Caldas na Academia Piauiense de Letras no ano de 1935.

[87] Foi fundado em 9 de abril de 1891 por Rodolfo de Souza Dantas, no início da República brasileira, a partir de 1893 passa a ser dirigido pelo líder republicano Rui Barbosa, deixando de assumir uma postura monarquista e passou a ser legalista a favor da República, mas contra o governo de Floriano Peixoto. Cf.: FONSECA, Letícia Pedruce. *A construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século*

desse piauiense associado ao ideário republicano, que possuía um discurso atravessado pelas problemáticas e anseios da sua época, mas também voltado ao futuro, mais especificamente ao futuro do Brasil, à superação das mazelas enfrentadas pelo povo brasileiro, dentre as quais pode-se destacar o sistema imperial brasileiro, a escravidão e a corrupção, que, na opinião deste republicano, eram alguns dos principais símbolos de atraso para o povo brasileiro.

Perante o exposto, torna-se evidente que, assim como nas demais províncias brasileiras, no Piauí o ideário republicano também se fez presente, levando à construção de diferentes narrativas e suscitando debates no seio da sociedade piauiense, que tinham como principal veículo os jornais. Ao analisar a repercussão desse ideário nesta província, percebe-se David Moreira Caldas como o mais evidenciado, já que ele foi, no Piauí, o único jornalista a produzir periódicos que se autodeclararam republicanos, sendo a própria vida de David Caldas marcada pela defesa deste pensamento.

Uma das marcas que atravessaram a vida de David Caldas corresponde aos problemas ligados à saúde mental, que teve que enfrentar ainda cedo, como pode ser analisado na publicação do jornal *O Propagador* escrita por seu próprio pai Manoel Joaquim da Costa, que é reproduzida a seguir.

> Manoel Joaquim da Costa Caldas, recorre a imprensa para fazer público que seu filho David Moreira Caldas, que havia enfermado gravemente na vila de Jaicós, sofrendo de uma alienação mental, acha-se já no todo restituído ao seu estado normal, muito contribuindo para tão feliz resultado o zelo e aptidão com que o sr. Dr. Simplício de Sousa Mendes se prestou a receitá-lo, tendo perfeitamente compreendido o caráter da moléstia, de sorte que, foi eficazmente em todo seu receituário, pelo que muito agradecido se mostra a tão distinto facultativo. Aproveita outrossim a ocasião para testemunhar seu eterno reconhecimento aos doutores Antônio de Sousa Martins e Carlos Luiz da Silva Moura pelos favores que se dignaram prestar a seu dito filho naquele estado digno por certo de compaixão: do mesmo modo a todos os seus numerosos amigos que por semelhante ocorrência a ele se dirigiram acompanhando-o em seus pesares, que felizmente já não o afligem ao traçar estas linhas. Barras 5 de julho de 1858. Manoel Joaquim da Costa[88].

O texto traz indicativos de um problema de saúde mental enfrentado por ele no ano de 1858, do qual, segundo seu pai, já havia se recuperado, aproveitando o espaço da imprensa para

XX. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

[88] ANÚNCIOS. *O Propagador*, Teresina, ano 1, n. 22, p. 6, 3 jul. 1858.

agradecer aos Drs. Simplício de Sousa Mende[89], Antônio de Sousa Martins[90] e Carlos Luiz da Silva, por toda a ajuda oferecida a David Caldas quando ele esteve doente.

Apesar de ter enfrentado problemas de saúde mental, a ideia de loucura atribuída a David Caldas ao longo de sua vida pública não se restringia a tais episódios em que enfrentou problemas de saúde, mas também está diretamente ligada à natureza das ideias defendidas pelo jornalista, a forma da sua escrita e de como ele posicionava-se em meio à sociedade que pertencia. Logo, o termo louco usado por seus adversários políticos, majoritariamente membros do partido ou da imprensa conservadora do Piauí, visava a construção de uma narrativa que lhe negava não apenas a sua sanidade mental, mas, por consequência, a credibilidade de suas ideias, sendo a principal a defesa da República, como uma instituição que salvaria o Brasil.

No entanto, para melhor compreender a complexidade de David Caldas em suas diversas facetas, é fundamental ter-se a percepção de que os sujeitos históricos são complexos e suas vidas não seguem caminhos lineares. Por isso, este tópico dedica-se a abordar a vida de David Caldas, levando em consideração a sua complexidade e contradições, sua atuação na sociedade piauiense, suas sociabilidades, tendo como principal foco entender a construção do republicanismo em David Caldas.

Para a elaboração deste capítulo foram usados como fontes os jornais de sua autoria, *O Amigo do Povo* e o jornal *Oitenta e Nove*, ambos de cunho republicano que apresentam muitas análises sobre a vida política e social do Piauí entre os anos de 1868 e 1875. Também pode-se apreender importantes informações sobre a vida do jornalista, seus ideais e lutas. Além destes jornais supraditos, também foi analisado o periódico *A Imprensa*, do qual David Caldas foi um dos principais redatores. Para uma maior compreensão sobre a importância desse piauiense, foram usadas algumas fontes como forma de acessar a memória construída sobre ele, tais como uma autobiografia de David Caldas publicada no jornal *A Imprensa*[91], o livro escrito por seu

[89] Nasceu em Oeiras em 2 de janeiro de 1823, filho do coronel Antônio de Sousa Mendes. Formou-se em medicina na Bahia em 1845, foi professor do Liceu, diretor na Instrução Pública e Médico do Partido Público. Assumiu o governo do Piauí em 1853, quando Saraiva retirou-se da província. Foi eleito Deputado Geral do Piauí em 1861, sendo chefe do Partido Conservador na Província. Com a formação da "Liga" formada por homens como Marquês de Olinda, José Thomás Nabuco de Araújo, Zacarias de Góis e Vasconcelos e José Antônio Saraiva, os liberais ascendem ao poder naquele mesmo ano, permanecendo até 1868. Com a ascensão do gabinete de Itaboraí, foi nomeado ao cargo de vice-presidente da província. Morreu em 4 de julho de 1892. Cf.: CHAVES, 2013, p. 513-515.

[90] Nasceu em Oeiras em 1829, filho de Manuel de Sousa Martins, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito em Olinda em 1853, foi juiz de direito, chefe de polícia, desembargador, ministro do Supremo Tribunal Federal, Procurador- Geral da República, faleceu no Rio de Janeiro 1896.

amigo Licurgo de Paiva, intitulado *À memória de David Caldas*[92], o discurso de Higino Cunha em comemoração ao centenário do seu nascimento, proferido na Academia Piauiense de Letras[93], os jornal *Diário do Piauí*[94], *Correio da Manhã*[95] e *Jornal do Brasil*[96], sendo os dois últimos do Rio de Janeiro, que apresentaram textos sobre David Caldas já no século XX.

2.3.1 David Moreira Caldas: a vida e o reverberar da memória de um republicano

Analisar a infância e a juventude de David Moreira Caldas não constitui uma tarefa simples, devido às fontes sobre este período da vida do piauiense, que são insuficientes. Em um dos poucos relatos encontrados nesta pesquisa sobre o seu pai, David Caldas aponta-o como pai severo e ao mesmo tempo muito próximo aos filhos: "Dedicamos, outrossim, este número do *Oitenta e Nove* a memória de um pai severo, mas verdadeiro amigo de seus filhos: Manuel Joaquim da Costa Caldas, natural da Paraíba do Norte"[97], que teria se mudado para o Piauí no ano de 1831, permanecendo até o seu falecimento, no ano de 1860.

A falta de fontes sobre a infância e a juventude de David Caldas é constatada também pelo intelectual Higino Cunha[98], que ao proferir um discurso na ocasião do centenário de nascimento de David Caldas na Academia Piauiense de Letras aponta para esta dificuldade da construção de uma biografia dele, devido a uma escassez de fontes sobre a sua infância e juventude. Afirma:

---

[92] Jornal liberal lançado em 27 de julho de 1865 tendo como responsáveis Dr. José Manuel de Freitas e Dr. Deolindo Mendes da Silva Moura, possuindo como um dos seus mais destacados redatores o jornalista David Moreira Caldas. O jornal tinha como função além de defender os interesses do Partido Liberal na província piauiense, fazer frente aos conservadores nesta mesma província.

[93] O livro foi escrito por Licurgo de Paiva objetivando homenagear o seu amigo David Moreira Caldas após a sua morte, sendo publicado ainda no ano de 1878, impresso na Tipografia do *jornal Oitenta e Nove*.

[94] Discurso proferido por Higino Cunha na Academia Piauiense de Letras em homenagem ao centenário do nascimento de David Moreira Caldas.

[95] O jornal teve sua primeira edição lançada em 24 de fevereiro de 1911, um jornal dedicado a informações oficiais do Estado do Piauí.

[97] CALDAS, David Moreira. Apontamentos para uma nova ciência. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 29, p. 1, 21 nov. 1874.

[98] Higino Cícero da Cunha nasceu em 11 de janeiro de 1858, a 30 quilômetros da vila de São José das Cajazeiras, hoje cidade de Timon. Estudou no Liceu Maranhense e posteriormente formou-se em Direito na faculdade de Recife, sendo uma importante personalidade na vida pública piauiense, atuando como literato, jornalista e político. Foi fundador da Academia Piauiense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense.

> O professor Anízio Brito, diretor do Arquivo e Biblioteca do Estado, a cuja solicitude devemos as relíquias davídicas expostas aqui neste salão, disse-me uma vez que teve em mãos um folheto de Licurgo de Paiva sobre David Caldas, mas não o encontrou, quando o procurou nos seus papéis reservados. Licurgo foi contemporâneo e amigo de David, também poeta e jornalista; o seu trabalho deve conter dados preciosos sobre os pontos lacunosos da vida do seu imortal confrade[99].

Ao relatar a perda do folheto de autoria de Licurgo de Paiva[100] sobre David Caldas, Higino Cunha promove uma reflexão sobre a necessidade da preservação desses materiais que poderiam lançar luz sobre questionamentos acerca da vida dos sujeitos históricos pesquisados, como David Caldas, sobre o qual não se preservaram apenas as fontes sobre a infância e a juventude, mas também muitas pesquisas realizadas por ele, que se perderam ao longo do tempo, mas que poderiam ser utilizadas como fontes para muitos trabalhos.

David Caldas aponta em sua carta-resposta de caráter autobiográfico, publicada no jornal *A Imprensa*, que desde cedo esteve intimamente relacionado aos liberais, comunicando-se desde a juventude com Tibério César Burlamaqui[101], um dos principais representantes do Partido Liberal no Piauí, exercendo a função de chefe "[...]tinha eu apenas 15 anos de idade e já me correspondia, em 1850, com o chefe do partido liberal da província, o Sr. Tibério Cesar Burlamaqui, de saudosa memória [...]"[102]. Para melhor compreender a natureza dessa autobiografia de David Caldas, é necessário atentar-se ao contexto em que ela foi elaborada. Assim, a trajetória de um sujeito histórico só pode ser compreendida se for levado em consideração o contexto no qual ela se desenrolou, como é apontado por Bourdieu:

> Não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram – o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros

---

[99] CUNHA, Higino. David Moreira Caldas. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 20, n. 16, p. 141-151, 1937. p. 142.

[100] Nasceu em Oeiras em 18 de março de 1842, sendo filho do tenente-coronel Miguel Henrique de Paiva e de sua amásia Carolina Joaquina Bento. A mudança da capital de Oeiras para Teresina faz com que sua família se mude para a nova capital. Em Teresina, Licurgo conclui o curso primário e entra no Liceu. Em 1861, é mandado para Recife para ultimar os preparatórios e matricular-se na Faculdade de Direito. Em Recife publica seu primeiro livro intitulado *Flores da noite*, em 1866, recebendo elogios de Lima Barreto, passando a dedicar-se à carreira literária e a abandonar o curso de Direito, voltando a Teresina em 1867. Desempenhou as funções de funcionário público, Secretário da Câmara Municipal, até o vício da embriaguez lhe retirar a lucidez intelectual. Morreu em 1887 em Jerumenha. Cf.: CHAVES, 2013, p. 480.

[101] Tibério César Burlamaqui (1810-1863), filho do coronel português Carlos César Burlamaqui, que foi governador do Piauí e depois de Sergipe, e de dona Maria Benedito Castelo Branco. Foi um político destacado, chegando mesmo a ser chefe do Partido Liberal na província, foi redator do jornal *O Eco Liberal*. Cf.: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997. p. 40-43.

[102] AO PÚBLICO. *A Imprensa*, Teresina, ano 4, n. 172, p. 2, 7 nov. 1868.

> agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis[103].

Dessa forma, David Caldas escreve esse texto expondo a partir do seu ponto vista os principais acontecimentos sobre a sua vida, depois do mesmo ter sido acusado pelo periódico conservador *O Piauí*[104], que teria lhe atribuído a alcunha de "liberal de frescas datas", acusando-o de ter possuído um passado monarquista. Assim, ao escrever o seu texto, David Caldas fez questão de ressaltar que possuiu uma longa trajetória liberal. Ao abordar a teoria da História de Vida, Bourdieu aponta para algumas características que compõem essa narrativa. Dentre elas, pode se destacar:

> Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido do ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo[105].

Nesse sentido, percebe-se o cuidado e a necessidade que David Caldas sente em apresentar sua vida de uma forma organizada, cronológica, dando um sentido linear a sua trajetória. Dessa forma, ele não poderia ser um "liberal de frescas datas", porque estaria desde sua juventude associado aos liberais.

Os seres humanos são dotados de complexidades e singularidades, logo, ao realizar um trabalho histórico, é necessário ter-se em mente que a trajetória dos indivíduos é permeada por singularidades e multiplicidades. Dessa forma, ao longo da sua atuação como jornalista, pode-se perceber contradições nos discursos de David Caldas, que é lembrado por sua atuação contrária à monarquia e em defesa inicialmente do ideário liberal e posteriormente do republicano, mas que em dados momentos já esteve em consonância com o Império brasileiro, como, por exemplo, diante da questão anglo-brasileira (Questão Christie)[106], em que, em meio a um caloroso discurso, convoca o povo barrense a lutar em defesa da nação, e termina sua fala dando vivas ao imperador e até mesmo aos portugueses.

> O Piauí dará também o seu barco, como outras mais opulentas darão, umas seis outras sete ou dez: neste empenho, cada brasileiro, cada piauiense, cada

---

[103] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 190.

[104] Periódico diretamente associado ao Partido Conservador da província do Piauí, sendo lançado em 24 de maio de 1867, sendo responsável pela sua redação Antônio Coelho Rodrigues, travando debates com o jornal liberal *A Imprensa*. Cf.: PINHEIRO FILHO, 1997, p. 80.

[105] BOURDIEU, 2006, p. 190.

[106] Impasse diplomático entre Brasil e Inglaterra, ocorrido em 1862 quando três oficiais ingleses foram presos no Rio de Janeiro por desacato a polícia da corte, o que foi considerado um ultraje por Willian Dougal Christie, o que foi respondido com a apreensão de cinco navios mercantes brasileiros pela marinha britânica. O impasse diplomático encerrou-se com a intervenção do rei da Bélgica que deu ganho da questão ao Brasil. Cf.: SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 291.

> barrense, deposite brutalmente, o seu óbolo no altar da Pátria. Sou bem pobre: muito pouco poderei dar; mas assim mesmo serei contente se a minha oferta chegar para a compra da vassoura do mastro grande da nossa corveta ou fragata. Viva S. M. O Imperador! Viva o atual ministério! Viva a marinha e o exército brasileiro! Viva o povo fluminense! Vivam todos os brasileiros! Vivam os generosos portugueses! Viva o Povo Barrense[107].

O discurso proferido por David Caldas no ano de 1863 foi publicado no periódico político *Liga e Progresso*[108] o qual também colaborou antes de integrar o jornal liberal *A Imprensa*. Posteriormente, este trecho é recuperado, mas agora como arma de ataque à David Caldas pelo jornal conservador *O Piauí*, que o acusou de não ser verdadeiramente um liberal: "Este liberal de fresca data, de quem somente nos ocupamos porque os nossos adversários o arvoram em chefe foi conservador nos seus melhores tempos, como a dificuldade das passagens está somente na primeira, pode ser que ainda seja"[109]. David Caldas então vem a público, por meio de uma publicação no jornal liberal *A Imprensa*, para dar uma resposta sobre a acusação:

> Confesso, entretanto, que cometi um enorme pecado, em política, uma falta gravíssima que me faz hoje ter remorso e vem a ser a seguinte. Em 1849, quando eu tinha apenas 13 para 14 anos, ao saber o lastimoso assassinato sempre lembrado patriota Nunes Machado, as lágrimas rebentaram-me dos olhos, tão ardentemente que depois de 20 anos, conservo delas a mais viva lembrança. Entretanto, tornei-me fatalmente contraditório, em 1863, manchando meus lábios com alguns vivas dados ao Sr. D. Pedro II, quando por ocasião da questão anglo-brasileira acreditei vertiginosamente que o monarca era realmente amigo de todos os brasileiros, e que destarte poderia ele fazer a felicidade da nação[110].

Assim, é possível depreender em David Caldas um profundo arrependimento diante do posicionamento tomado por ele diante da questão anglo-americana: "Oxalá que não tivesse iludido tão grosseiramente; oxalá que eu tivesse sido sempre o mesmo democrata de 1849"[111]. A carta-resposta foi escrita no ano de 1868, ano em que David Caldas inaugura seu periódico *O Amigo do Povo*, que já apresenta desde seu lançamento ideais de aproximação do ideário republicano. Dessa forma, o seu lamento parte da visão de um jornalista já influenciado pelo

---

[107] PALAVRAS. *Liga e Progresso*, Teresina, ano 2, n. 16, p. 2, 27 mar. 1863.
[108] O periódico político *Liga e Progresso* começa a ser publicado após a ascensão do ministério de 24 de maio do mesmo ano e do aparecimento da Liga, contando com colaboradores como Dr. Deolindo Moura, coronel José Avelino, Dr. Almendra, Lima e Castro, dentre outros. O periódico circulou até o ano de 1865, com o surgimento do periódico liberal *A Imprensa*. Cf.: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2012. p. 25.
[109] AO PÚBLICO, 7 nov. 1868, p. 2.
[110] AO PÚBLICO, 7 nov. 1868, p. 2.
[111] AO PÚBLICO, 7 nov. 1868, p. 2.

republicanismo, um anti-monarquista envergonhando-se do seu passado, que em um determinado momento teria defendido o governo imperial que tanto ataca.

O episódio descrito no texto pode ser entendido por meio de diferentes ópticas, primeiramente que a fala de David Caldas, dando vivas à monarquia brasileira, é consequência da circunstância atípica daquele momento, em que muitos brasileiros acreditaram que o país poderia entrar verdadeiramente em um conflito com a Inglaterra, acendendo em seus corações um sentimento nacionalista, que tem o poder muitas vezes de superar divergências internas em prol de defender-se contra uma ameaça externa, mesmo que temporariamente. Ou então pode ser entendido a partir da perspectiva de que um indivíduo passa por inúmeras metamorfoses ao longo da vida, podendo mudar de ideias e posicionamentos constantemente.

Após a publicação do texto de caráter autobiográfico no jornal *A Imprensa*, David Caldas utiliza a mesma edição para publicar provas daquilo que afirma, uma dessas provas diz respeito à comunicação que teria estabelecido, desde muito cedo, com o Partido Liberal, principalmente com Tibério César Burlamaqui[112], publicando um trecho da comunicação estabelecida:

> Verei se posso retocar seu artigo para dar-lhe publicidade lá para diante, pois sendo de assunto geral não há pressa. A matéria é já muito debatida e muito isolada assim como está exposta, mas não obstante, para um principiante é já alguma coisa: revela talento e conhecimento da nossa história[113].

Assim, a publicação da resposta de Burlamaqui foi uma forma encontrada para provar que ele mantinha uma comunicação com o chefe do Partido Liberal, desde muito cedo, já apresentando desde aquele momento a intenção de participação na dinâmica liberal, escrevendo artigos e enviando-os a ele, recebendo, inclusive, instruções.

Em vista disso, o texto escrito por David Caldas e publicado no jornal *A Imprensa*, é escrito como uma carta resposta ao jornal conservador *O Piauí*, em que é elaborada uma narrativa sobre a vida desse jornalista, narrativa construída por ele mesmo, a partir da sua perspectiva sobre sua própria história, estabelecendo um espécie de diálogo direto com o redator desse jornal, assim, a cada acusação que lhe foi levantada em um texto anterior, foram apresentadas respostas com o objetivo de apresentar a sua versão sobre aquele fato que lhe foi apontado por outrem, podendo-se perceber o forte tom de pessoalidade daquele texto que,

---

[112] Tibério César Burlamaqui (1810-1863), filho do coronel português Carlos César Burlamaqui, que foi governador do Piauí e depois de Sergipe, e de dona Maria Benedito Castelo Branco. Foi um político destacado, chegando mesmo a ser chefe do Partido Liberal na província, foi redator do jornal *O Eco Liberal*. Cf.: PINHEIRO FILHO, 1997, p. 40-43.
[113] AO PÚBLICO, 7 nov. 1868, p. 3.

apesar de ser direcionada redator Dr. Antônio Coelho Rodrigues, estabelece um diálogo direto com o público leitor do jornal em que é publicado.

Ao escrever sobre a sua vida, David Caldas tenta apresentar ao público leitor sua visão sobre si, a sua subjetividade, que não se encontra totalmente pronta no momento em que está sendo escrita, ela vai sendo constituída de forma permanente, ele constrói a sua subjetividade no momento em que narra a si. Dessa forma, David Caldas visa mostrar-se junto ao outro, no caso o público leitor, como um homem que sempre esteve ligado aos liberais, que ao contrário do que seus opositores apontam, nunca se usou de suas amizades como forma de alcançar benefícios próprios, ou seja, usa da escrita de si.

Acerca da sua formação, David Moreira Caldas, diferente de muitos intelectuais piauienses que compunham seu ciclo, mesmo tendo ido até Recife para fazer preparatório para adentrar ao curso de Direito, não se tornou um bacharel, pois não chegou a concluir o curso por motivos expostos no trecho a seguir:

> Em 1859 obtive assembleia provincial, que era liberal, uma licença com os vencimentos de lente de geografia, para ir estudar em Pernambuco até formar-me em direito. De Pernambuco voltei para esta província, tendo lá estado apenas 5 meses e meio, não só porque a província não podia pagar os ordenados, por causa da crise financeira de 1869, como porque, nesse mesmo ano, tive a infelicidade de perder meu estimável pai, falecido em 25 de junho[114].

Assim, os dois motivos o levaram a não concluir a sua formação, o primeiro, como foi exposto acima, consistiu na falta de pagamento dos seus ordenados, uma consequência de uma crise financeira, somado ao falecimento do seu pai. No entanto, mesmo não tendo chegado a formar-se no curso de Direito, não recebendo dessa forma a titulação de bacharel que era de fundamental importância para a elite intelectual do século XIX, teve uma atuação de destaque nessa sociedade oitocentista, sendo um homem das letras, exercendo importantes funções burocráticas em Teresina, mas destacou-se principalmente na carreira de professor, político e jornalista, sendo essencial para a divulgação e defesa do ideário republicano entre as décadas de 1860 e 1870 no Piauí.

No cenário político e social brasileiro oitocentista, era atribuída uma grande relevância às pessoas que possuíam um diploma de bacharel, como indicado por Carvalho

> Elemento poderoso de unificação ideológica da elite imperial foi a educação superior. Em primeiro lugar, porque quase toda a elite possuía estudos superiores, o que acontecia com pouca gente fora dela: a elite era uma ilha de letrados num mar de analfabetos. Em segundo lugar, porque a educação superior se concentrava na formação jurídica e fornecia, em consequência, um

[114] AO PÚBLICO, 7 nov. 1868, p. 2.

> núcleo homogêneo de conhecimentos e habilidades. Em terceiro lugar, porque se concentrava até a independência, em quatro capitais provinciais, ou duas, se considerarmos apenas a formação jurídica[115].

Os bacharéis constituíam um grupo fundamental na sociedade brasileira oitocentista, uma vez que eles ocupavam nessa sociedade os principais e mais relevantes cargos da máquina estatal, desenvolvendo muitos deles carreiras políticas ou então jornalísticas, ou seja, participavam ativamente da vida política brasileira, que contrastavam com uma população majoritariamente analfabeta, que possuía uma participação muito limitada na vida pública, uma característica não ficou restrita apenas ao século XIX ou sistema imperial, mas também se fez presente na República e no século XX.

Mesmo não possuindo o título de bacharel, David Caldas não seguiu um caminho tão diverso dos bacharéis presentes na província, porquanto o mesmo desempenhou cargos burocráticos, exercendo com afinco a profissão de professor, incialmente professor do curso de primeiras letras do sexo masculino da vila de Barras, professor de Francês na capital Teresina, assumiu a cadeira de Geografia e História no ano de 1868 no Liceu Piauiense e também ministrou aulas particulares em sua residência. Como jornalista, teve grande destaque como redator do periódico liberal *A Imprensa*, dos periódicos republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* e do periódico *Ferro em Brasa*, dentre outros em que fez contribuições ao longo de sua carreira. Como político, desempenhou o cargo de deputado provincial, tendo sido eleito com uma votação expressiva. No entanto, mesmo quando não estava diretamente exercendo um cargo político, sempre esteve intimamente ligado à vida política no Piauí.

David Caldas também assumiu ao longo de sua carreira muitos cargos públicos, como por exemplo o de professor de aulas primárias da Vila de Barras, do qual pediu demissão ainda no ano de 1866, como consta no relatório do presidente da província do Piauí: "O professor de aula pública primária da vila de Barras, David Moreira Caldas, ofereceu-me sua demissão e eu aceitei"[116]. O referido relatório em que consta sua demissão, representa também um momento de transição no poder no Piauí, tendo a presidência da província sido entregue pelo Dr. Franklin A. de Meneses Dória[117] para o segundo vice-presidente Dr. José Manoel de Freitas.

---

[115] CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem*: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p. 65.

[116] PIAUÍ. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa do Piauí no dia 9 de julho de 1866 pelo presidente da província, o Exm. Snr. Dr. Franklin Américo de Menezes Dória*. Santaluz: Tipografia de B. Mattos, 1866.

[117] Nasceu na Bahia em 1836, formou-se em Direito na faculdade de Recife, casou-se com o a filha do Marquês de Parnaguá. Recebeu o título de Barão de Loreto, tendo sido presidente da província do Piauí. Morreu no Rio de Janeiro em 1906. Cf.: CHAVES, 2013, p. 516.

Antes de assumir o cargo de o cargo da chefia do executivo do Piauí, Dr. José Manoel de Freitas esteve a frente do cargo de chefe da polícia da província, uma nomeação que se explica pela influência que possuía junto a Dr. Franklin A. de Meneses Dória, o qual mesmo sendo um político conservador, contribuiu para o crescimento político de Freitas, uma vez que ambos detinham uma proximidade por suas formações acadêmicas na Faculdade de Direito de Recife[118], mas também representa um período de maior abertura para a participação dos liberais na política, estando associado a atuação da Liga Progressista no Piauí.

O pedido de demissão de David Caldas como professor de primeiras letras de Barras, é seguido pela sua nomeação como oficial arquivista da secretaria da presidência: "Por portaria, David Moreira Caldas foi nomeado oficial arquivista da secretaria da presidência"[119]. Também atuou como Oficial-Maior da Secretaria de Governo, escriturário da Companhia de Navegação a Vapor do Piauí, dentre outras funções. Suas contribuições também estão associadas ao âmbito das pesquisas, considerando que ele desenvolveu importantes pesquisas no Piauí.

Quando se fala em David Caldas, logo é associado às carreiras de professor, de jornalista, de republicano ou de político, funções que foram desempenhadas com destaque. No entanto, ele não se limitou apenas a tais carreiras, como é indicado por Higino Cunha em discurso:

> O seu Relatório da viagem feita de Teresina até a cidade da Parnaíba pelo rio do mesmo nome, inclusive todo o seu delta, por ordem do presidente do Piauí, impresso em 1867, que figura no Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão, de César Marques, e as três Cartas topográficas, anexas ao Relatório do vice-presidente, dr. José Manoel de Freitas de 21 de julho de 1868 e uma planta de Teresina levantada no ano anterior, uma tabela das distâncias entre os diversos municípios da província, que ainda hoje vigora nas repartições públicas de Teresina, federais e estaduais, e consta do Anuário Estatístico do Piauí, confeccionado pelo dr. João Bastos, chefe do serviço de estatística do Estado, são monumentos que revelam profundos conhecimentos técnicos e fervoroso amor a gleba natal. Duas daquelas Cartas são referentes ao território contestado para além da Serra da Ibiapaba, que só depois da morte do seu autor ficou definitivamente pertencendo ao Ceará em virtude de um convênio desastrado, com lesão enorme ao direito do Piauí. Pereira da Costa nos fala ainda dum Dicionário Histórico e Geográfico do Piauí, que deixou inédito e que acabara de escrever quando faleceu, como refere o dr. Sacramento Blake. Deixou também preciosos estudos sobre o fenômeno climatérico da seca do Nordeste, que infelizmente se perderam[120].

---

[118] GARCEZ, Isaac Gabriel Dias. O progresso liberal: análise das atuações políticas de Deolindo Mendes da Silva Moura e de José Manoel de Freitas na província do Piauí (1850-1860). Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2023, p. 98.

[119] NOMEAÇÕES. *A Imprensa*, Teresina, ano 2, n. 59, p. 4, 7 set. 1866.

[120] CUNHA, 1937, p. 141-151.

No discurso de Higino Cunha são apontados alguns trabalhos de pesquisa realizados por David Caldas, dentre estes podem ser citados os estudos de cunho geográfico e histórico do Piauí e cartas topográficas, que indicam um empenho de David Caldas pela realização de pesquisa, o seu conhecimento sobre questões de ordem regional, nacional e mundial.

Dessa forma, Higino Cunha aborda a existência de um outro David Caldas, alguém que realizou diversas pesquisas, que buscava a compreensão de questões física e climáticas do território piauiense e dos territórios vizinhos, mas as quais infelizmente muitas perderam-se com o tempo. Um exemplo de pesquisa realizada por David Caldas sobre o Piauí é sobre a construção de uma carta corográfica, apresentada a seguir

> CARTA CHOROGRAPHICA – Em consequência de contrato celebrado com a presidência da província, em 5 de fevereiro deste ano, apresentamos neste mês, para ser enviada para a corte, a cópia de uma nossa carta corográfica; sobre a qual o distinto Sr. Dr. Newton Burlamaqui deu o seguinte parecer que nos é sumamente honroso: Il. m° e Ex. m° Sr. – Em resposta ao ofício de V. Exc.ª. Datada de ontem, acompanhando a carta corográfica desta província, confeccionada pelo cidadão David Moreira Caldas, a fim de que eu informe se foram ou não satisfeitas as diferentes clausulas do respectivo contrato, cabe-me declarar a V. Exc.ª. Que o autor desse importante trabalho apresentou o dentro do prazo estipulado e cumpriu de um modo cabal o seu compromisso – oferecendo uma obra de fôlego e digna de todo o apreço[121].

Mesmo que muitas de suas pesquisas não tenham sido preservadas, como é apontado por Paulo Gutemberg de Carvalho Souza[122], no trecho a seguir, sabe-se que elas foram realizadas por David Caldas, o que indica que ele possuía um notório conhecimento acercado da área pesquisada:

> Embora relevante para a História, a geografia e a cultura do Piauí, a obra de David Caldas é quase totalmente desconhecida, sendo ressaltado pelos estudiosos apenas a sua importância como jornalista e republicano histórico. Os seus estudos publicados, geralmente resultado de pesquisas de campo, estão dispersos em relatórios governamentais, bem como em jornais que foi redator e editor, onde fez também crítica literária. O fato de não ter publicado livros ou que seus manuscritos tenham sido extraviados ou perdidos não o impede ser considerado um pesquisador da história, basta lembrar que a época em que foram produzidos seus escritos circulavam no meio cultural e educacional[123].

Assim, Souza aponta em sua pesquisa a relevância que David Caldas possuiu como pesquisador nessa sociedade, mesmo que muitos de seus trabalhos tenham sido perdidos ao logo do tempo. No entanto, apesar da importância da figura de David Caldas como um

---

[121] CALDAS, David Moreira. Oitenta e Nove. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 24, 25 jun. 1874.
[122] SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e identidade*: as narrativas da piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2008. p. 46.
[123] SOUZA, 2008, p. 46.

pesquisador, a presente dissertação tem como foco a análise das narrativas sobre o ideário republicano no Piauí, dessa forma, faz-se necessário o enfoque no aspecto republicano da vida de David Caldas, pois, dentre as funções desempenhadas ao longo de sua trajetória, destacou-se fundamentalmente como jornalista, graças a uma escrita atravessada por críticas sociais implícitas ou explícitas, podendo ganhar caráter denotativo ou literário, e, principalmente, combativa, fazendo da imprensa o palco de suas contendas.

2.3.2 Os caminhos que levam ao republicanismo: a trajetória de David Caldas na imprensa piauiense

A carreira jornalística de David Moreira Caldas não se inicia no periódico do Partido Liberal *A Imprensa*, muito menos está restrita à sua atuação frente aos jornais republicanos *O Amigo do Povo e Oitenta e Nove*. Desde a juventude David Caldas demonstrou interesse pelo mundo da escrita, pelas letras e jornais, como pode-se depreender-se de sua carta-resposta, que descreve o seu passado entrelaçado a ideologia do Partido Liberal, apresentando um desejo em escrever, mesmo que ainda lhe faltasse a habilidade a maturidade para alcançar tal intento, como é afirmado por ele:

> Cheguei mesmo a escrever um artigo, que tive a ousadia de enviar para ser publicado, mas que deixou de sê-lo por causa das imperfeições que continha e pobre escrito de quem apenas acabava de sair de uma escola de primeiras letras, onde nem sequer ensinava-se os primeiros rudimentos de gramática portuguesa[124].

Analisar textos alicerçados em uma ideia de escrita de si requer um olhar atento do historiador, uma vez que o ato de escrever por si só não possui um caráter neutro, pois a escrita é uma narrativa construída visando não apenas a apresentação de um fato, ideal ou opinião, mas o convencimento sobre o que é escrito. Por conseguinte, um texto escrito por um indivíduo para abordar fatos sobre sua própria vida, uma visão sobre sua história, seu passado, exige uma atenção ainda maior do pesquisador.

Diante da impossibilidade da pesquisa de ter acesso ao referido artigo apontado por David Caldas na citação anterior, buscou-se nos arquivos da imprensa piauiense jornais em que possuiu alguma participação, com publicações de textos de sua autoria, buscando a reconstrução trajetória percorrida na imprensa.

---

[124] AO PÚBLICO, 7 nov. 1868, p. 2.

Os estudos realizados Souza[125] apontam que a imprensa jornalística foi fundamental não apenas no processo da divulgação de informações, mas também na circulação de textos históricos e culturais, sendo David Caldas, um dos intelectuais piauienses que destacou-se nesse intento, o qual esteve associado a diferentes periódicos ao longo de sua trajetória, podendo ser citados *O Arrebol, Liga e Progresso, A Imprensa, O Amigo do Povo, Oitenta e Nove, O Papiro e Ferro em Brasa*, os quais apresentavam diferentes características, tais como científico, literário e político.

A ausência de exemplares do jornal *O Arrebol* na década de 1850, que corresponde ao período no qual David Caldas participou da redação deste jornal, não permite um estudo mais aprofundado sobre a escrita jornalística de David Caldas naquele dado momento, no entanto, o jornal *O Propagador*, apresenta uma informação sobre a atuação desse jornalista no referido periódico.

> Acaba de ser publicado nesta cidade um periódico literário, com a denominação de Arrebol sob os auspícios do sr. David Moreira Caldas, lente de geografia do liceu. É na verdade uma tentativa que muito honra o sr. David, moço para aprender. Na época presente, que todo os espíritos só acham distrações nas discussões políticas, que a literatura é completamente desprezada, que ninguém se ocupa dela, um periódico literário, é pôr sem dúvida uma novidade, e aquele que teve tão aproveitável ideia merece os maiores louvores. Prossiga, pois, o sr. David, não se desanime, que achará admiradores, sempre que tornar o eixo de tão bons pensamentos[126].

A partir da citação anterior, pode-se fazer algumas considerações acerca das características desse periódico e da atuação de David Moreira Caldas como jornalista no final da década de 1850. Primeiramente pode-se destacar que o periódico *O Arrebol* apresenta um cunho literário e científico, distanciando das questões de ordem política, o que implica inferir que David Caldas, estando ligado a implementação desse projeto jornalístico, também está voltado para tais ideias.

O trecho retirado do jornal *O Propagador*, destacando características diferentes do que normalmente é associado a David Caldas, que é a de jornalista político, diferindo o mesmo daqueles que produzem periódicos com a temática política, exaltado o seu projeto literário e científico que foi *O Arrebol*. Cabe ressaltar a pluralidade que habita os sujeitos históricos, David Caldas, como um ser múltiplo, pode interessar-se e produzir conteúdo das mais diferentes vertentes, no entanto, o trecho que foi apresentado acima, contribui para a construção de um

[125] SOUZA, 2008, p. 29.
[126] NOTÍCIAS e fatos diversos. *O Propagador*, Teresina, ano 2, n. 72, p. 4, 11 jun. 1859.

David Caldas, que vai além do jornalismo político, apresentando diversas facetas no universo da imprensa.

Por conseguinte, na trajetória traçada por David Caldas no jornalismo, pode-se encontrá-lo no periódico político *Liga e Progresso*, no qual é publicado um discurso do mesmo proferido no ano de 1863 na vila de Barras, ligada à Questão Christie, discurso do qual foi retirado o seguinte trecho:

> Sejamos todos soldados e marinheiros, as costas do império convertam-se num estaleiro imenso: faça-se do centro a nossa última trincheira, o derradeiro reduto contra a opressão dos piratas...Viva S. M. O imperador, viva o atual ministério, viva a Marinha e o Exército brasileiro, vivam os brasileiros, vivam os generosos portugueses, viva o povo barrense[127].

O trecho transcrito acima, revela algumas percepções sobre David Caldas, primeiro destaca-se o poder da narrativa, que não é restrito apenas aos textos escritos, mas a própria capacidade oratória de David Caldas de construir um discurso inflamado, que tem a capacidade de convencimento do outro, um discurso que possui como característica principal, não a racionalidade, mas o caráter emotivo, as palavras dotadas do poder envolver, seja os leitores do jornais, seja os ouvintes do discurso em praça pública, "tocá-los", de convencer o público a tomar uma atitude. Logo, percebe-se nesse texto um David Caldas como um jornalista do político, atuando ativamente na sociedade piauiense oitocentista, uma característica que vai ser acentuada ao longo da década de 1860, em que o jornalista se aprofundará cada vez mais no aspecto político do jornalismo.

É no periódico político do Partido Liberal *A Imprensa*, que David Caldas ganhou maior visibilidade como jornalista, que desempenhou a função de redator do referido jornal junto a Deolindo Moura[128], José Manuel de Freitas[129] e outros, chegando a ser um dos principais e mais

---

[127] PALAVRAS dirigidas por David Moreira Caldas ao povo barrense. *Liga e Progresso*, Teresina, ano 2, n. 16, p. 2, 27 mar. 1863.

[128] Nasceu em 5 de fevereiro de 1835, sendo filho do Dr. José Luís da Silva e dona Raimunda Ferreira do Nascimento. Fez o primário em Oeiras, transferindo-se depois para o Colégio do Padre Marcos de Araújo Costa, na Fazenda Boa Esperança. Em 1851, foi para Olinda e matriculou-se na Academia de Direito. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 3 de dezembro de 1859. Foi redator-chefe do jornal político *Liga e Progresso* e posteriormente diretor do jornal *A Imprensa*, órgão do Partido Liberal. Atuava na advocacia independente, sendo um exímio orador. Morreu em 22 de outubro de 1872. Cf.: FREITAS, 2012, p. 59-76.

[129] Nasceu em 14 de março de 1832, formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 29 de novembro de 1858, exerceu diversos cargos como promotor de Caxias, juiz municipal de Parnaguá, desembargador, dentre outros cargos exercidos. Posteriormente, quando transferido para a cidade de Teresina, onde começa a envolver definitivamente na vida política e a atuar como jornalista, tendo sido redator de jornais como *Liga e Progresso* e *A Imprensa*. Morreu em 1887, acometido de uma congestão cerebral. Cf.: FREITAS, 2012, p. 9-46.

estimados redatores, uma vez que ele enfrentou o jornal conservador *O Piauí*[130], destacando-se entre seus companheiros por sua modalidade de escrita diferenciada, por possuir uma escrita crítica e satírica, desagradando seus opositores, como o Dr. Antônio Coelho Rodrigues[131].

> David Caldas, em romancetos suculentos de graça, de sátira, como as *Memórias do Frei Caçote*, a *História de Cogain A. C. Raschid*, o *Coelho Tácito*, os *Meninos Célebres* e outros, cobria de ridículo o jovem redator [...] O Dr. Freitas deixava a David Caldas, sobretudo, brigar ou melhor, gracejar com O Piauí, e se limitava a discutir seriamente, em tom grave, que era peculiar ao seu temperamento, as questões que surgiam[132].

Dessa forma, a atuação de David Caldas não deve ser pensada isoladamente, pois o piauiense estava inserido em uma sociedade em um dado momento, participando ativamente das dinâmicas dessa sociedade, articulado com os principais debates do período, sejam eles em âmbito nacional ou regional, comunicando-se com os principais intelectuais e as ideologias por eles defendidas, compartilhando muitas vezes de seus ódios e paixões, pertencente a uma rede de sociabilidades. Logo, as discussões desenvolvidas por Jean-François Sirinelli sobre as sociabilidades entre os intelectuais são necessárias:

> A atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo. Isto, alguns poderão objetar, se aplica a toda microssociedade. Mas de um lado esse peso da afetividade adquire uma significação específica, num meio teoricamente colocado sob o signo da clarividência, e cuja a garantia, aos olhos do resto da sociedade, é saber julgar suas paixões, à serviço exclusivo da Razão. De outro lado, a imbricação das tensões devidas aos debates de ideias e desses fatores afetivos desemboca talvez, em alguns casos, numa patologia do intelectual. Com toda certeza, uma tal abordagem é delicada, pois uma tal constatação, pôde ser desviada e, de clínica, torna-se polêmica, alimentando sobretudo uma certa visão anti-intelectualista. Podemos com isso abandoná-la totalmente?[133]

---

[130] A primeira edição do periódico conservador *O Piauí* foi publicado em 3 de maio de 1867, tendo por principal redator o Dr. Antônio Coelho Rodrigues, sendo um dos principais representantes do Partido Conservador no Piauí, estabelecendo embates com o periódico liberal *A Imprensa*. Cf.: FREITAS, 2012, p. 28.

[131] Jornalista, político e jurisconsulto piauiense. Nasceu na fazenda Boqueirão, em Picos, em 4 de abril de 1846, sendo filho de Manoel Rodrigues Coelho e Ana Joaquina de Sousa. Aprendeu as primeiras letras em casa, sendo mandado para a escola do padre Joaquim Damasceno Rodrigues, aprendendo português, aritmética, francês e latim até o ano de 1859. Em 1860, viajou para Recife para matricular-se na Faculdade de Direito em 1862. Formou-se em 1866, e foi convidado pelo Dr. Simplício Mendes para dirigir o jornal do Partido Conservador *A Moderação*, mudando o nome para *O Piauí*. Foi eleito para a Assembleia Geral Legislativa do Império. Foi nomeado professor substituto de Direito Civil da Faculdade do Recife em 1871. Foi senador e prefeito do Distrito Federal. Morreu em São Vicente em 1 de abril de 1912, com 66 anos.

[132] FREITAS, 2012, p. 29.

[133] SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 250.

Assim como a de muitos republicanos brasileiros, a trajetória percorrida por David Caldas, é diretamente atravessada por sua proximidade com o partido e imprensa liberais, haja vista que esteve inserido no ciclo composto principalmente por liberais em grande parte da sua vida, atuando na defesa das ideias liberais, de personalidades liberais, tendo o próprio ciclo de amizade composto por importantes figuras liberais da política piauiense. Logo, mesmo quando se declara republicano e distancia-se por um dado momento do Partido Liberal, ainda se manteve próximo a esse ciclo, voltando a compô-lo a partir de 1875, integrando novamente a redação do jornal *A Imprensa*.

Dessa forma, compreende-se que a personalidade republicana David Caldas, foi antecedida por um homem liberal, que possuiu o seu ciclo de pertencimento e seus pensamentos associados a uma estrutura liberal da qual fez parte por uma considerável parcela da sua vida.

O caminho de David Caldas ao republicanismo encontra seu ponto alto em dezembro de 1870, mês em que é publicado o Manifesto Republicano brasileiro (figura 1), que é recebido pelo jornalista piauiense com grande entusiasmo e encarado como uma espécie de “divisor de águas” no processo de difusão da propaganda republicana no país.



ANNO I. SABBADO 3 DE DEZEMBRO DE 1870. N. 1

A REPUBLICA

Propriedade do Club Republicano.

Publicase ás terças-feiras, quintas e sabbados.

ASSIGNATURAS.
CORTE E NICTHEROY.

ASSIGNATURAS.
PROVINCIAS

A correspondencia deve ser dirigida ao gerente da folha, no Club Republicano.

Annuncios a 60 rs. a linha.
Numero avulso 120 rs.

A REPUBLICA.

Rio, 3 de Dezembro de 1870.

E mais outra vez asseveramos que não temos verdadeiros patriotas, E, comquanto folgassemos com a lisongeira dos amigos e dos desconhecidos, erramos.

Cerram, entretanto, voluntariamente os olhos á luz os que assim nos julgam o nosso pair.

E' verdade que ahi temos alguns patriotas residuos de prazo publico, que em vão procuram dilatar ao menos um pouco mais o seu miserando aguamadeiro.

Mas E' isso o verdadeiro patriotismo, ou antes, E isso o patriotismo util e real, mais efficaz, e duravel no nosso paiz, nos tempos em que vivemos?

Não, patriotas bons, sinceros, devotados á causa publica não nos faltam. O que nos tem faltado é o valor, a coragem, a opinião que a epoca decisiva pede a nos todos nos melhores mysterios.

Ha 8 annos, mais ou menos, uma folha quasi exaggerou-se a dissensão da ideia democratica pura. Os Srs. Drs. Godoy de Vasconcellos, Henrique Limpo de Abreu e F. E. José Pereira, resolveram imprimir a *Opinião Liberal* e cumprir sem a grave que deve distinguir uma ordem democratica.

O serviço e prestados por essa folha estão na lembrança de todos os que acompanharam a sua marcha.

Posteriormente os Drs. Limpo de Abreu e Raupel Portugal fundaram uma outra folha a *Gazeta Nacional*. A ideia era a mesma, a democracia pura, a republica.

Qualquer que seja a ultima experiencia do talento [illegible] calcular a somma de sacrificios pessoaes que deve custar despendidos os dignos redactores á dita nobre ideia, [illegible] correspondem, porem, o publico ao sacrificio que [illegible]

[illegible] MANIFESTO.

Aos nossos concidadãos.

E a voz de um partido a que se ajga hoje para fallar ao paiz. E esse partido não carece demonstrar a sua legitimidade. Desde que a reforma, liberação ou revogação da carta outhorgada em 1824, está por ella mesma provista e autorisada, é legitima a aspiração que hoje se manifesta para buscar em melhor origem o fundamento das instituições direitos da nação.

Só á opinião nacional cumpre acolher ou repudiar essa aspiração. Não reconhecendo nós outra soberania mais do que a soberania do povo, para ella appellamos. Nenhum outro tribunal pode julgar-nos: nenhuma outra autoridade póde interpor-se entre ella e nós.

Como homens livres e essencialmente subordinados aos interesses da nossa patria, não é nossa intenção convulsionar a sociedade em que vivemos. Nosso intuito é esclarecel-a.

[illegible] compressão e de violencia, comquanto seria o nosso direito. [illegible] regimen das fieções e da corrupção, em que vivemos, discutir é o nosso flavec.

As armas da discussão, os instrumentos pacificos da liberdade, a revolução moral, os campos abertos do direito, postos ao serviço de uma convicção sincera, bastam, no nosso entender, para a victoria da nossa causa, que é a causa do progresso e da grandeza da nossa patria.

A bandeira da democracia, que abriga todos os direitos, não repelle, por erros ou convicções passadas, as adhesões sinceras que se lhe manifestem. A nossa obra é uma obra de patriotismo e não de exclusivismo, e aceitando a comparticipação de todo o concurso leal, repudiamos a solidariedade de todos os interesses illegitimos.

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS.

Uma longa e dolorosa experiencia ha doutrinado no povo, nos partidos e nos homens publicos em geral da nossa terra,

A impreviden[illegible]s, as contradicções, os erros e as [illegible] exhaurindo sobre os [illegible] externos da nossa patria, [illegible] de pesar, em que as intelligencias politicas parecem fatalmente fluctuar, collegou-

De todos os angulos do paiz surgem as queixas, de todos os lados politicos surgem os protestos e as revelações estranhas que denunciam a existencia de um vicio grave, o qual põe em risco a sorte da liberdade pela completa annullação do elemento democratico.

O perigo está indicado e é manifesto. Sente-se a opressão do mal e todos apontam a origem delle. E' quanto maior seja o seu gráo de perversão, tanto mais difficil se torna a causa ou sondar o seu principio. E uma providencia providencial, e quasi divina tanto maior deve ser o zelo e o esforço para conhecer esse [illegible] e fazer a luz sobre o mysterio que nos rodeia.

As condições da nossa politica [illegible] variado completamente de certo tempo a esta parte. Já e [illegible] mais os partidos regulares que pleiteiam, no terreno constitucional, as suas idéas e as necessidades. Não todos os partidos que se [illegible] annullados, reduzidos á impotencia e expostos a soffrer [illegible] pela influencia permanente de uma [illegible] que [illegible] e hostil á liberdade e ao progresso. [illegible] patria.

Os agentes reconhecidos pela lei [illegible] a [illegible] pela allegação da força superior que os annulla. A seu turno, o elemento nacional [illegible] a somma da responsabilidade dos agentes [illegible].

Em taes condições, e [illegible] o [illegible] dos nossos proprios, que é necessario [illegible] a grandeza do mal que nos [illegible], e [illegible] a [illegible] que nos domina, apresentamos [illegible], pessoalmente e directamente a nossa [illegible] de governo, no modo de administração, [illegible] social e politico.

Nosso paiz que se [illegible] constitucional e [illegible] deverem ter acção [illegible] e respeitaveis, acontece, por defeito [illegible] que [illegible] um poder acima, dominando, [illegible], perpetuo, superior á lei e [illegible], e [illegible] um poder sagrado, inviolavel e irresponsavel.

O privilegio, em todas as suas relações e em a sociedade—tal é em synthese a formula social e politica do nosso [illegible] privilegio de nobreza, privilegio de raça, privilegio de [illegible], privilegio de poderes, [illegible], todos [illegible] e arbitrarios [illegible] que reagem [illegible] e [illegible] tiram o movimento e [illegible] e [illegible] a [illegible] e a de alguns [illegible].

A esse desequilibrio de forças, esse [illegible] anniquilando [illegible] a [illegible] e a [illegible] social, a sua decorrencia natural, a sua decorrencia administrativa e as perturbações economicas que annunciam [illegible] futuro depois de [illegible] presente.

A sociedade brasileira, apesar [illegible] existencia como collectividade nacional [illegible], encontra-se hoje, apesar disso, em face do problema da sua organisação politica, como se nunca [illegible] desse [illegible].

As tradições do velho regimen, [illegible] os [illegible] preconceitos de uma escola politica [illegible] calcou e supprimiu, quasi [illegible] os [illegible] progresso e da liberdade invasores perigosos, para quem, cada victoria dos principios democraticos [illegible] figura uma usurpação [illegible], hoje [illegible] tem trabalhado o espirito nacional, [illegible] dido todas as [illegible] do direito moderno, anarchisado todos os principios [illegible] da ordem social, transtornado todos os conceitos [illegible], corrompido todos os instrumentos de governo, supplantado todas as garantias da liberdade civil e politica, que o [illegible] mento actual teve de ser forçosamente [illegible] a [illegible] da regeneração nacional ou a certeza fatal das liberdades publicas.

PRECEDENTE HISTORICO.

Para bem apreciar as causas que hão concorrido para o relaxamento moral que se observa, e reconhecer-se até que ponto a idéa do direito foi desnaturada e pervertida, é necessario remontar á origem historica da fundação do imperio.

Iniciado o pensamento da emancipação do Brazil, o despotismo colonial procurou desde logo surprehendel-o, em uma emboscada politica, e revolução que surgio no horisonte da opinião. Inutilisar a fórma, mantendo a realidade do systema que se procurava abolir, tal foi o intuito da monarchia portugueza. Para isso bastou-lhe uma facção—substituir a pessoa, mantendo a mesma autoridade a quem faltava a legitimidade e o direito.

Nos espiritos a independencia estava feita pela influencia das idéas revolucionarias do tempo e pela tradição ensanguentada dos primeiros martyres brasileiros. Nos interesses e nas relações economicas, na legislação e na administração estava ella tambem feita pela influencia dos acontecimentos que forçaram a abertura dos nossos portos ao commercio dos pavilhões estrangeiros e a designação dos funccionarios aqui estabelecidos.

A democracia pura, que procurava estabelecer-se em toda a plenitude de seus principios, em toda a sanctidade de suas doutrinas, sentia-se atrahida pelo convencionalismo da velha aventureira. Si ella triumphasse, como devia e [illegible] [illegible] guardando as mesmas [illegible] [illegible] e os mesmos [illegible] [illegible] perpetuidade [illegible]

Entre a sorte [illegible] familia, forma [illegible] [illegible] [illegible]

entre esses indivíduos permanecem, conserva-se uma relação de cordialidade e amizade, o que pode ser analisado na carta a seguir, escrita por David Caldas aos seus companheiros liberais:

> Ao despedir-me de meus distintos companheiros nas lutas políticas da província, cumpro um grato dever, agradecendo a grande consideração que até hoje me dispensaram com a maior benevolência. Parto para uma longínqua região; sigo para o país chamado das utopias: praza aos céus que em lá chegando, depois de uma arriscada derrota, possa ao fim dizer aos amigos que ficaram: 'Depois de andarmos errantes por espaço de 40 anos (1831-1871), eis que somos chegados a terra da Promissão – nela entrei, felizmente, combatendo ao lado de Josué.' Um abraço, e um aperto de mão, por toda despedida, certo de que, levo infinitas saudades de todos os meus bons amigos – os liberais deixarei de proclamar, onde quer que me leve o destino. Recebam V. S, os meus protestos da mais subida estima e constante consideração, por quanto contínuo a ser, muito particularmente – De V. S. Amigo muito afetuoso e obrigado cr.[134].

Dessa forma, a análise da imprensa produzida neste dado período possibilita para além das questões de ordem ideológicas, dos ideais defendidos pelos jornalistas em seus textos, a percepção das relações pessoais estabelecidas por esses jornalistas, suas afetividades e inimizades. No caso específico de David Caldas, é notória a sua proximidade com os membros do Partido Liberal e a sua inimizade com os membros do Partido conservador no Piauí.

A carta dedicada ao jornal *A Imprensa* e ao diretório do Partido Liberal demonstrou um tom de afetuosidade entre David Caldas, que escreve, e os amigos, apontando um indicativo de que ele não teria verdadeiramente cortado vínculos, ou que havia alguma divergência extrema no âmbito da sua relação com a dos liberais, o que é comprovado pela também afetuosa resposta que Deolindo Moura dedica a David Caldas no jornal *A Imprensa*, que será republicada no *Amigo do Povo*, conforme indicado no fragmento a seguir:

> Deixando a redação deste jornal o meu honrado e distinto amigo Sr. David Caldas, pelo motivo constante de sua carta dirigida ao diretório do Partido Liberal, imprensa no número antecedente deste jornal, cumpro um grato dever manifestando-lhe de público os meus sinceros e profundos agradecimentos, pela maneira sempre delicada, atenciosa, e benévola por que tratou-me durante o período em que juntos redigimos *A Imprensa*. Desde o momento em que o estelionato político de julho de 1868 começou a produzir seus efeitos nesta província, a redação do órgão do Partido Liberal nos foi confiada, e jamais no cumprimento de nossos árduos deveres, tivemos um só ponto de discordância, uma limitação sequer no nosso procedimento originado de falta de recíproca confiança[135].

Tanto o texto escrito e publicado por David Caldas ao diretório do Partido Liberal quanto o texto que lhe foi escrito pelos liberais, apontam para a relação próxima que possuíam,

---

[134] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 50, p. 2, 31 jan. 1871.
[135] CALDAS, 31 jan. 1871, p. 2.

uma relação que vai além das ideologias compartilhadas por eles, do trabalho que desempenharam juntos. Tanto no que se refere ao Partido Liberal quanto à redação do periódico liberal *A Imprensa*, percebe-se entre tais indivíduos uma relação de afetuosidade, uma relação de amizade.

Alguns aspectos práticos podem ser destacados acerca da volta de David Caldas ao periódico liberal *A Imprensa*. Uma delas é a própria situação financeira que ele se encontrava naquele momento, somada à instabilidade política enfrentada pelos republicanos. Mas o que levaria o jornal *A Imprensa* a contatar David Caldas e convidá-lo para voltar ao jornal, mesmo depois que ele se afastou do Partido Liberal e do periódico por questões políticas, mais especificamente pela falta de identidade política dele? A resposta está relacionada à própria condição enfrentada pelo Partido Liberal na província naquele momento, haja vista que em 1875 ele encontrava-se no ostracismo político, tendo muitos dos seus principais nomes regionais fora da província do Piauí, deixando, dessa forma, enfraquecida a narrativa política desse partido dentro da província, precisando de um nome forte que atuasse na defesa dos interesses liberais na imprensa.

Nessa perspectiva, diante da necessidade enfrentada pelo Partido Liberal, David Caldas mostrava-se como um nome perfeito para o intuito, em razão de possuir um talento de muito destaque na imprensa ao debater com os conservadores, tendo a experiência de ter atuado por anos no periódico liberal, e tendo sido um liberal de destaque, além de ser uma pessoa de confiança deles. Dessa forma, no ano 1877, David Caldas já se encontrava na gerência do jornal liberal, desempenhando importantes funções além da de redator.

Mesmo estando novamente próximo aos liberais e ao periódico liberal *A Imprensa*, David Caldas preocupou-se em deixar explícito que, apesar da sua aliança com os liberais, ele não era mais um liberal, mas sim um republicano convicto, e que a manutenção dessa aliança estabelecida só duraria enquanto os liberais estivessem no ostracismo político: "Todos sabem aqui que não sou um liberal, mas um republicano, fiz entretanto uma aliança com os liberais desta província enquanto eles estiverem fora das graças do rei"[136]. Essa citação foi retirada de um texto publicado no jornal *A Imprensa*, no qual David Caldas esclarece que seu periódico *O Ferro em Brasa* era um projeto individual que não possuía nenhuma ligação com os liberais. A seguir, na figura 2, há um exemplar de publicação do jornal:

[136] ONDE foi impresso O Ferro em Brasa e de quem seja esse novo periódico. *A Imprensa*, Teresina, ano 13, n. 517, p. 3, 14 set. 1877.



O FERRO EM BRAZA.

PERIODICO DESTINADO Á FAZER FRENTE Á PROPAGANDA POPELINEIRA.

O Ferro em braza publica-se na typographia de David Moreira Caldas, em Theresina, capital do Piauhy. Só acceita artigos com relação á questão Cotegipe-Mussel-e Januarios. — Numero avulso 240 reis. — Serie de 5 numeros 1$000 reis.

Anno I. Theresina, 27 de Agosto de 1877. Numero 2.

O FERRO EM BRAZA.

Theresina 25 de agosto de 1877.

O *Ferro em braza* apparece para assignalar profundamente a um barão infame—que acaba de desbonrar-se, não só como particular, mas tambem, o que é peor ainda, como um dos mais altos funccionarios deste desgraçado paiz—que elle e os seus miseraveis sectarios pretendem arrastar para um abysmo de ignominia!

O *Ferro em braza* apparece para estigmatisar sem piedade ao ministro contrabandista e a quantos JANUARIOS e *popelineiros* se lhe apresentem de frente—querendo audaciosamente passar por homens de bem; não sendo alias se não uns vis traficantes!

O *Ferro em braza* propõe-se, finalmente, a chamar ainda o sangue fugitivo, decomposto e rebelde —á essas medonhas caras, que por ahi se ostentão horrorosamente esphaceladas!

Aos raros conservadores que tiverem a coragem ou a virtude civica de não acceitarem a *solidariedade* perigosa de que deo um triste exemplo a gente cynica que vence subsidio gordo na camara dos deputados e que alli se chama—A MAIORIA,—repetimos, aos raros conservadores de pundonor, pedimos que não vejão nas nossas palavras uma affronta á velha bandeira do seu partido, que já não existe, por assim dizer; á qual uma chusma de energumenos empenha-se em espatifar, para fazer de suas tiras uns indecentes amarrilhos de fetidas cataplasmas destinadas a *curar* ao INTREPIDO sr. Cotegipe, tornado um verdadeiro *heróe* de salteadores... que vão arregimentando-se por toda parte, com pasmo das pessoas honestas e vergonha immensa da terra de Santa Cruz!

Não se receiem do *Ferro em braza*—os homens de bem, d'este ou d'aquelle partido de idéas mais ou menos sãs: pois que a nossa folha será menos um orgão politico do que um simples vingador dos brios da nação ultrajada.

Embora incandescente, é este um protesto, positivamente; em favor da boa fama da nossa patria, a quem filhos indignos pretendem entregar ao vilipendio de todos os povos civilisados que têm um logar qualquer no mappa das nações!

Guerra desabrida, por tanto, guerra de exterminio moral a essa especie de beduinos terriveis—que vão se arregimentando, e que se dizem brazileiros porque abrirão os olhos á luz d'este hemispherio que o Cruzeiro do sul abrilhanta!

Nada queremos ter de commum com os gatos maracajás, raposas, onças e cobras que infelizmente nascem na nossa terra, que quizeramos ver cultivada, florescente e respeitada, tanto no interior como no exterior.

Em conclusão, cumpre-nos, n'este momento, fazer a revolução do pudor. Nada de pintar com entes damninhos, ladrões reconhecidos, e descarados bandoleiros; embora cubrão-se elles de galões refulgentes.

O logar de taes bandidos seja a cadêa, ou se não —uma especie de *cemiterio*, moralmente fallando. Podem resurgir depois; mas, cheios de vida incontestavelmente, da mesma vida que nos anima—n'uma sociedade que merece ser acatada.

Por em quanto, o que devemos dizer, em altas vozes, a esses abortos da especie humana, é o seguinte:

Que apodreção silenciosamente, que deixem-se carcomêr pelos remorsos ou pelos vermes, que caião, em fim, no fundo de um sepulchro onde repousem quasi esquecidos.—e nós lhes cobriremos então piedosamente os descarnados ossos, quando venhão elles a ser revolvidos.

O que não podemos tolerar é que se constituão os *popelineiros* como que uns lêmures visiveis, a perturbarem o socego publico, a crearem embaraços a acção dos vivos ou d'aquelles que sentem de veras palpitar-lhes o generoso coração, onde está gravada a imagem da dignidade humana e d'esta terra deslumbrante que nos vio nascer!

O que não podemos tolerar é que nos estorvem no caminho—esses cadaveres ambulantes com quem topamos e de encontro aos quaes vamos esbarrando a todos os momentos, com risco até de morrermos tambem, asphyxiados pelos miasmas insupportaveis que vão deixando diariamente, nas praças publicas que elles suppõem de sua *exclusiva propriedade*...

E' preciso, a todo custo, sanear a atmosphera que nos circunda!

Que outros empreguem o *Labarraque*, por exemplo, nós preferimos o *Ferro em braza* a funccionar sobre os pustulentos!

Que os lêmures se dispersem, fujão e sumão-se até—lá para as profundas dos infernos!

Enxotemos esse bando de harpias revestidas de custosas *popelines* e do qual é capataz o HONRADO sr. Cotegipe, DIGNISSIMO ministro da *fazenda!*

Saneemos a atmosphera, que está summamente contaminada: nem si quer somos *egypcios* para prestarmo-nos a dar assento a mumias—na cabeceira das nossas mezas de jantar....

Enterremos ou queimemos esses cadaveres, resequidos, ou putrefactos. Barbaridade, se não inqualificavel imprevidencia, e FANATISMO, è deixal-os *inchar*

Figura 2: Jornal *Ferro em Brasa* (1877). Fonte: O FERRO EM BRASA. Teresina, ano 1, n. 2, 27 ago. 1877.

O jornal *O Ferro em Brasa* foi um dos últimos projetos pessoais desenvolvidos por David Caldas, pois, como referido anteriormente, quando o produz está novamente próximo aos liberais em virtude de uma aliança estabelecida por eles. No entanto, mesmo que o jornalista possuísse uma liberdade de atuação dentro do periódico *A Imprensa*, que apresentava uma

postura crítica ao Barão de Cotegipe[137], ainda assim ele sentiu a necessidade de produzir um periódico pessoal, em que tivesse a liberdade de fazer uma livre oposição a Cotegipe e à propaganda popelineira, como é apontado por ele: "Os chefes liberais, reconheço, são homens mais circunspectos ou pelo menos mais fleumáticos do que eu. Creio, portanto, que não me permitiriam dizer na Imprensa tudo quanto me aprouvesse"[138]. É nesse aspecto, e partindo dessa necessidade, que David Caldas começa a produzir *O Ferro em Brasa*.

Barão de Cotegipe foi um político conservador do Império brasileiro, tendo exercido importantes cargos. Dentre eles, pode-se destacar o de senador, assumindo pastas em ministérios, como da Fazenda, da Marinha e da Justiça. João Maurício Wanderley integrou o 27ª Gabinete junto a Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), tendo sido uma figura central neste gabinete conservador. Assim, David Caldas escreve em seu jornal "*O Ferro em Brasa* aparece para estigmatizar sem piedade ao ministro contrabandista, e quantos januários e popelineiros se lhe apresentem de frente"[139], denunciando o escândalo de contrabando envolvendo a figura do ministro. *O Ferro em Brasa* possuiu uma curta duração, uma vez que foi um projeto do jornalista visando "(...) apreciar e exprobar o fato denunciado na Câmara Federal pelo deputado Cesário Alvim, de que o ministro da fazenda, Barão de Cotegipe, fazia parte da firma comercial Gustavo Massei & Cia."[140]

No Piauí, também repercutiu, não apenas no *Ferro em Brasa*, mas em outros jornais pertencentes a outras vertentes políticas, como, por exemplo, o periódico *A Imprensa*: "Por honra mesmo do parlamento brasileiro devemos crer que não foi um voto de confiança, mas um voto de comiseração o que foi dado pela maioria da câmara ao gabinete"[141]. Essa citação foi retirada do jornal *A Imprensa*, que naquele momento ainda possuía como um dos redatores colaboradores David Caldas, podendo-se perceber, dessa forma, uma diferença em como a temática é tratada. Assim, mesmo sendo um jornal liberal e apresentando críticas contundentes ao membro do Partido Conservador, tais críticas não possuem a mesma intensidade nem mesmo

---

[137] João Maurício Wanderley Júnior, nasceu em 23 de outubro de 1815 no Rio Grande do Sul. Foi um importante jurista e político conservador brasileiro, tendo exercido diversos cargos políticos, como de deputado provincial, deputado geral, presidente da província da Bahia e senador, tendo assumido importante ministério, tendo ocupado a pasta da Fazenda, Marinha, Estrangeiros e da Justiça. É lembrado na história brasileira, principalmente por seu gabinete ter aprovado a lei do Sexagenário em 1885 ou Lei Saraiva-Cotegipe. Outro fato de sua biografia é ter votado contra a Lei Áurea.

[138] ONDE..., 14 set. 1877, p. 3.

[139] CALDAS, David Moreira. O Ferro em Brasa. O *Ferro em Brasa*. Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 27 ago. 1877.

[140] PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997, p.83.

[141] AINDA o ministro contrabandista. *A Imprensa*, Teresina, ano 13, n. 514, 17 ago. 1877.

o estilo apresentado por David Caldas no *Ferro em Brasa*, neste jornal o escritor apresenta uma linguagem com um tom mais informal, usando-se de alegorias para formular suas críticas.

David Caldas investe na construção de uma imagem visual ao jornal *O Ferro em Brasa*, que seria impresso em papel vermelho, relacionando-se à tonalidade da brasa, além de usar onomatopeias como o "chii", uma referência ao som emitido pelo ferro quente ao atingir uma superfície. Dessa forma, o "chii" seria o som emitido pelo ferro ao entrar em contato com políticos, como o próprio Barão de Cotegipe e os políticos que estavam a ele associados, defendendo-o no caso do crime de contrabando ao qual foi relacionado.

Logo, dentre as carreiras desempenhadas por David Moreira Caldas ao longo de sua vida, a de jornalista apresenta grande destaque, seja em função do seu envolvimento e dedicação a essa carreira, aos seus escritos, à sua forma de manifestar opiniões, às sociabilidades ou inimizades construídas ao longo de sua vida.

O periódico *O Ferro em Brasa* é um dos últimos projetos pessoais no âmbito da impressa desenvolvido pelo jornalista. Ainda no final de 1877 o jornalista foi acometido por um "desarranjo mental", como é indicado por muitos dos seus biógrafos e necrológicos da época, vindo a falecer no ano 1878.

A morte de David Caldas teve grande repercussão na província piauiense, sobretudo por ser um homem público, que estava inserido em uma rede de sociabilidades de intelectuais piauienses, gerando bastante comoção, como pode ser analisado nas publicações dos jornais, como o jornal *A Imprensa*, que diz:

> Ah! Já não existe o democrata David Moreira Caldas! Perdeu o Brasil um denodado campeão da liberdade e as letras um primoroso talento. Chora o Piauí a morte de um filho querido! Viestes hoje a este lugar sagrado render a homenagem de vosso apreço e estima ao ilustre finado, desempenhando ao mesmo tempo um dever de caridade, dirigindo ao Todo Poderoso uma prece saudosa pelo descanso eterno de sua alma, que, separada do invólucro que a prendia a matéria voou as regiões dos efeitos do Senhor [...] O falecimento de David Moreira Caldas encheu da mais profunda dor todas as almas magnânimas que no atual reinado do Sr. D. Pedro de Alcântara ainda não se deixaram abater pelo siroco do poder pessoal[142].

A causa da morte de David Caldas é relatada como uma "excitação nervosa violenta, como desarranjo mental", no jornal *Democrata*, do Maranhão. Um trecho foi publicado no periódico *A Imprensa e* relata que a morte do jornalista ocorreu no mês de fevereiro de 1878. O texto do jornal *Democrata* apresenta toda a trajetória de vida de David Caldas, especialmente a sua atuação como jornalista republicano, concluindo, o texto apontando aquelas que seriam

[142] ÓBITO notável. *A Imprensa*, Teresina, ano 13, n. 532, p. 2, 13 fev. 1878.

as heranças deixadas por ele: "David Caldas nasceu na vila de Barras desta província e faleceu aos 41 anos de idade, quase todos empregados nas vigílias dos estudos, em um labor insano e deixou como única herança à sua desolada família um prelo americano e seus manuscritos"[143].

Ao abordar a vida e a obra de David Caldas, o discurso proferido na Academia Piauiense de Letras em homenagem ao seu centenário de nascimento, colabora para a construção de uma memória heroica em torno de David ao abordar a sua vida, obra e morte.

Higino Cunha o apresenta em seu discurso como um homem enigmático, de difícil compreensão, um homem atravessado por uma singularidade que estaria entre a luz ou a loucura. A visão de David Caldas como um profeta piauiense, um gênio que foi mal compreendido pela sociedade que pertencia, uma sociedade que seria retrógrada e ingrata, perpassa todo o seu discurso.

> É fácil imaginar, mesmo a distância de mais de meio século, a tortura, o martírio, a tragédia da vida do profeta piauiense, em conflito com as hostilidades do meio retrogrado e ingrato, que não lhe compreendia as pregações e o vaticínio divinatório. Quanta angústia, quanto desespero na visão de um ideal longínquo de uma pátria feliz pelo amor, pela justiça e pela liberdade! Ideal, que só lhe acarretava dissabores e a penúria, pois até o cargo de professor do Liceu, conquistado em concurso brilhante, foi obrigado a renunciar para agir com independência diante dos poderosos aproveitadores de todas as situações, que lhe moviam terrível boicotagem para cingi-lo ao carro dos seus triunfos efêmeros! Fulminado por um insulto cerebral em pleno fragor da campanha nobilitante, teria deixado a mulher e os filhos nas agruras da fome, se a mão benfazeja de um amigo sincero não os obrigasse sob a sua sombra protetora. Essa tarefa generosa coube ao coronel José de Araújo Costa, o chefe liberal de mais prestígio no Piauí, que nunca o desamparou[144].

É recorrente nos escritos sobre David Caldas a grave situação financeira pela qual ficou exposta a sua família após o seu falecimento, tendo sua esposa e filhos ficado sob a proteção financeira de amigos, tais como o coronel José de Araújo Costa, que era chefe do Partido Liberal, como pode ser constatado no próprio texto da viúva Benvinda Caldas:

> Ultimamente, ao meu muito respeitável compadre coronel José d'Araújo Costa, as expressões não bastam! Os seus incomparáveis cuidados por minha desventurada sorte estão além das minhas humildes manifestações! [...] Finalmente, confesso-me do fundo d´alma penhorada por todos esses muitos obséquios e atenções que até aqui tenho recebido indistintamente deste ou daquele e faço votos à Divina Providência para que dê-lhes em graças quanto a minha gratidão não lhes pode oferecer[145].

---

[143] ÓBITO notável, 13 fev. 1878, p. 4.
[144] CUNHA, 1937, p. 146.
[145] PAIVA, Licurgo José Henrique de. *À memória de David Caldas*. Teresina: Tipografia do Oitenta e Nove, 1878.

A análise da vida e memória de David Caldas permite uma percepção da dedicação desse piauiense a educação, a imprensa e a política no Brasil oitocentista. Um homem do século XIX, atravessado pelas ideias, sonhos e angústias do seu tempo, possuindo um ciclo de sociabilidade, mas também um ciclo de inimizades, o qual possuiu grande relevância na sociedade que integrou. Em muitos momentos da sua trajetória deixou-se guiar pela força de seus ideais, mesmo diante das consequências negativas em sua vida e na de sua família, podendo-se citar como exemplo o seu empenho em defesa do sistema republicano e os prejuízos que essa decisão acarretou, como pode ser visualizado no agradecimento de Benvinda Caldas citado acima.

3 UMA IMPRENSA REPUBLICANA EM SOLO PIAUIENSE

O presente capítulo analisa o processo de desenvolvimento de uma imprensa republicana no Piauí em um recorte temporal que abrange dos anos de 1868 a 1875, que correspondem aos anos de circulação dos periódicos de caráter republicano de David Moreira Caldas, *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, uma vez que, nesta temporalidade analisada, o Piauí ainda não havia estabelecido um Partido Republicano organizado e nem mesmo uma propaganda republicana bem estruturada que excedesse a figura de David Moreira Caldas.

Diante disso, os jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* foram as principais fontes analisadas, buscando escrutar como deu-se o processo de transição de um caráter liberal para um republicano, que passou David Moreira Caldas e, consequentemente, os periódicos de sua autoria.

Dessa forma, este capítulo buscou demonstrar que, apesar de um caráter restrito, o ideário republicano se fez presente no Piauí entre os anos de 1868 e 1875 por meio do trabalho jornalístico do piauiense David Moreira Caldas, que, mesmo não pertencendo a uma província onde o republicanismo estabeleceu de forma significativa as suas bases, não estava ao todo isolado, pois fincava conexões com uma rede republicana presente em todo país, principalmente após o Manifesto Republicano e a partir da chegada de década de 1870.

3.1 *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*: a voz do republicanismo no Piauí

O jornal *O Amigo do Povo* representa o início de um novo momento na carreira de David Moreira Caldas, pois ele começa a ser produzido em período de transição de um David Caldas liberal atuante no Piauí para um republicano exaltado. Assim, por meio da análise desse jornal, é possível acompanhar o seu distanciamento do Partido Liberal, o que posteriormente culminaria em uma fase mais radicalizada desse sujeito histórico, que é representada pela sua identificação cada vez mais próxima ao republicanismo, passando a defender e a difundir este ideário.

David Caldas esteve ligado durante uma significativa parcela da sua vida aos liberais, seja ao Partido Liberal, pelo qual foi eleito deputado provincial, seja ao periódico liberal atuando como um dos seus mais destacados redatores. No entanto, mesmo ainda estando ligado ao grupo liberal, ele lança um projeto individual, um periódico intitulado *O Amigo do Povo*, que incialmente era impresso na tipografia do jornal *A Imprensa*.

O surgimento do periódico *O Amigo do Povo* e o seu distanciamento do grupo liberal, pode ser compreendido a partir do contexto político nacional do ano de 1868, pois neste ano ocorreu a queda do Gabinete de Zacarias de Góis e Vasconcelos[146], que constituía uma liga progressista, tendo em vista que era constituído por conservadores moderados e liberais, como indicado por Sérgio Eduardo Ferraz: "O gabinete de Zacarias materializa o primeiro arranjo ministerial composto por conservadores moderados e liberais"[147]. A queda do Gabinete de Zacarias de Góis se insere dentro de uma perspectiva de aprofundamento do país na Guerra do Paraguai (1864-1870), que promove um destaque da figura do general Caxias[148], que possuía

[146] Nasceu em 5 de novembro de 1815, em Valença na Bahia, importante área de abastecimento de gêneros e de concentração de pequenos e médios produtores. Formou em Direito pela Academia de Olinda em 1837, adentrou no Partido Conservador em 1843, ocupando uma cadeira na Assembleia Legislativa da Bahia, ainda na década de 1840 foi presidente da província do Piauí e de Sergipe. Foi um dos principais estadistas do Império brasileiro, contribuindo para a consolidação do Estado Nacional. Cf.: OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Da natureza e limites do poder moderador e a memória do conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos. In: VASCONCELOS, Zacarias de Góis e. *Zacarias de Góis e Vasconcelos*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 10.

[147] FERRAZ, Sérgio Eduardo. A dinâmica política do Império: instabilidade, gabinetes e Câmara dos Deputados (1840-1889). *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 25, n. 62, p. 65, jun. 2017.

[148] Luís Alves de Lima e Silva nasceu em 1803 no Rio de Janeiro, sendo filho de Francisco de Lima e Silva e de Cândida de Oliveira Belo, fazia parte de uma família de militares. Ingressou em 1822 no "Batalhão do Imperador", em 1825 participou da campanha da Cisplatina, lutou para derrotar a Balaiada. Em 1867 assumiu o comando das forças militares que lutavam na Guerra do Paraguai, obtendo importantes vitórias.

grande importância entre os militares e, também, de grande influência política, que será responsável por exigir a queda do referido Gabinete ao imperador, com ameaças de pedido de demissão do cargo que exercia frente ao Exército.

Diante desta situação, D. Pedro II sentiu a dificuldade de uma tomada de decisão, já que a demissão do general Caxias poderia significar um prolongamento ainda maior da guerra travada com o país vizinho, com grandes riscos à soberania do país. No entanto, a queda do Gabinete de Zacarias de Góis significaria pôr fim à Liga Progressista e, consequentemente, arriscaria a estabilidade política no país. A decisão de D. Pedro II foi favorável ao fim do Gabinete, uma decisão que desencadeou o aumento da impopularidade e da oposição.

A queda do referido Gabinete de Zacarias de Góis e a ascensão do Gabinete Conservador leva a uma brusca mudança no cenário político do país, resultando, no que seria nos anos posteriores, a decadência do Império brasileiro, a julgar que o envolvimento da pessoa do Imperador com a queda do Gabinete dá ao acontecimento um aspecto de golpe, sendo o Imperador o principal alvo de ferozes críticas. Assim, o ano de 1868 representa para a história brasileira um momento de clivagem no sistema monárquico, como é apontado por Sérgio Buarque de Holanda:

> A data de 1868 encerra o período do esplendor e abre o das crises que levarão à sua ruína. Não se poderia melhor assinalar o grande alcance do acontecimento que produz uma clivagem na história política da Monarquia brasileira e marca o ponto de partida mais visível da deterioração do regime[149].

A queda do Gabinete de Zacarias de Góis leva a repercussões em todo o país. No Piauí não foi diferente, saindo do poder o liberal Dr. José Manuel de Freitas, sendo substituído pelo vice-presidente conservador Dr. Simplício de Sousa Mendes[150], permanecendo no poder por 4 dias, tomando medidas que geraram muitas revoltas na oposição, como pode ser analisado no texto de Clodoaldo Freitas, ao afirmar que: "O Dr. Freitas, apeado do poder do seu partido, colocou-se naturalmente, à frente da oposição, verberando com energia esses espantosos desmandos"[151].

Assim, o ano de 1868 é marcado por crises no cenário político nacional e regional, bem como pela ascensão dos conservadores, o que leva a uma intensificação da oposição que no Piauí foi representada primeiramente pelo Partido Liberal, que contava com nomes como David

---

[149] HOLANDA, Sérgio Buarque. *História geral da civilização brasileira*: do Império à República. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, v. 7. p. 13.
[150] FREITAS, 2012, p. 30.
[151] FREITAS, 2012, p. 30.

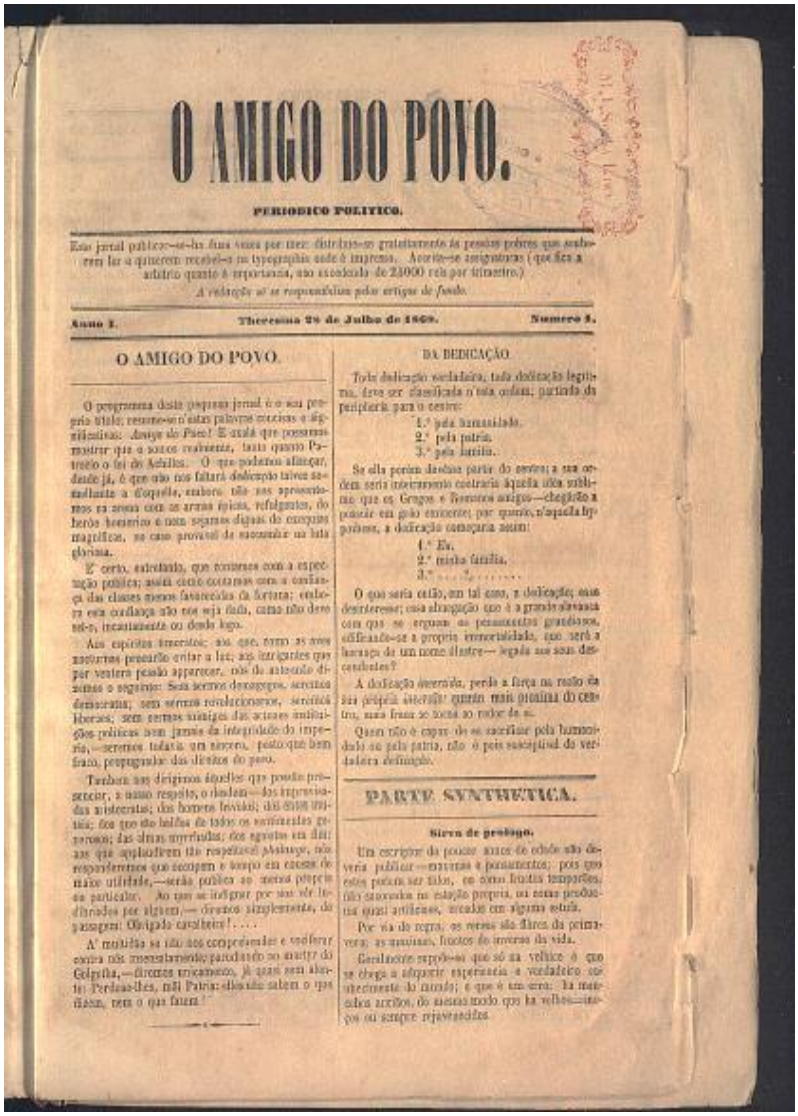
Moreira Caldas, Deolindo Mendes da Silva Moura, Miguel Borges[152], dentre outras personalidades liberais piauienses, os quais, de acordo com Clodoaldo Freitas, eram: "homens de ação e de inteligência, para só falar naqueles que maior responsabilidade tomavam nessas lutas, constituíam um elemento temível de oposição"[153].

Dessa forma, pode-se entender o ano de 1868 como profundamente emblemático para a história política do país, desenvolvendo um solo fértil onde brotou uma oposição ainda mais exaltada ao sistema imperial. É em meio a esse cenário político nacional e regional que David Moreira Caldas começa a produzir o seu periódico *O Amigo do Povo*, marcado por um tom de ressentimento.

A primeira edição desse periódico é publicada em 28 de julho do ano de 1868, um jornal político, publicado duas vezes ao mês, que aceitava assinaturas, sendo o valor definido a partir do livre-arbítrio do assinante, mas que não excederia o valor de 2 mil réis por trimestre. No cabeçalho do jornal também é apresentada a informação de que ele era distribuído gratuitamente às pessoas pobres que soubessem ler e pudessem recebê-lo diretamente na tipografia em que ele era impresso.

O periódico *O Amigo do Povo* apresentava uma riqueza de conteúdos, não ficando restrito apenas aos acontecimentos de cunho político e social que se desenrolavam em âmbito regional e nacional, mas também em âmbito mundial, apresentando ao seu público leitor notícias e interpretações acerca de manifestações, revoltas e revoluções que aconteciam em todo o mundo, sendo dessa forma uma chave de acesso à sociedade inserida na temporalidade em que era escrito.

[152] Nasceu em Campo maior em 15 de junho de 1836, filho do coronel Lívio Lopes Castelo Branco e Silva e Bárbara Maria de Jesus Castelo Branco. Foi jornalista, historiador, vereador da Câmara de Municipal de Teresina, delegado de polícia, dentre outras funções que desempenhou. Morreu em Teresina em 22 de abril de 1887.
[153] FREITAS, 2012, p. 31.



O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Este jornal publicar-se-ha duas vezes por mez: distribuir-se gratuitamente ás pessoas pobres que assignarem ler o quizerem receber-o na typographia onde é impresso. Acceita-se assignatura (que fica a arbitrio quanto á importancia, não excedendo de 2$000 rés por trimestre.)

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno 1. Theresina 28 de Julho de 1869. Numero 1.

O AMIGO DO POVO.

O programma deste pequeno jornal é o seu proprio titulo; resume-se nestas palavras concisas e significativas: *Amigo do Povo*! E oxalá que possamos mostrar que o somos realmente, tanto quanto Provecto o foi de Achilles. O que podemos afiançar desde já, é que não nos faltará dedicação talvez semelhante d'aquelle, embora não nos apresentemos na arena com as armas épicas, refulgentes, do herói homerico e nem sejamos dignos de exequias magnificas, no caso provavel de sucumbir na luta gloriosa.

E' certo, entretanto, que contamos com a expectação publica; assim como contamos com a confiança das classes menos favorecidas da fortuna; entretanto esta confiança não nos seja dada, como não deve ser-o, incontinenti ou desde logo.

Aos espiritos timoratos: aos que, como as aves nocturnas procurão evitar a luz; aos intrigantes que por ventura pensão apparecer, não do anteado dizemos o seguinte: Sem termos devaneios, sem idéas democratas; sem termos revolucionarios, sem idéas liberaes; sem termos ataques ás actuaes instituições politicas nem jamais da integridade do imperio,—seremos todavia um mixto, posto que bem feito, propugnador dos direitos do povo.

Tambem nos dirigimos áquelles que pensão prospecer, a nosso respeito, o riso—dos impressionados nevroticos; dos homens frivolos; dos eternos ironicos; dos que não ligão de todos os sentimentos generosos; das almas aperfeiçoadas; dos egoistas em fim; aos que applaudirem tão respeitosos plausos, não responderemos que sempre o tempo em causa de maior utilidade,—serão publico ao menos proprio ao particular. Ao que se indignar por nos ver ludibriados por alguem,—diremos simplesmente, de passagem: Obrigado caro leitor!....

A' mocidade se não nos comprehender e vociferar contra nós mesmo assim; parodiando as palavras do Golgotha,—diremos emquanto, já quasi sem alento: Perdoae-lhes, mãi Patria; elles não sabem o que dizem, nem o que fazem!

DA DEDICAÇÃO.

Toda dedicação verdadeira, toda dedicação legitima, deve ser classificada e sua ordem; partindo da periferia para o centro:

1.° pela humanidade.
2.° pela patria.
3.° pela familia.

Se ella porem dardeja parte do centro; a sua ordem seria inteiramente contraria áquella tão sublime que os Gregos e Romanos antigos—chegárão a possuir em gráo eminente; por quanto, n'aquella hypothese, a dedicação começara assim:

1.° Eu.
2.° minha familia.
3.° .....

O que seria então, em tal caso, a dedicação; esse desinteresse; essa abnegação que é a grande alavanca com que se erguem os pensamentos grandiosos, edificando-se a propria immortalidade, que será a herança de um nome illustre— legada aos seus descendentes?

A dedicação decahida, perde a força na razão da sua propria esterilidade: quanto mais proxima do centro, mais fraca se torna ao valor de si.

Quem não é capaz de se sacrificar pela humanidade ou pela patria, não é pois susceptivel de verdadeira dedicação.

PARTE SYNTHETICA.

Sirva de prologo.

Um escriptor de poucos annos de edade não deverá publicar—ensaios e pensamentos; pois que estes podem ser tidos, os mais bellos temporões, não surgindo na estação propria, ou estas produzindo quasi artificiaes, estarão em alguma estufa.

Por via de regra, as rosas são filhas da primavera; as maçans, frutos do inverno da vida.

Geralmente suppõe-se que só ao velhice é que se chega a adquirir experiencia e verdadeiro conhecimento do mundo; e que é um erro: la mocidade acerta, do mesmo modo que la velhice—mas os sempre rejuvenescidos.

Figura 3: Jornal *O Amigo do Povo* (1869). Fonte: O AMIGO DO POVO. Teresina, ano 1, n. 1, 28 jul. 1869.

A edição inaugural apresenta aos seus leitores um texto em que são lançadas as bases sobre as quais seriam alicerçadas essa proposta de periódico, ou seja, um periódico de cunho político, voltado à defesa dos ideais do seu redator e escrito naquele momento por um jornalista e político, como é possível verificar no enunciado:

> O programa deste pequeno jornal é o seu próprio título; resume-se nestas palavras concisas significativas: *O Amigo do Povo*! E oxalá possamos mostrar que somos realmente, tanto quanto provecto que foi Achilles. O que podemos afiançar desde já, é que não nos faltará dedicação talvez semelhante d'aquele, embora não nos apresentemos na arena com a armas épicas, refulgentes, do herói homérico e nem sejamos dignos de exéquias magníficas, no caso provável de sucumbir na luta gloriosa. É certo, entretanto, que contamos com a expectativa pública; assim como contamos com a confiança das classes

> menos favorecidas da fortuna; embora esta confiança não nos seja dada, como não deve sê-lo, incautamente ou desde logo[154].

David Caldas já apresentava um estilo de escrita bem destacado, ainda como jornalista do periódico *A Imprensa*, como já foi referido anteriormente. Essa característica permanece em sua escrita de *O Amigo do Povo*, sendo intensificada, visto ser comum o uso de metáforas e alegorias em seus textos, principalmente aqueles de caráter político, utilizando-se, nos primeiros números de periódicos, muitas referências ao idioma turco em seu texto, chegando mesmo a receber reclamações sobre essa caraterística do jornal, como se pode analisar no trecho a seguir: "Vários dos nossos assinantes têm pedido para escrever em estilo mais claro [...] bem como não empregarmos termos turcos"[155].

O jornalista então continua o texto concordando com a solicitação que lhe foi feita por seus assinantes, apontando que ela seria justa, uma vez que o seu periódico é escrito para o povo, logo precisaria ser acessível ao entendimento desse público leitor. Dessa forma, ele apresenta aos seus leitores o significado de muitas referências usadas em sua escrita. Assim, David Caldas continua a utilizar os termos turcos, o que pode ser entendido como uma associação que ele realiza com o momento político vivido no Brasil, no qual ele aponta como "nebuloso despotismo mulçumano".

Percebe-se que David Caldas não foge a esse padrão que se nota em muitos outros republicanos, haja vista que durante muitos anos fez parte da redação do periódico liberal *A Imprensa*, sendo um dos seus principais e mais inflamados redatores, chegando mesmo a eleger-se pelo partido como deputado provincial.

Pode-se inferir que tal decepção política tenha representado um dos principais motivos que o levou a aproximar-se cada vez mais do republicanismo. Somado a esse fator, encontra-se o Manifesto Republicano de 1870, que o encantou politicamente, recebido por David Caldas com grande emoção, sendo inclusive publicado de forma integral no periódico *O Amigo do Povo*, contando com comentários pessoais do jornalista. O Manifesto Republicano tem uma grande repercussão no jornal de David Caldas, constantemente retornando em várias edições do periódico. O mesmo acontece quando ocorre a criação do Partido Republicano.

O Amigo do Povo constitui-se, dessa forma, como um periódico político que se insere em um momento de transição de ideologia política que começa a ser produzido quando David Caldas ainda possuía uma ligação com os liberais e ainda atuava como deputado provincial pelo

---

[154] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 28 jul. 1868.
[155] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 3, 30 set. 1868.

Partido Liberal. Não obstante, ao mesmo tempo já apresentava traços republicanos, pois a palavra República e o ideário republicano já se faziam presentes, o que será melhor abordado em tópicos posteriores. No entanto, foi apenas em janeiro 1871 que o jornal se declara abertamente como republicano, o que pode ser compreendido como uma consequência direta da publicação do Manifesto Republicano em dezembro de 1870.

Logo, o periódico *O Amigo do Povo* tem como uma das suas principais características a crítica ferrenha ao sistema imperial brasileiro, a figura do imperador e de sua família e, posteriormente, uma defesa à propaganda republicana.

Por conseguinte, o jornal *Oitenta e Nove* corresponde a um segundo projeto de David Caldas em uma perspectiva de produção de um jornalismo republicano, sendo produzido após a publicação de número 89 do jornal *O Amigo do Povo*. A primeira edição do jornal *Oitenta e Nove* foi publicada em 1º de fevereiro do ano de 1873, apresentando um texto emblemático, que foi fundamental na trajetória republicana de David Caldas como um republicano histórico. Desse modo, muito da memória que foi construída sobre o jornalista piauiense, principalmente em âmbito nacional, está ligada a esse texto, chegando a adquirir um caráter profético após a Proclamação da República no Brasil que ocorre em 1889, data apresentada por David Caldas em seu texto.



OITENTA E NOVE.

MONITOR REPUBLICANO DO PIAUHY.

Figura 4: Jornal *Oitenta e Nove* (1873). Fonte: OITENTA E NOVE. Teresina, ano 1, n. 29, p. 1, 1 fev. 1873.

Ao realizar a análise do jornal *Oitenta e Nove*, é perceptível que ele apresenta uma intensificação da defesa e da propagação do ideário republicano no Piauí, chegando mesmo em sua edição inaugural a fazer uma alusão à possível data em que o sistema republicano seria proclamado no Brasil, como fica observável no trecho:

> Enquanto, porém, não avançamos tanto, a ponto de chegar a uma idade quase angélica, seja-nos permitido ter uma fé robusta de ver a República Federativa estabelecida no Brasil: pelo menos daqui a 17 anos ou em 1889, tempo assaz suficiente, segundo pensamos, para a educação livre de uma geração, para a qual ousamos apelar, cheio de maior confiança[156].

[156] CALDAS, David Moreira. Oitenta e Nove. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 1, n. 29, p. 1, 1 fev. 1873.

Essa edição será posteriormente mitificada, tendo em vista que assim como David Caldas propôs no texto, a Proclamação da República no Brasil se fez no ano de 1889. Dessa forma, em função desta edição inaugural do jornal *Oitenta e Nove*, muitos dos textos escritos sobre David Caldas atribuíram a ele um caráter profético, chegando mesmo a atribuir-lhe a alcunha de "Profeta da República".

A imagem apresentada anteriormente é da primeira edição do jornal *Oitenta e Nove*, o qual foi retirado da *Kosmos – revista artística, científica e literária*, do Rio de Janeiro, que divulgou em edição número 10, do ano de 1907, um dos principais e mais conhecidos textos de David Caldas. A publicação na revista *Kosmos* no Rio de Janeiro não foi um fato isolado, muitos outros jornais e revistas fazem referência à figura de David Caldas, principalmente no século XX, mostrando a repercussão em torno dessa personalidade piauiense e principalmente do seu texto.

Na primeira edição do jornal *Oitenta e Nove*, David Caldas dedica-se a explicar toda a simbologia que regia esse número na História, associando primeiramente a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, uma consequência da Revolução Francesa, que ocorreu no ano 1789, como pode ser analisada na citação a seguir: "*Oitenta e Nove* foi com efeito como que um grande dilúvio, sob o qual submergia-se o monstruoso feudalismo, que ainda afrontava a França dos inumeráveis Luíses, que lembravam Faraós do antigo Egito"[157]. Em seguida, apresenta a eleição de George Washington para a presidência dos Estados Unidos também no ao de 1789 "foi elevado à dignidade temporária de chefe dos estados confederados da União americana, que hoje se ostenta a mundo civilizado como a mais admirável colmeia de cidadãos, e por certo uma das mais poderosas nações da terra!"[158].

Ao longo da leitura dos textos publicados por David Caldas, principalmente em seus jornais de cunho republicano, é notável a influência dos ideais iluministas que exerce na sua forma de pensar, na sua construção política e nas ideias defendidas por ele nesta sociedade. David Caldas possuía uma enorme admiração pela França pós-Revolução Francesa e pelos Estados Unidos, considerando-os modelos de desenvolvimento político e social, sempre usando-os como referências a serem seguidas pelo Brasil, enxergando-os como símbolo de progresso e evolução, enquanto o Império brasileiro seria um símbolo de atraso político e social.

Nesse mesmo texto, David Caldas também aborda a alcunha de utopistas, a qual ao longo da sua trajetória muitas vezes lhe foi associado, na maioria delas como uma forma

[157]CALDAS, 1 fev. 1873, p. 1.
[158]CALDAS, 1 fev. 1873, p. 1.

pejorativa, visando promover o descrédito de suas ideias. Assim, ao abordar o termo utopista, ele o tenta ressignificar positivamente: "Pouco importa que nos chamem utopistas, uma vez que esse nome tem sido o de batismo aplicado pelos homens de vistas curtas e recebido por todos os grandes trabalhadores do gênero humano"[159]. Para esse intento, David Caldas associa o termo utopista a grandes personalidades da humanidade, tais como Jesus Cristo, Gutemberg, Colombo, Galileu, chegando a citar personalidades regionais, como o Conselheiro Saraiva[160], responsável pela transferência da capital do Piauí de Oeiras para Teresina, fundando dessa forma uma nova capital, dentre outros nomes importantes. Logo, ao apresentar tão relevantes personalidades, que também foram vistas por seus contemporâneos como utopistas, ele ressignifica o termo, sendo, assim, ele mesmo digno de honra ao ser chamado por seus contemporâneos de utopista.

Após apresentar toda a simbologia em torno do número oitenta e nove, David Caldas o aponta também como a data em que a República seria proclamada no país: "Seja-nos permitido ter uma fé robusta de ver a República Federativa estabelecida no Brasil: pelo menos daqui a 17 anos ou em 1889"[161]. David Caldas morreu no ano de 1878, ou seja, não viu a República ser proclamada no Brasil em 15 de novembro de 1889.

A importância do periódico *Oitenta e Nove* vai além da sua primeira edição mitificada, haja vista que esse periódico foi fundamental tanto no processo de oposição à monarquia como na de propagação do republicanismo no Piauí, abordando temáticas muito importantes sobre essa província, o Brasil e o mundo, estando conectado a importantes debates e periódicos da temporalidade em que esteve em circulação.

Dessa forma, análise do jornal *Oitenta e Nove* leva a uma compreensão tanto do processo de crítica ao Império brasileiro, quando a defesa e propagação do ideário republicano. Infelizmente, além da edição inaugural, o jornal só pôde contar com mais 10 edições publicadas no ano de 1874, considerando-se que essas são as únicas que foram encontradas disponíveis para serem estudas na hemeroteca digital.

---

[159] CALDAS, 1 fev. 1873, p. 1.

[160] José Antônio Saraiva foi um importante advogado e político brasileiro. Nasceu em 1 de maio de 1823 em Santo Amaro na Bahia. Ao longo de sua vida alcançou altas posições, tendo exercido muita influência no Segundo Império brasileiro. Foi na província do Piauí que exerceu a sua primeira grande função pública a de presidente da província, tendo como sua magistral obra a frente desse cargo a fundação da cidade de Teresina e a transferência da capital da província de Oeiras para a nova cidade. Cf.: CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. *Obra Completa*. 2. ed. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013. p. 504-512.

[161] CALDAS, 1 fev. 1873, p. 1.

3.3 A desconstrução de um imaginário monárquico

No atual tópico optou-se por realizar uma análise dos jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* de forma conjunta, visto que as críticas ao Império brasileiro, as questões sociais e a construção de uma defesa e propagação do ideário republicano no Piauí, representam características comuns a ambos os periódicos pertencentes a David Moreira Caldas.

A análise dos jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* permite constatar que, para além da defesa e da propagação do ideário republicano no Piauí, uma das temáticas centrais destes periódicos, percebesse-se também um grande empenho de David Moreira Caldas em desconstruir o imaginário monarquista enraizado na cultura brasileira. Assim, a necessidade de construção de um imaginário republicano estava intimamente associada à desconstrução do imaginário monárquico.

As críticas destinadas ao Império, ao imperador e à família real em ambos os jornais se apresentam algumas vezes de forma explícita e em outras de forma implícita. Taís críticas contundentes, seja em textos de autoria do próprio David Caldas ou em textos transcritos por ele de outros periódicos, englobam tanto as decisões políticas tomadas pelo imperador e sua família quanto as relações pessoais estabelecidas por eles, mas não se restringem apenas a elas, pois suas críticas possuem uma maior profundidade ao fazer refletir sobre o poder da própria instituição monárquica e do imperador, como é verificado no excerto:

> É um indivíduo de carne e osso como qualquer um de nós, nem mais nem menos, nascido inteiramente nu, criado debaixo de um teto e em cima de um soalho, gritando para nascerem-lhe os dentes, tal como nós. A diferença começa no dia em que o andando por seu pé e compreendendo o que diz junto de si, tratam-no de alteza, e sabe que é de raça privilegiada. A não ser isso poderá, em rigor, contentar-se com pão negro, cebolas cruas e zurrapa, acomodar-se com um caminho de vime e um cavalo de 50 escudos, divertir-se ao nosso modo e dançar domingo ao som de uma gaita de fole[162].

No trecho acima pode-se analisar que David Caldas procura humanizar a figura do rei, no sentido de torná-lo igual às demais pessoas, negando ao monarca o caráter sagrado que lhe foi associado, buscando promover a reflexão em torno da ideia de que, o que o torna rei aquele indivíduo que está acima de todos os outros, é o conjunto de práticas estabelecidas em torno dele, ou seja, é a cultura que lhe proporciona esse status na sociedade. A partir do momento que

[162] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 16, p. 1, 14 out. 1869.

lhe é negado o caráter sagrado, sendo analisado no âmbito da cultura, torna-se mais fácil criticá-lo, lhe fazer oposição.

Uma das principais instituições do governo imperial que é prontamente atacada em seus textos é a Constituição Imperial, ou "petroniana", como é chamada no texto de autoria de David Caldas intitulado Cosmogonia política, em que são apontadas as principais falhas presentes nesta constituição.

> A constituição petroniana é um caos, onde domina o absurdo, é uma amálgama composta por quatro elementos diversos que se chocam entre si; querendo um deles preponderar com detrimentos dos outros, é preciso pôr sem dúvida, que haja ordem na gravitação geral, é preciso, enfim, antes de tudo que ali se faça luz[163].

A Constituição a qual se refere David Caldas foi antecedida primeiramente pela dissolução da Constituinte de 1823, sendo então outorgada posteriormente a Constituição de 1824 pelo imperador D. Pedro I, que, apesar de apresentar um caráter liberal, não possuiu a legitimidade de voto, como é apontado por Carvalho: "Outorgou uma Constituição que, apesar de liberal, não tinha a legitimidade da votação dos constituintes"[164]. A constituição foi outorgada em março de 1824, sendo substituída apenas no ano de 1891, quando a República já havia sido proclamada no país. Dessa forma, a referida constituição perpassa todo o Império brasileiro, sendo um dos principais símbolos e instrumentos do poder imperial. Assim, atacar a Constituição Imperial significa atacar diretamente o poder que foi instituído a esse Império e o seu imperante.

Nessa mesma edição do jornal, ele continua a explorar a temática "Constituição", agora apontado as suas falhas, por meio da comparação de dois artigos. O primeiro seria o artigo 99, que apresenta um texto em que o imperador é considerado uma figura inviolável e sagrada, um artigo que seria amplamente respeitado, diferente do artigo 179 da mesma Constituição, que defende que todas as casas dos cidadãos seriam invioláveis. Entretanto, esse segundo artigo não seria amplamente respeitado como o primeiro, construindo uma argumentação de uma Constituição falha, concluindo o texto com "Abaixo o privilégio! Fora a fortuna! Viva o direito à Justiça!"[165].

Além da Constituição de 1824, um dos principais alicerces do Império brasileiro, outros pontos fundamentais da identidade imperial também são amplamente atacados por David

---

[163] CALDAS, David Moreira. Cosmogonia política. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 4, p. 2, 16 set. 1868.
[164] CARVALHO, 2012, p. 84.
[165] CALDAS, 16 set. 1868, p. 2.

Caldas no *Amigo do Povo*, tais como a hereditariedade, a sagração, a etiqueta, a onipotência e a magnificência real, sendo vistos pelo jornalista como um grande atraso, intolerável "neste século das luzes".

Ao longo de seguidas edições de *O Amigo do Povo*, cada um desses pilares da Monarquia é amplamente atacado, suas inconsistências são apontadas e constrói-se uma narrativa na qual questiona-se esse poder tão fundamental e divino que é atribuído ao imperador, buscando, muito provavelmente, instigar nos leitores uma reflexão em torno destas figuras monárquicas, como exprime o seguinte fragmento:

> 1° Porque a hipocrisia, em nome da religião, por um contrato simoníaco, tacitamente concluiu entre ambos, encarregou-se de considerar aquele como sagrado, a troco de pingues prebendas. A este ato herói-cômico deverá chamar-se permuta do incenso e do ouro! 2° Porque a traição, em nome do Brio militar, por um mútuo acordo, lesivo aos direitos de terceiro, conveio em guardar o costado daquele mestre da bisca, a troco de durindanas, galões, fitas &&. 3° Porque os senhores cortesões e em geral todos os pelotiqueiros da nossa sociedade, constituíram-no seu chefe comum, para que servisse de espantalho aos pobres de espírito que recusassem por ventura acreditar em suas patranhas, verdadeira mina de prata, produtiva como o antigo e famigerado Potosí[166].

No trecho apresentado anteriormente, percebe-se a tentativa de promover uma reflexão sobre o poder real, que, segundo o jornalista piauiense, se baseava primeiro em uma explicação religiosa, segundo por meio de um acordo estabelecido visando as questões de cunho militar e por último por questões de cunho político, nos quais foram estabelecidas as necessidades de um líder.

Um outro ponto amplamente criticado em ambos os jornais diz respeito aos gastos exorbitantes para a manutenção desse sistema imperial, mais especificamente os gastos que são realizados para manter a família imperial. Assim, em seus jornais não faltam tabelas em que são apresentados com riqueza de detalhes os gastos realizados pelo imperador e sua família, normalmente acompanhados de comparações dos gastos realizados em países que tinham como forma de governo a República. Somado a isso, um outro fator amplamente abordado e divulgado são os casos de corrupção, principalmente aqueles que envolvem membros da família real. Um dos exemplos foi um escândalo envolvendo o conde D'Áquila, marido da irmã de D. Pedro II, dona Januária de Bragança:

> Esperamos por dias ver a Republica castigar como devera esse rasgo de imprudência. Enquanto o sr. Pedro II mantiver as fórmulas arque ridículas da monarquia constitucional que nos rege, enquanto a primeira lei do Estado der

[166] CALDAS, David Moreira. Porque o rei é poderoso. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 16, p. 2, 14 mar. 1869.

> ao parlamento e somente a ele o direito de decretar as despesas e fazer orçamentos, ato como os de que nos ocupamos, serão sempre verdadeiros peculatos! Trata-se de um crime previsto, e, pior ainda, de um delito confesso pelo governo e de cuja intenção boa ou má a lei não cogitou para considerá-lo como tal. Em todo caso, o meio único de verificar a inocência ou a criminalidade, ninguém o ignora, é o julgamento pelo poder competente[167].

É recorrente nos jornais de David Caldas a denúncia de escândalos de corrupção, sendo explorados principalmente aqueles que poderiam ser diretamente associados ao governo imperial, ao imperador ou à sua família, uma estratégia usada pelo jornalista para apontar as falhas desse governo imperial, construindo uma narrativa na qual esse governo seria atravessado por corrupção e essas falhas não seriam julgadas de maneira correta, supondo uma conivência do governo imperial e do próprio imperador, especialmente nos casos ligados à sua família e amigos próximos.

Mesmo quando casos de corrupção envolvendo repúblicas eram noticiados, percebe-se na narrativa uma preocupação em mostrar ao leitor que a situação não se assemelhava a do Brasil, tendo em vista que nas repúblicas os crimes de corrupção eram julgados e punidos exemplarmente, diferente do que acontecia no Império.

Um dos recursos muito utilizados por David Caldas é o uso de textos de caráter literário. Nessa perspectiva, construía-se uma narrativa com personagens ficcionais, mas que, em uma leitura atenta, percebe-se que tais personagens eram na verdade representações de pessoas reais, normalmente políticos opositores aos ideais de David Caldas, especialmente políticos conservadores, membros do governo monárquico ou a própria figura do imperador, como é observado no extrato abaixo:

> Há uma teia enorme que nos enreda desastradamente desde o Amazonas até o Prata, a isto chama-se, politicamente, o governo monárquico representativo! No centro da teia, num 21° círculo denominado do 'Município Neutro', existe, cercada de outras sete um pouco menores, à guisa de ministros, uma enorme aranha real, senhora absoluta de quantas bambinelas legislativas por aí se ostentam nos seus lustrosos domínios afins de em qualquer parte servirem para melhoramentos enredar-se todas essas pobres moscas que sendo umas tontas deixam-se facilmente cair no laço. Apesar mesmo das suas asas com feitio de abas de fardas, mais ou menos bonitas, como as que servem para a guarda nacional do Brasil![168]

O texto O Império das Aranhas e das Moscas pode ser analisado como uma crítica direta ao Império brasileiro. Os principais personagens desse texto são as teias, que representam o

---

[167] CALDAS, David Moreira. Duas Palavras sobre a questão Conde d'Aquila. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 22 p. 2, 16 set. 1868.
[168] CALDAS, David Moreira. O império das aranhas e das moscas. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 18, p. 1, 24 abr. 1869.

sistema imperial como um todo, e cada teia corresponderia a uma instância administrativa desse vasto império, tais como cada uma de suas províncias e os demais setores administrativos; as aranhas pequenas correspondem aos homens responsáveis por administrarem as instâncias deste império, sejam eles presidentes de províncias, delegados, dentre outros, que ajudam no funcionamento do referido regime. O centro desta imensa teia é ocupado por um dos principais personagens dessa história, a aranha real, uma representação da figura do imperador Dom Pedro II, responsável por administrar tão extenso império.

Dentro dessa narrativa fictícia, mas com uma pretensão de representação da realidade, no caso a realidade do sistema político que vigorava no Brasil no momento em que foi escrita, o povo é representado pelas moscas, que, segundo o autor, não são iguais, algumas deixavam-se envolver facilmente pela teia imperial por ingenuidade, por serem ordeiras, já outras deixavam-se envolver pelo cheiro do mel, o que pode ser entendido como benesses das quais estariam interessadas e por isso entrariam nessa enorme teia, ou seja, nesse jogo político do império, e aquelas que não sucumbiam a esse jogo eram chamadas de anarquistas. Assim, o texto então termina com questionamentos voltados ao público leitor, tais como:

> Quando cessará o estúpido zum-zum desse mosqueteiro ignóbil que se deixa atrair por uma podridão qualquer, apenas confeitada com um ressaibo de mel... de mel fabricado sabe Deus como?... Quando finalmente deixaremos de ser um império de aranhas e de moscas? Responda o povo, com as armas nas mãos, quando razões forem escusadas!...[169]

Os questionamentos que encerram o texto levam à percepção de que a narrativa elaborada por seu autor não visa exclusivamente à crítica pela crítica, existe uma intenção de promover a reflexão de quem os lê, que se dá pela capacidade do leitor em perceber as críticas à sociedade em que estão inseridos aqueles textos, conseguir fazer associações dos personagens fictícios ali abordados com as figuras da vida pública e política dessa sociedade, além de se perceber dentro da narrativa elaborada.

O mesmo caráter literário usado para a elaboração das críticas à Monarquia pode ser analisado no texto intitulado O pigmeu e o gigante, publicado no *O Amigo do Povo*:

> Um certo Gabriel coroado edificou uma cidade verdadeiramente púnica, a maneira de Dido a estelionatária. Gabriel coroado disse um dia a Briareu, o gigante de cem braços, que se este carregasse com o Etna as costas, ele Gabriel passaria livremente por dentro do aro de uma chave: aquele que vencesse semelhante aposta, esse seria o senhor do terreno em que se fundaria a Nova Cartago nas plagas da Atlântida. Briareu, querendo carregar com a Etna, ficou subjugado trazendo um vulcão no costado. Entretanto, Gabriel coroado, recorrendo à fraude, cortou o aro da chave e, a troco de malho estendeu-o

[169] CALDAS, 24 abr. 1869, p. 1.

> quanto pode; recurvando-a a final, para conserva- lhe a forma primitiva. [...] Um dia, 7 de abril, Briareu sacudiu com a Etna para um lado, e arremessou-se sobre o tal homem da chave- que era não somente senhor da Nova Carthago; mas carcereiro do infeliz gigante de cuja boa-fé zombara tão infamemente: quando, porém o pobre cativo supôs que ia agarrar o seu tirano, - achou-se em frente de um menino de voz afeminada[170].

A partir da leitura do trecho é possível inferir a relação entre o conto e a história do Império brasileiro. Gabrielzinho, possuidor da desejada chave da liberdade, não passava de uma criança, assim como Pedro de Alcântara, quando deixado pelo pai D. Pedro I no Brasil com apenas 5 anos de idade. Dessa forma, a atitude tola do gigante de ter desperdiçado a oportunidade de libertar-se, subestimando o poder de tão fraco opositor (a criança), é uma analogia ao povo brasileiro que se deixou permanecer sobre o julgo da monarquia mesmo tendo no poder uma criança, não se atentando ao fato de que ela cresceria, e tonar-se-ia um forte governante, mais tirano que o pai, na visão de David Caldas.

A partir da década de 1870, as críticas tornam-se ainda mais constantes, o que pode estar relacionado a aproximação cada vez maior de David Caldas com o ideário republicano e às situações de crise que o país enfrentava. Como exposto na passagem:

> O sr. Pedro II se intitula defensor perpétuo do Brasil, entretanto na ocasião mais crítica ele abandona o país põe-se a viajar pela Europa, sem se importar que os nossos destinos corram à revelia: sua majestade que é um verdadeiro sábio segundo apregoam *orbe et urbe* os cortesãos dos dois mundos, entendeu que de longe e correndo terras lhe seria mais fácil curar dos interesses, tão complicados, deste vê-lo pelo país, e a consciência não lhe remorderá ao recordar-se que o cliente foi abandonado pelo defensor na hora mais solene, na hora do perigo, na hora em que, como a náufrago, a nação procura agarrar-se a uma taboa de salvação, sem poder talvez encontrá-la de pronto![171]

A década de 1870 é marcada por muitas crises no Brasil, decorrentes de fatores como o fim da Guerra do Paraguai, uma guerra que, embora o Brasil saísse vitorioso, promoveu consequências desastrosas para o país, primeiro relacionada à economia, pois foram necessários gastos exorbitantes para a manutenção do país na guerra, e os gastos sociais, com a morte de muitos brasileiros que foram lutar nessa guerra. Somado a essa questão, pode-se citar o movimento abolicionista, que aumentou a pressão para o fim da escravidão no território brasileiro. Tais pontos contribuem diretamente para a queda da popularidade do imperador, que, em meio a esse cenário de crise, decide fazer uma viagem para o exterior.

---

[170] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 4, p. 4, 16 set. 1868.
[171] CALDAS, David Moreira. Como o rei fala a verdade. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 65, p. 1, 15 set. 1871.

Percebe-se na citação anterior que tais viagens feitas pelo imperador acabam promovendo fortes críticas de seus opositores. No texto de David Caldas sobre a temática, as viagens do imperador são profundamente exploradas, sendo analisadas sob uma ótica que as aponta como um abandono à nação em um momento de crise. É construída uma narrativa que visa apontar uma ineficiência do imperador como líder da nação, questionando assim sua capacidade como líder político e como governante. As críticas não se encerram apenas no que seria um ato de abandono do país em um momento crítico, mas também abordam os gastos que essa viagem proporcionou ao povo brasileiro:

> No glossário principesco, incógnito parece que quer dizer: Sem grandes ostentações. Destarte, viajar incógnito não seja conhecido: ao contrário, deve-se entender – vagamundear gastando só 800 contos, depois de haver rejeitado 4 mil... por ser pouco talvez para viajar sem ser incógnito...[172]

As críticas de David Caldas não ficam restritas apenas à figura do imperador D. Pedro II, como foi relatado anteriormente, mas também se dirigem à família real, em especial a um ilustre membro dessa família, a princesa Isabel, que, muito provavelmente, seria a herdeira do trono caso a República não tivesse sido proclamada. As críticas à princesa Isabel foram marcas constantes dessa atualidade, primeiramente por ser uma mulher a herdeira do trono em uma sociedade patriarcal. Em seguida, pode-se destacar as críticas destinadas ao seu marido Conde D'Eu, pelo fato dele ser um estrangeiro. Assim, o casal era alvo de muitas críticas de seus opositores:

> Parece evidente, acrescenta o *Oitenta e Nove*, que o conde d'Eu não desejava que o seu pimpolho veja a luz nesta terra de Botocudos! Para ser, porém, coerente, S. A. devia detestar o nosso dinheiro: com o qual vai passando vida folgada e milagrosa... Um dia, teremos de ver também no Brasil duas facções monarquistas sendo legitimistas os que não segurem a bandeira desse orleanszinho estrangeiro cujo o pai fez renegar, antes de nascido a pátria que deveria ter? Será sina de todo Orleans... o não ser verdadeiramente sucessor de um trono! Por um dos tais vadios de Paris, inda terá de ser este país Governado, quem sabe por um triz! Infeliz rei ou desgraçada nação![173]

O texto publicado por David Caldas em *Oitenta e Nove* começa questionando fatos que haviam sido noticiados em jornais franceses sobre a ausência da princesa imperial, que no momento relatado estava grávida, em alguns compromissos públicos e por conta do seu estado de saúde poderia dar à luz em Paris. O texto aponta para um descontentamento de Conde D'Eu, que estaria relacionado ao fato dele não querer que seu filho, que seria o herdeiro do trono,

[172] CALDAS, 15 set. 1871, p. 1.
[173] CALDAS, David Moreira. Princesa imperial. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 24, p. 3, 25 jun. 1874.

nascesse em solo brasileiro, por um preconceito que teria com o país. As críticas à família imperial não ficam restritas apenas à figura do imperador Dom Pedro II ou à herdeira do trono real, a princesa Isabel, também se estendem aos demais membros da família, como pode ser visualizado no trecho a seguir:

> Depois da fome, peste e guerra, só nos faltava isto! A 21 de maio último, a Sr.ª D. Leopoldina deu à luz um príncipe: já é o 3° ou 4° de uma bela série de pequenos faraós que a duquesa de Saxe parece ter apostado produzir infalivelmente, para suma felicidade deste rico Brasil, que hoje adora mais a um querido infante, neto d'el rei nosso senhor. Venha mais essa gafeira para quem já se acha bem levado da breca![174]

Leopoldina de Bragança, a qual, apesar da morte muito precoce aos 23 anos, teve sete filhos, tendo apenas quatro destes chegado à idade adulta. O nascimento de membros da família real é uma temática muito explorada pela imprensa opositora, pois é constantemente associado a gastos públicos, pois cada membro da família imperial tinha suas despesas custeadas pelo Estado. Dessa forma, jornais opositores à Monarquia, como o jornal de David Caldas, exploravam a narrativa de que cada filho da família real representava gastos aos cofres públicos, ou seja, era mais uma despesa ao povo brasileiro.

Assim, os gastos da família real eram explorados por tais jornais, sendo usados em comparações com gastos realizados em países cujo sistema político era a República, como, por exemplo, na citação a seguir:

> Esta avultadíssima quantia, superior a 90 milhões de cruzados, se fosse aplicada, por exemplo, à construção de caminhos de ferro daria para um de 100 léguas e se fosse destinada à abertura de canais chegaria com muita sobra para dois tão grandes como os de Eriê e Champlain, nos Estados Unidos (árvore colossal que não sabe o que seja a parasita fatal...), canais cuja a extensão é de 425 ½ milhas ou 142 léguas e nos quais os Americanos do norte despenderam apenas 52:363:120 francos! As próprias cifras se revoltam contra a monarquia, quando são chamadas a um povo laborioso e econômico! Sim, os Estados Unidos com seus 20 presidentes da confederação, no espaço de 80 anos, não gastaram talvez um terço do que tem os brasileiros gasto com um só rei em 38 anos![175]

Na edição do jornal do que foi retirado o trecho acima, o jornalista apresenta detalhadamente os gastos que foram feitos ao longo de 38 anos de governo imperial no Brasil, gastos esses realizados com o imperador e com os membros da família real, que, segundo ele, dariam o equivalente a 90 mil cruzados, que quando comparados com os gastos realizados com

---

[174] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 21, p. 1, 10 jul. 1869.
[175] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 22, p. 1, 11 set. 1869.

governos republicanos, mostram o tamanho da disparidade entre os dois sistemas políticos. Ele usa como exemplo em seu texto os Estados Unidos da América, que, segundo ele, em uma temporalidade de 80 anos, tendo nesse espaço de tempo tido 20 presidentes, gastaram bem menos que o Brasil imperial nesses 38 anos de governo.

As comparações entre o Brasil imperial e os países nos quais a República Federativa vigora são pontos muito abordados por David Caldas, mostrando por exemplo a gritante disparidade no grau de desenvolvimento desses países, sendo os países republicanos, tal como os Estados Unidos, muito mais desenvolvidos que o Brasil, com um quadro de estrutura física e social muito à frente do brasileiro.

Essas comparações podem ser analisadas por meio de um texto elaborado por David Caldas intitulado Marvão e Chicago[176], publicado no jornal o *Amigo do Povo* em 1871. Segundo o jornalista, se comparadas as cidades de Chicago, nos Estados Unidos, e Marvão, atual Castelo do Piauí, cidade brasileira, no século XVIII, ambas possuíam estruturas de desenvolvimento e tamanho da população muito próximos. No entanto, os países em que estão localizadas essas cidades, apesar de ambos serem colônias, enfrentaram diferentes processos políticos, tendo os Estados Unidos declarado a sua independência da Inglaterra ainda no final do século XVIII, mais especificamente em 4 de julho de 1776, que estabeleceu naquela porção norte do continente uma República Federativa, enquanto, no Brasil, a independência só foi realizada em 7 de setembro de 1822, tendo sido estabelecido um governo imperial, alicerçado em uma tradição portuguesa, já que o imperador coroado foi Dom Pedro I, filho de Dom João VI, sendo, portanto, o herdeiro direto ao trono.

Os processos políticos desenvolvidos em ambos os países refletiriam diretamente em como os países iriam se desenvolver econômica, social e culturalmente, tendo ambos se tornado muito diferentes. Assim, as cidades de Marvão e Chicago, que apresentavam estruturas semelhantes, com o passar dos anos se tornaram totalmente distintas. Chicago tornou-se muito desenvolvida, com uma boa estrutura e aumentou o seu contingente populacional, passando por mudanças radicais, enquanto a cidade de Marvão, localizada no Brasil, desenvolveu-se a passos muito lentos, passando por quase ou nenhuma mudança verdadeiramente significativa. Logo, ambas as cidades localizadas em porções diferentes do continente americano se distanciaram completamente com o tempo, fato apontado pelo jornalista piauiense. Essa é uma consequência direta desses processos políticos que ocorreram nesses países, e, principalmente, dos sistemas políticos estabelecidos em ambos, induzindo o leitor à reflexão de que a República promovia o

[176] MARVÃO e Chicago. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 4, p. 5-6, 11 fev. 1871.

amplo crescimento e desenvolvimento de um país, enquanto a Monarquia promovia nos países um atraso, como poderia ser analisado no caso do Brasil e dos Estados Unidos.

David Caldas possuía um rico repertório intelectual, estando sempre usando como estratégia narrativa muitas alusões históricas, associando as problemáticas enfrentadas em sua temporalidade, com situações ocorridas na Roma Antiga ou a seus personagens históricos, por exemplo. Em seus periódicos, nota-se que ele não restringia suas discussões apenas aos fatos ocorridos no Piauí, no Brasil ou no continente americano em si, ele travava de acontecimentos importantes que se desenrolavam em solo europeu, principalmente como forma de fazer referência às situações vivenciadas pelo país, como pode ser analisado no trecho a seguir:

> Damos em seguida a lista nominal das testas coroadas que tem sido derribado de seus tronos, no último decênio. 1°- Duque Francisco V, de Modena, nascido no 1° de junho de 1819: foi lançado fora em 1859. 2°- Grão duque Leopoldo II, de Toscana, nascido em 3 de outubro de 1797: abdicou em 1859 em seu sucessor Fernando IV, que no ano seguinte achou-se em árvore seca. 3°- Duque Carlos Roberto, de Parma, nascido em 9 de julho de 1848: ficou sem seus estados em 1860 [...] Já veem os leitores que o negócio tem ido a razão de um por cada ano! Pelo jeito que levam as coisas, em 1905 a Europa estará completamente limpa... sem nem um monstro coroado, para semente ao menos. Nós ficaremos livres do sábio muito breve, visto que é único neste vasto continente do novo mundo[177].

No trecho supracitado, David Caldas aponta todos aqueles que em sua perspectiva eram tiranos, mas que perderam o poder em cada um dos seus espaços de dominação e influência política, denominando-os de "testas coroadas", retirados do poder, tais como o duque de Francisco V, a rainha Elizabeth II da Espanha, o imperador Napoleão III, dentre muitos outros, que, além do enorme poder e influência política que possuíam, também tinham em comum o século em que perderam tais poderes, no caso, o século XIX, que teria representado o momento de queda de muitas monarquias em todo o continente europeu. David Caldas apresentava em seu texto tais casos como uma forma de apontar um padrão na queda desses grandes personagens históricos, anunciando o caminho a ser seguido, demonstrando a sua crença de que até o início do século XX, mais especificamente o ano de 1905, a Europa estaria livre das monarquias.

Diante disso, pode-se perceber como os jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* foram instrumentos fundamentais de críticas ao Império, ajudando no processo de desconstrução do imaginário monárquico, o que se fazia imprescindível para uma expansão do ideário republicano.

---

[177] CALDAS, David Moreira. Vão desaparecendo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 2, n. 45, p. 1, 5 nov. 1870.

3.4 A imprensa republicana como um espaço de crítica às mazelas sociais

Os jornais são espaços fundamentais para a exposição de ideologias políticas da época em que foram escritos, mas também são essenciais para entender a sociedade da qual são frutos, em virtude do fato de que nos jornais são divulgadas as informações mais importantes que foram selecionadas pelos redatores. Em meio a esse processo de divulgação de informações, é perceptível o posicionamento dos redatores em relação à forma com que a informação foi selecionada e a maneira como é narrada no jornal. Dessa maneira, ao analisar os jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* pode-se perceber muito dos posicionamentos de David Caldas acerca da sociedade que pertencia.

Ao analisar a atuação de David Caldas, seja como político tentando aprovar um projeto de lei que visava a melhoria da vida dos teresinenses, ou como jornalista defendendo fervorosamente a implantação da República como sistema político no país, se posicionando contra a escravidão ou dando visibilidade a projetos voltados à instrução popular, são indicadores da importância dada por David Caldas às problemáticas de cunho social e o seu desejo de transformar a sociedade em que estava inserido.

Assim, na condição de deputado provincial, David Caldas posicionou-se nessa sociedade propondo à Câmara um projeto de lei que visava a construção de casas de telhas para moradores da cidade de Teresina, um projeto que é apresentado detalhadamente em seu jornal:

> 1°. Sob o ponto de vista econômico, a lei seria justa ou pelo menos equitativa por duas razões principais, que veem a ser: 1ª porque, para ser entre nós uma palpável realidade o auxílio mútuo que o homem em sociedade deve prestar ao seu semelhante, o proprietário da casa que pagasse décima urbana devia, pelo menos, coadjuvar, por meio desse imposto, aquele que não se achasse em condições tão favoráveis, visto ter morada uma simples palhoça e então, com auxílio prestado, poderia ser melhorada a habitação do proletário. A 2ª razão, de vantagem econômica, em favor da lei projetada, era a de estimular o pobre, que adquire assim mais amor ao trabalho, logo que pudesse contar com uma mão generosa que viesse em seu socorro, quando mais necessária lhe fosse ela, essa mão generosa, por via de regra, para o filho do povo só não falta mãos opressoras![178]

A apresentação detalhada desse projeto de lei no jornal está diretamente ligada à necessidade de defendê-lo, apresenta-lo como exequível e não fruto de utopias, como muitos

[178] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 2, p. 1, 18 ago. 1868.

dos seus opositores o enxergaram. Ele apresenta como fundamento da sua argumentação a própria transferência da capital do Piauí de Oeiras para Teresina, idealizada pelo então presidente da província José Antônio Saraiva, um projeto que foi visto por muitos como utopia, mas que provou-se realizável.

Dando continuidade à sua argumentação, ele responde aqueles que criticavam o projeto, apontando para o que seria a falta de percepção e sensibilidade deles com os mais desfavorecidos, como é explicitado no enunciado:

> Com essa turma de sábios não argumentaremos, porque são meninos vivos demais, sempre travessos e galhofeiros: esses tais são capazes até de zombarem de Cristo, por ter tido o mau gosto de nascer em um presépio; quando lhe fora fácil ter vindo ao mundo em palácios mais magníficos do que os das Mil e uma noites![179]

Por conseguinte, uma outra temática recorrente no jornal era a escravidão, podendo-se encontrar muitos textos e notícias que apresentam os horrores desta mazela social, como no relato de uma cena bárbara ocorrida na praça Saraiva em Teresina, na qual um escravo é algemado e arrastado, e que, diante da violência sofrida, tenta tirar a própria vida. Uma cena de horror completada pela indiferença daqueles que assistiam à cena.

> Cena bárbara – Viu-se um dia destes, na praça Saraiva, um homem montado a cavalo e conduzindo um outro homem amarrado à cauda do animal! A vítima ia quase de rastros, e levava algemas, com as quais, em seu desespero, procurava quebrar a cabeça, para destarte acabar com a vida que se tornar insuportável! Os curiosos aglomeram-se na praça, para presenciar a cena. Houve riso alvar da maior parte, estupidez ou criminosa indiferença; rara indignação; ... o choro de uma menina de cor preta, nimiamente sensibilizada e tomada de horror! O infeliz que se achava algemado, e preso além disso a cauda do cavalo era um escravo. A polícia deverá... Mas não! As leis, as sábias leis deste império bragantino admitem horrores daquela natureza![180]

Na notícia apresentada pelo jornal *O Amigo do Povo* sobre esse acontecimento violento deferido contra um escravizado, percebemos a exploração de alguns pontos pelo jornalista, tais como a própria barbaridade da cena de violência, que é relatada com um notório tom de indignação por David Caldas, não apenas a cena, mas também com a atitude das pessoas que a assistiam, haja vista que o acontecimento teria se passado em um espaço público, tendo muitas delas como espectadoras, mas o jornalista aponta que não se percebe por parte desses espectadores nenhum tipo de reação, as pessoas assistiam à barbaridade com um tom de normalidade, não dando a devida atenção ou devida indignação que merecia, destacando que

[179] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 2, p. 1, 18 ago. 1868.
[180] CALDAS, David Moreira. Cena bárbara. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 28, p. 3, 20 out. 1869.

apenas uma menina de cor preta demonstrava emocionar-se com o ocorrido. Por fim, o jornalista adota uma estratégia bem comum às construções de suas narrativas: associa tal barbaridade ao sistema imperial, mais especificamente à figura do próprio imperador.

A escravidão constituiu-se como uma das principais e mais dolorosas mazelas do Brasil, perdurando por séculos e enraizando uma mentalidade escravista no imaginário e na cultura do povo brasileiro. Várias esferas dessa sociedade, tais como fazendeiros, políticos e até mesmo grande parte da sociedade, eram responsáveis pela manutenção desse sistema nefasto. Mas na narrativa de David Caldas percebemos uma linha de raciocínio que leva a uma acusação direta ao sistema imperial e ao próprio imperador, considerados pelo jornalista como os principais responsáveis por esta mazela, defendendo que apenas uma mudança desse sistema político, mais especificamente para o sistema republicano, conseguiria levar à superação da escravidão.

A luta pelo fim da escravidão não se dava apenas por meio das severas críticas, mas também por elogios a ações que visavam à libertação de escravizados. Um dos exemplos pode ser visto no trecho a seguir:

> Elemento servil – A assembleia provincial do Piauí criou por ato legislativo uma verba anual de 3.000 destinados a libertação de crianças escravas, não devendo o preço de cada uma exceder a 100$000. Deste modo, 30 infelizes, nascidas nos ferros do bárbaro cativeiro, serão recebidas anualmente pela sociedade e educadas nos princípios da civilização e da liberdade. Honra a província do Piauí, que tão alto elevou-se aos olhos do mundo! Nessa nobre resolução, a assembleia provincial do Piauí não se limitou apenas a dar ao resto do império lições de humanidade, não; ela fez mais do que isso – resolveu, com verdadeira sabedoria, o difícil problema da emancipação dos escravos![181]

As denúncias em torno da escravidão também apontam homens públicos, visando desmoralizá-los em meio à sociedade por seu envolvimento aos maus-tratos de escravos, como no trecho a seguir, que denuncia Clemente de Souza Fortes, que teria ferrado nas peles dos escravizados a palavra “escravo”.

> Horribilíssimo! – No dia 8 deste mês, na chefatura da polícia, foram judicialmente examinados os escravos ferrados do filantrópico Clemente de Souza Fortes, cujo nome votamos à execração pública. O escravo Romualdo tem na fronte estampada a palavra – escravo – e além disso as orelhas furadas com vazador, como se fossem loros de selim!!! O escravo Evaristo tem a marca de cativo em letras um pouco mais finas que a de seu irmão e companheiro de infortúnios. Os estigmas foram feitos com pique de agulhas e pó de caco de cuia queimado: são indeléveis. Os infelizes escravos ferrados são de cor parda, secos de corpo e de rosto, pequena estrutura, quase sem barbas. Um deles, de nome Romualdo, acaba de ser comprado ao antropófago

[181] CALDAS, David Moreira. Elemento servil. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 9, p. 3, 18 nov. 1868.

> pelo coronel João do Rego Monteiro desta cidade. Pobre Brasil! Cobre o teu rosto perante a própria Cafraria![182]

Assim, ao analisar a notícia publicada no jornal de David Caldas, pode-se perceber que foi construída e apresentada ao público leitor a partir de um ponto de vista particular, visando o convencimento em torno de uma ideia que é defendida, como no trecho a seguir, em que é denunciado um crime cometido pelo Sr. Horácio Ribeiro Soares em Jerumenha, que teria mandado aplicar quinhentos açoites em um homem livre.

> Não devemos tremer diante dos republicanos; devemos tremer, porém, na presença de um estupidarrão monarquista da laia, por exemplo, de um Sr. Horácio Ribeiro Soares, de Jerumenha, que a 7 léguas daquela vila, mandou há poucos dias dar QUINHENTOS AÇOITES EM UM HOMEM LIVRE E RETALHAR-LHE AS NÁDEGAS!!![183]

No texto, é notável o esforço do jornalista em torno de não apenas apresentar o acontecimento da violência sofrida, mas em associar esse acontecimento à Monarquia, construindo uma narrativa em que não são os republicanos que devem ser temidos pela população, mas sim os monarquistas.

Os periódicos de David Caldas não eram os únicos na sociedade piauiense a defender a abolição da escravidão, uma vez que na segunda metade do século XIX tornou-se comum muitos periódicos liberais e até mesmo conservadores defenderem o mesmo posicionamento, pois a escravidão era vista como um grande entrave para o progresso do país. Assim, não só *A Imprensa*, órgão do Partido Liberal, mas também *O Piauí*, órgão do Partido Conservador, foram meios usados para defender o fim da escravidão, exaltando aqueles que alforriavam seus escravos, culminando na criação da Sociedade Emancipadora Piauiense, como visto na citação a seguir:

> Escravos da fazenda de Santa Cruz – Lê-se na Opinião Liberal, sobre esses infelizes, de que é usufrutuário o imperador, fez a *Opinião Liberal* algumas observações, que foram respondidas no *Jornal do Comercio*, em algumas linhas sob o título de 'Mordomia imperial'. Adotando o mesmo título, a *Opinião Liberal* tem publicado uma série de artigos, em que se relatam os horrores cometidos contra os pobres escravos imperiais. Tais artigos não têm recebido séria impugnação. Consta-nos que vão ser colegiados em folhetos, nas línguas portuguesa, inglesa e francesa. Muito comprometida deve ficar na Europa a fama da filantropia do nosso imperador![184]

---

[182] CALDAS, David Moreira. Parte noticiosa. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 2, n. 34, p. 3, 19 mar. 1870.
[183] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 23, p. 1, 21 ago. 1869.
[184] CALDAS, David Moreira. Parte noticiosa. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 14, p. 2, 2 fev. 1869.

A citação acima remete a uma problemática do Império brasileiro, uma vez que o país foi o último a abolir a escravidão, o que só ocorrerá através da Lei Áurea em 1888 e após fortes pressões do movimento abolicionista brasileiro e de pressões externas vindas de países como a Inglaterra, principalmente. O imperador D. Pedro II era uma personalidade brasileira, possuidor de uma intelectualidade, participava dos principais círculos intelectuais, sendo visto como um homem apreciador das artes, das ciências, da natureza e da liberdade. No entanto, seu país ainda estava à mercê da atrasada e brutal realidade da escravidão. O texto ao qual faz referência David Caldas é do jornal *Opinião Liberal*, que publicou uma série de artigos sobre as atrocidades que eram cometidas em fazendas nacionais contra os escravizados ali presentes, textos que seriam traduzidos para outras línguas e teriam um maior acesso no exterior. O escândalo relatado logo foi associado ao imperador como uma forma de manchar a sua imagem no exterior.

Sobre a representação dos escravizados na imprensa piauiense Araújo[185] aponta para uma transformação na forma em que eram apresentados nos jornais no final da década de 1860 a primeira metade da década de 1870, o que seria uma consequência do avanço do ideário abolicionista nesta sociedade. Logo, no final da década de 1860 os escravizados eram associados na narrativa jornalística a crimes, a crueldade, reforçando a ideia de que os escravizados eram perigosos e inferiores dentro dessa sociedade. A partir de 1870 a narrativa construída em torno do escravizado modifica-se e ele passa a ser apresentado como uma vítima dessa sociedade e os brancos que lhes defiram violências eram apresentados como bárbaros.

Araújo também destaca em seu texto a postura de David Caldas em seus escritos sobre a escravidão, apontando uma sensibilidade na narrativa do jornalista "Publicistas como David Caldas, quando se referiam aos escravos vitimados pela violência, utilizavam-se da sensibilidade humanitarista para, através da percepção aguda do sofrimento alheio, descortinar a escravidão como moralmente intolerável."[186]

Sobre a relação entre o movimento republicano que ganha força a partir de 1870 e as campanhas em prol da abolição da escravatura, Prado[187] aborda a omissão do primeiro movimento em relação ao segundo, principalmente no Manifesto Republicano de 1870, pois

---

[185] ARAÚJO, Vinícius Leão. *Impressos de uma monarquia em abandono: modernização, escravidão e propaganda republicana na imprensa piauiense de 1868 a 1889.* Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em História, Porto Alegre, 2021, p. 107.
[186] ARAÚJO, 2021, p. 111.
[187] PRADO, Maria Emília. *Memorial das desigualdades*: os impasses da cidadania no Brasil (1870-1902). Rio de Janeiro: Revan, 2005.

apesar de mostrar-se como um "libelo em prol da liberdade", não apresentou um projeto em torno da questão dos escravizados no país, dando enfoque apenas a defesa da federação no Brasil. A falta de um projeto concreto acerca da escravidão pode ser explicada pela necessidade dos republicanos de atraírem para o movimento os fazendeiros e proprietários de escravizados, uma outra explicação seria o fato do movimento republicano no país formou-se sem uma uniformidade, tendo seus membros diferentes visões sobre o processo de emancipação dos escravizados.

Por meio da leitura dos jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, pode-se perceber a habilidade de David Caldas em construir discursos e narrativas visando o convencimento dos leitores em prol do seu ponto de vista, dos seus ideais. No entanto, a escrita em jornais não era a única estratégia de convencimento utilizada por David Caldas, pois ele também se utilizou da oralidade na explanação em defesa dos seus ideais, seja na condição de jornalista, de professor ou de deputado provincial.

Dessa forma, podem-se encontrar transcritos nos jornais alguns trechos de discursos feitos por David Caldas ao longo de sua vida. Dentre testes, destaca-se o discurso proferido por ele acerca do projeto da instituição de uma Sociedade Promotora de Instrução Popular, que é transcrito no jornal *Oitenta e Nove* no dia 30 de junho de 1874.

A importância da instrução popular é introduzida no periódico por meio da transcrição de um texto intitulado "Instrução Popular", que teria sido publicado inicialmente no jornal *El Imparcial* no Chile, narrando a importância da instrução popular para o desenvolvimento do país. Assim, o texto foi traduzido e publicado no jornal *Oitenta e Nove* por David Caldas, que associa as dificuldades enfrentadas para a promoção dessa instrução pública no Chile com a situação do Brasil.

Em seguida, em uma seção do jornal intitulada Discursos, David Caldas publica um texto pertencente ao jornal *Opinião Conservadora*. O texto corresponde a um discurso proferido por Polidoro Cezar Burlamaqui, que afirma que:

> Não é só de estradas de ferro, telégrafos elétricos, navegação a vapor, que o mundo marcha, e os povos atestam sua virilidade. De que valeriam estes poderosos instrumentos do progresso se eles não transportarem de um a outro extremo da terra os prodígios da inteligência humana, as maravilhas da ciência, os frutos sazonados do estudo?[188]

Assim, Polidoro Cezar Burlamaqui aponta que para ter-se uma sociedade moderna existem preocupações superiores à introdução de novas tecnologias. É necessário investimento

[188] CALDAS, David Moreira. Oitenta e Nove. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 25, p. 1, 30 jun. 1874.

em educação, na instrução do povo que constitui essa sociedade. Ele aponta para o desenvolvimento de iniciativas parecidas, que estavam sendo elaboradas nas demais províncias do país, tais como Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo, dentre outras. Um destaque que pode ser realizado em seu discurso é a defesa de iniciativas de âmbito particular, como forma de solucionar os problemas da sociedade, fugindo do que seria uma dependência da sociedade para com o governo imperial, com a defesa de uma sociedade mais ativa.

Após uma exposição sobre a importância desta instrução popular, são lançadas por ele as bases desse projeto, sendo ao todo sete, podendo se destacar entre eles a composição dessa sociedade, a saber, sócios efetivos, correspondentes, honorários e beneméritos. Por conseguinte, seriam implementadas escolas primárias, revistas pedagógicas, conferências populares e pequenas bibliotecas, seria dirigida em toda província por um conselho superior, que funcionaria na capital.

Após a explanação de Polidoro Cezar Burlamaqui, a fala realizada por David Caldas é transcrito na mesma edição do periódico, que narra como foi o discurso realizado pelo jornalista naquela reunião. Ele inicia sua explanação dizendo que a matéria em questão fosse subdividida em dois momentos convenientes: primeiro seria sondada a imensa falta de instrução, examinando de perto, como, segundo ele, faria um médico, pois o grande mal da ignorância afeta de modo assustador a organização social. Em seguida, seria necessário procurar os remédios eficazes para tratar esse mal.

Dando sequência em sua fala, David Caldas pergunta ao presidente da nascente sociedade quantos convites haviam sido distribuídos para a reunião, sendo informado que cem convites, mas que só se fizeram presentes na reunião quarenta e quatro, ou seja, menos que a metade. Esse fato apontaria para uma desconfiança no êxito daquele projeto. Neste momento, o Dr. Newton Burlamaqui faz um aparte apontando para uma descrença daquele orador no projeto.

> Neste ponto o Sr. Newton Burlamaqui, num aparte faz um reparo que o orador estivesse de tal sorte descrente. Replicou o orador, dizendo que esse reparo era justo, tanto mais quando essas apreensões pouco lisonjeiras partiam de um utopista; afirmava, no entanto, que tal descrença não tinha nele o poder de paralisar os impulsos do seu coração, uma vez que costumava a prosseguir em uma empresa qualquer, desde que lhe era ela apontada pelo seu dever[189].

Como é mostrado na citação acima, David Caldas prossegue, concordando com Burlamaqui, afirmando que realmente suas colocações poderiam apontar uma descrença, o que gera um estranhamento, uma vez que partiam de um "utopista", mas diz para que não se

[189] CALDAS, David Moreira. Oitenta e Nove. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 25, p. 2, 30 jun. 1874.

preocupassem, pois aquela descrença não o paralisava, uma vez que prosseguiria em uma empresa qualquer, desde que ela fosse apontada pelo seu dever. Em seguida, o orador aponta, em seu discurso, as principais mazelas que assolavam aquela sociedade:

> Senhores! Exclama o orador, existe entre nós, no seio da nossa sociedade, – um inferno e um limbo: esse inferno chama-se escravidão, esse limbo chama-se ignorância! Onde está, porém, o Cristo que penetre dentro de suas espessas trevas, – trevas mais medonhas do que as da escuridão física, – e que por fim saía dali todo radiante, conduzindo as almas redimidas para o centro da luz? – Somos muito poucos, continua o orador, para que tomar sobre nossos ombros tão humanitária quão difícil tarefa: é certo, todavia, que – mais vale só do que mal acompanhado. – Somos 44 apenas, é verdade; mas consideremos que com, tão somente, doze sócios – fundou Benjamin Franklin a grande biblioteca da Filadélfia[190].

Dando sequência em seu discurso, o orador apresenta informações consistentes, baseadas no recenseamento realizado no ano de 1872, acerca da real situação da província do Piauí quanto ao seu grau de instrução e de amor à leitura, como é verificável no extrato abaixo:

> Segundo o recenseamento de 1872, temos mais de 200.000 almas no Piauí, mas apenas 22.000 sabem ler e escrever – bem, mal e pessimamente, – o que vem a ser o mesmo que contar-se entre 46 apenas 5 pessoas que conhecem o alfabeto. Noutros termos, entre cada turma de mil habitantes há 890 analfabetos! Mais desanimadora é ainda a proporção dos que se presume que tenham o hábito de ler: entre cada grupo de mil pessoas que conhecem o alfabeto – apenas 46 recebem uma gazeta qualquer, e sabe Deus de que modo a leem! [...] Num país destes é impossível que haja verdadeira opinião pública; pois pode-se afirmar que não há 500 pessoas, entre 200.000, que se interessem deveras por qualquer das nossas mais importantes questões políticas ou sociais[191].

Ao utilizar dados para fundamentar o seu discurso, percebe-se a preocupação do orador com a persuasão de sua fala naquela reunião, pois infere-se que o mesmo busca sensibilizar o público com dados, mostrando, dessa forma, a necessidade urgente da implementação do projeto da Sociedade de Instrução Pública na província do Piauí.

Por conseguinte, o orador continua o seu discurso expondo dados da freguesia de Nossa Senhora das Dores e, após apresentar os dados dessa freguesia, ele faz um questionamento contundente acerca das consequências desta falta de instrução, perguntando ao público ouvinte se a sociedade teria direito de mandar nessa numerosa parcela da população que não teve acesso à instrução para cadeia, haja vista que essa falta de instrução a tirou de formas de desempenhar bem seus deveres sociais.

---

[190] CALDAS, 30 jun. 1874, p. 2.
[191] CALDAS, 1 fev. 1873, p. 1.

A falta de uma instrução pública da sociedade brasileira em geral sempre representou um entrave para a expansão da imprensa no Brasil, dado que significava a escassez de um público leitor e, consequentemente, o atraso do desenvolvimento do país, como é destacado por Molina: "O Brasil entrou o século XIX com a imensa maioria da população analfabeta e sem um plano para a instrução pública ampla. Na cidade de São Paulo, por exemplo, apenas 2,5 % da população sabia ler e escrever em 1808"[192].

O autor também destaca que o atraso do Brasil no que se refere tanto à educação pública quanto ao desenvolvimento de uma imprensa forte, esferas que estão relacionadas, não se dá apenas em comparação com os países classificados como desenvolvidos, mas também em relação a países latino-americanos. "Em duzentos anos de imprensa, pouco se leu jornal. Essa contradição revela uma imprensa diária feita, quase toda ela, para uma elite instruída, com pouco apelo e baixa penetração entre as classes sociais mais baixas"[193].

David Caldas aponta como um dos principais alicerces para o desenvolvimento pleno de uma sociedade o investimento em educação, pois esta provou ao longo da história que tem um poder transformador em qualquer sociedade e diz:

> Nas repúblicas bem constituídas é necessário que o próprio povo, para que se torne senhor de si mesmo, dirija cuidadosamente, sem poupar nem um sacrifício, a própria educação e instrução; tudo em puro proveito da comunidade, como felizmente se pratica nos Estados Unidos. Se o país real descura de sua educação, sob princípios singelos, francos e moralizados, e se instrução carece aí de solidez e de bom senso, debalde ele lutará então contra a misteriosa corrente que o empuxa para um abismo insondável, cujo fundo pode conter- ou as fúrias da anarquia, ou o monstro insaciável da tirania coroada. Desta verdade nos achamos intimamente convencidos[194].

Dando sequência ao seu discurso, David Caldas compromete-se então, diante dos presentes, apesar das fraquezas de suas forças, tomar parte ativa no empenho generoso de acabar com as trevas da ignorância que aflige o povo. Está pronto a fazer tudo o quanto se possa razoavelmente esperar de sua pessoa, em benefício da instrução popular, em nossa atrasada província. Está muito certo de que: "Mais vale quem quer e não pode, do que quem pode e não quer"[195]. Logo, pode-se inferir que a temática educação possui centralidade nos jornais de David Caldas, haja vista que a construção da sociedade idealizada pelo autor passa primeiramente por uma instrução da sociedade, pois um povo instruído tem um amplo acesso

[192] MOLINA, 2015, p. 352.
[193] MOLINA, 2015, p. 343.
[194] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 5, n. 88, p. 1, 7 dez. 1872.
[195] CALDAS, 30 jun. 1874, p. 2.

as principais temáticas debatidas majoritariamente no mundo das letras, espaço no qual David Caldas destaca-se.

É importante salientar que narrativas, sejam elas orais ou escritas, constituem com uma forma de contar, de reproduzir em palavras a consciência e as memórias, sendo fundamentais nas transmissões entre as gerações, sejam das experiências cotidianas, seja de grandes eventos[196]. Dessa forma, pode-se inferir que, com a publicação do seu discurso, fundamentado em dados e voltado a instigar reflexões sobre a promoção da Sociedade de Instrução Popular no seu próprio jornal, ele visava, provavelmente, uma difusão desse projeto, buscando chamar a atenção da sociedade para a importância dele, mas também pode-se inferir que o jornalista almejava a perpetuação do seu discurso, de deixar registrada a sua importância nesse projeto.

Logo, pôde-se notar que os jornais de cunho republicano *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* se voltaram não apenas para difusão e defesa desse ideário. Percebe-se uma preocupação do jornalista que os produz com as questões de cunho social que afligiam a sociedade em que ele estava inserido, questões que lhe geravam incômodo, levando-o a buscar expô-las nas páginas de seus periódicos, denunciando-as e procurando levar a sociedade a um processo de reflexão. Assim, David Caldas interferia na sociedade a qual fazia parte, buscando a sua transformação.

3.5 A propaganda republicana em solo piauiense

A década de 1870 trouxe consigo um novo panorama para a política nacional. Em março do mesmo ano, encerrou a Guerra do Paraguai (1864-1870), culminando em um saldo negativo para o país em função dos gastos exorbitantes para a manutenção dessa guerra. O conflito com o Paraguai promoveu uma grande repercussão no país, sendo a imprensa um dos principais palcos onde essa repercussão pode ser percebida, pois dentre as funções desempenhadas pelos jornais, salienta-se a de aproximar das pessoas um conflito que lhes parecia distante, como indica Johny Santana Araújo: "A guerra que parecia longe era trazida para perto pelos jornais, que procuravam justificar as operações militares levadas a cabo pelo Exército Imperial naquela região"[197]. Assim, os jornais funcionavam como um meio de aproximar a guerra das pessoas e explicar as ações que eram tomadas no conflito, buscando o apoio popular.

---

[196] DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 9-25, jun. 2003.

[197] ARAÚJO, Johny Santana. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império*: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866).

No Piauí não foi diferente, a imprensa também fez repercutir este conflito, seja com textos de autoria dos próprios jornais, seja com transcrições, fazendo circular dentro da sociedade piauiense os debates acerca do assunto, como é apresentado no texto transcrito no jornal liberal *A Imprensa*, denominado *A Guerra entre o Brasil e as Repúblicas Orientais do Paraguai*, um texto em que são analisadas as origens dos países envolvidos neste conflito e principalmente nas diferenças:

> Buenos Aires mesmo está convencido de que lhe é impossível e até perigoso reconstituir-se com o poder territorial, que o vice-reinado possuía durante a dominação espanhola. São, entretanto, os dois países da América Meridional, que podem nutrir aspirações tão elevadas. O Uruguai, o Paraguai, o Peru, o Chile e as três pequenas Repúblicas que se formaram sobre o antigo vice-reinado espanhol da Colômbia, escapam a esses grandes projetos por suas respectivas fraquezas [...] O Brasil permanece sempre dedicado a sua monarquia, a sua carta constitucional, a suas instituições, que garantem tão completamente a segurança do poder, a perpetuidade do trono imperial, o reconhecimento dos direitos civis e políticos dos cidadãos, as liberdades democráticas e todas as aspirações do século XIX[198].

O Brasil apresenta-se como um caso particular na América Latina, que compõe um Império rodeado por repúblicas, possuindo, dessa forma, diferenças fundamentais no processo de independência, sendo que a independência do Brasil culminou na manutenção de um sistema monárquico, enquanto nos demais países dessa região foram instauradas repúblicas.

Ao apresentar os desdobramentos da guerra ao público leitor, a palavra República recebe destaque, muitas vezes sendo apresentada de forma pejorativa, associada aos males que promovem o conflito que assolava o país, principalmente em jornais de cunho conservador, que se utilizam do momento conflituoso do Brasil com uma República do Paraguai para apontar as falhas desse sistema, a inferioridade do mesmo diante do sistema monárquico.

Por conseguinte, além do fim da Guerra, um outro fator que também marca a década de 1870 é o Manifesto Republicano brasileiro, que foi publicado no jornal *A República*, sendo a sua primeira edição de 3 dezembro de 1870, tornando-se responsável por explicar os ideais que regiam o grupo. Esse manifesto constituiu-se num marco da propagação desse ideário no país.

Segundo Holanda, o Manifesto de 1870 apresenta um caráter antirrevolucionário e contemporizador, uma vez que a proposta apresentada no referido manifesto voltava-se mais para um ideal de reforma do que verdadeiramente revolução: "No fundo ainda prevalece a velha opção liberal: cumpre que a reforma se faça para que a revolução não venha"[199]. Logo, salienta-

---

2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. p. 86.

[198] TRANSCRIÇÕES. *A Imprensa*, Teresina, ano 1, n. 8, p. 2, 16 set. 1865.

[199] HOLANDA, 2005, p. 302.

se, no Manifesto Republicano de 1870, um caráter moderado, no sentido de que a "revolução" por ele proposta está ligada ao âmbito das ideias. No caso, o manifesto promove no Brasil a repercussão do ideário republicano, das reinvindicações propostas por ele, ligado a uma ideia de que a revolução propriamente dita não seria necessária, à medida em que a evolução da sociedade levaria à República.

Apesar da ausência de um caráter revolucionário, o Manifesto Republicano de 1870 foi fundamental no processo de difusão do ideário da República no Brasil, apresentando críticas ao sistema imperial brasileiro. Dentre os problemas apontados, sobressaía-se aquilo que consideravam uma farsa da Monarquia, ou seja, a falta de legitimidade desse regime político, que não era pautado numa participação popular, pois o povo, alicerce fundamental de um sistema representativo, havia sido excluído desse processo.

Dando continuidade às críticas, o Manifesto apresentava a legislação do período regencial como um momento singular na história brasileira, no qual teria havido um crescimento do pensamento democrático do país. Nesse sentido, compreende o Manifesto que o golpe da maioridade, ocorrido no momento subsequente, teve como efeito o apagamento dessa legislação: "A infalibilidade do arbítrio pessoal substituiu assim a razão e a vontade coletiva do povo brasileiro"[200].

Uma das consequências diretas da publicação deste manifesto é o surgimento em todo o país de periódicos declaradamente republicanos, um processo que também reverbera no Piauí, no periódico *O Amigo do Povo*, que já apresentava um caráter republicano e a partir de 1871 passa a declarar-se abertamente defensor e propagador deste ideário. Dessa forma, quando se pensa em defesa do ideário republicano no Piauí, o nome de David Caldas ganha destaque. Ele se antecipa nesse processo, pois bem antes que se constituísse em solo piauiense um Partido Republicano, um clube republicano ou até mesmo um grupo que se reunisse em torno da defesa desse ideal, David Caldas, já no final da década de 1860 e ao longo da década de 1870, dedicou-se à difusão e à defesa do republicanismo, apontando que a proclamação deste sistema político seria a única opção viável para a resolução dos problemas do país, muitos deles de ordem estrutural.

Assim, pode-se perceber no Piauí uma fraca e restrita manifestação republicana. Segundo Teresinha Queiroz, os únicos registros que apontam a existência de um clube republicano no Estado, antes da Proclamação da República, datam do ano de 1888, estando relacionado à figura de Joaquim Nogueira Paranaguá, tendo ele sido o único a tentar eleger-se

[200] MANIFESTO Republicano. *O Republicano*, Rio de Janeiro, p. 1, 3 dez. 1870.

para o cargo de deputado provincial fugindo do alinhamento dos partidos Conservador e Liberal, e tentando-se encabeçar uma candidatura pelo Partido Republicano. No entanto, ele acaba elegendo-se com ajuda da sua família, que era bastante influente, sendo um dos principais nomes seu tio Marquês de Paranaguá, que exercia a função de chefe da corte do Partido Liberal no Piauí.

> O certo é que ele foi eleito na última legislatura do Império, com o apoio de parte da sua família, cuja figura de sua maior expressão era o palaciano Marquês de Paranaguá, chefe na corte do Partido Liberal no Piauí. O rompimento político entre Joaquim Nogueira Paranaguá e seu tio João Lustosa da Cunha Paranaguá (o marquês), teria ocorrido no início da década quando o primeiro estudava medicina na Faculdade da Bahia[201].

Mesmo tendo um caráter restrito, na imprensa piauiense o ideário republicano fez-se presente e repercutiu nessa sociedade desde o final da década de 1860 e durante a década de 1870, por meio das publicações jornalísticas de David Caldas entre os anos de 1868 e 1875.

A República era apresentada por David Caldas em seus periódicos como o único sistema político que poderia oferecer ao país a opção de um futuro melhor, de um crescimento, desenvolvimento, o único capaz de trazer a felicidade à nação, sempre apresentada a partir de exercícios de reflexões estabelecidos por ele, nos quais são comprados ambos os sistemas, como pode ser visto no trecho a seguir:

> *Res pública* significa negócio público, ou interesse comum... O modo republicano é diametralmente oposto ao modo imperativo. Ali há igualdade, e fraternidade, em vez de imposições desdenhosas e aviltantes: ali não se diz com gesto atrevido faz! Mas por um mútuo acordo, façamos[202].

O texto de David Caldas do qual foi retirado o trecho acima constrói-se numa narrativa que estabelece comparações entre os sistemas políticos Monarquia e República. O segundo é colocado em condição de superioridade ao primeiro, uma vez que a República apresentaria um funcionamento voltado ao bem coletivo, as decisões eram tomadas visando o que seria de interesse de todos, enquanto na Monarquia o bem coletivo não seria uma prioridade e sim o imperador, as decisões seriam tomados de forma arbitrária, baseados nos desejos deste líder e não nos do povo.

A defesa à República pode ser encontrada no jornal *O Amigo do Povo* em uma temporalidade que antecede o Manifesto Republicano de 1870, como pode ser analisada quando o jornalista aborda o medo que a população teria dos republicanos, apontando que esse medo

---

[201] QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 303.
[202] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 2, n. 34, p. 1, 19 mar. 1870.

deveria ser associado não a estes, mas aos conservadores, fundamentando sua proposição com um fato ocorrido na província piauiense envolvendo o Sr. Horácio Ribeiro Soares, um conservador, ainda no ano de 1869.

> Não! Não são os republicanos os que nos fazem tremer, como varas verdes e agitadas por forte ventania... Não! Não são os verdadeiros amigos da liberdade, os que trazem o país em constante ansiedade. Não devemos tremer diante dos republicanos; devemos tremer, porém, na presença de um estupidarrão monarquista da laia, por exemplo, de um Sr. Horácio Ribeiro Soares, de Jerumenha, que a 7 léguas daquela vila, mandou há poucos dias dar QUINHENTOS AÇOITES EM UM HOMEM LIVRE E RETALHAR-LHE AS NÁDEGAS!!! E quem era esse monstro que praticou tão horrendo atentado? Era o delegado de polícia: era um agente da monarquia! Meditem seriamente sobre este fato, que é digno da maior atenção. Agora, concluímos assim o presente artigo: VIVA O GOVERNO REPUBLICANO, ÚNICO QUE PODE FAZER A FELICIDADE DA NAÇÃO![203]

Podemos perceber nesse trecho o empenho de David Caldas na defesa dos republicanos, apontando que aqueles que deveriam ser temidos pela população não seriam os republicanos, pois estes não ofereceriam risco algum, seriam apenas homens que almejam independência e liberdade. Na verdade, os que deveriam representar fonte de desconfiança e medo são os monarquistas, pois estão associados a crimes tenebrosos nesta sociedade, como o que foi relatado na notícia. A partir disso, percebemos uma estratégia narrativa que visa a construção de uma imagem positiva dos republicanos e uma imagem negativa dos monarquistas na mentalidade da população.

Ao longo da leitura dos textos publicados por David Caldas, pode-se visualizar uma grande influência que os ideais iluministas exercem na sua forma de pensar, na sua construção política e em seus posicionamentos. David Caldas possuía uma enorme admiração pela França pós-Revolução Francesa e pelos Estados Unidos, os considerando modelo de desenvolvimento político e social, sempre usando-os como referências a serem seguidas pelo Brasil, como símbolos de progresso e evolução, enquanto o Império brasileiro seria um símbolo de atraso político e social.

É fundamental destacar que nos escritos de David Caldas não se encontra uma proposta concreta do modelo de República que deveria ser instaurado no Brasil segundo o jornalista, nem como essa República defendida por ele sanaria as mazelas que afligiam a população brasileira. Apreende-se uma forte influência dos modelos francês e norte-americano, e por conseguinte, a defesa de lemas como igualdade, liberdade fraternidade, e uma constante

[203] CALDAS, 21 ago. 1869, p. 1.

afirmação do modelo republicano sobre o monárquico, assim, a República de David Caldas seria o oposto a monarquia.

Logo, compreende-se que a imprensa brasileira e piauiense oitocentista foi um espaço onde eram debatidas ideias políticas no cotidiano dessa sociedade. Nesse sentido, Michel Winock aponta que as ideias políticas não ficam restritas apenas a grandes obras, filósofos e teóricos, mas também se apresentam associadas aos homens comuns, estabelecendo relações com outros tipos de história, como a história da propaganda e a da opinião pública, em uma percepção que levou à ampliação desse campo de estudo e das fontes a serem analisadas. Dessa forma, uma das fontes em que se pode ter acesso às ideias políticas são os jornais, uma vez que essa fonte apresenta uma riqueza de informações sobre a sociedade na qual esteja inserida, sendo a sua própria produção influenciada pelas necessidades e anseios dessa sociedade. "É de fato o jornal que constitui a fonte mais rica, a que explora as inflexões da época, as nuanças da conjuntura, e reflete as relações na sociedade, em sua tentativa de coerência entre a doutrina e os fatos"[204].

Desse modo, ao analisar os jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, é permitida uma aproximação com a sociedade piauiense oitocentista, podendo visualizar quais as necessidades, anseios, problemáticas dessa sociedade. No entanto, deve-se ressaltar que essa aproximação se dá por meio de uma perspectiva de uma visão do redator desses jornais, no caso, David Caldas. Assim, mesmo que os jornais apresentassem diferentes ideias políticas, partia de uma visão pessoal do redator, que era crítico da vertente conservadora e defensor da republicana, mesmo que essa defesa realizada por ele possuísse um caráter mais restrito dentro da província.

A tentativa de criação de um Partido Republicano em território piauiense foi falha. David Caldas é um dos principais e solitários nomes que se empenhou na defesa desse ideário no Piauí, no entanto, buscava sempre demonstrar que não estava sozinho na defesa da causa republicano na província, apontando as demais personalidades piauienses que também seriam republicanas, como é exposto no texto a seguir:

> Não é pequeno o número de republicanos que existem nesta província, mas, infelizmente, uns tem entendido erroneamente que devem sem inconveniente algum continuar agregados ao Partido Liberal, como nós mesmo estivemos até 16 de janeiro do corrente ano; outros declaram que o são teoricamente apenas, receando que a república não possa ser posta em prática no nosso país, quando o povo não está ainda preparado para receber tão bela instituição, por falta de precisa educação e instrução a escola da liberdade; outros, finalmente, mostram-se titubeantes no meio do caminho, entre o receio de escalavrar os

[204] WINOCK, Michel. As ideias políticas. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 282.

> pés na subida fragosa, e a dúvida cruel a respeito do bom resultado de tão grande sacrifício que se lhes afigura de antemão como um esforço sobre-humano, mas fácil de perder-se ou inutilizar-se do que do que de triunfar...[205]

Desse modo, ele demonstrava ao público que não seria a única figura na província piauiense a entender-se como republicano, ele não falava sozinho, existia um público que o lia e que o apoiava. Então, aponta como republicano no Piauí o jovem Raimundo Antônio Borges Filho, que pertencia a uma importante família, sendo filho de um coronel e chefe dos liberais no interior da província.

> Estamos autorizados a fazer público que desde 4 do corrente se declarou republicano, sem nem uma reserva, o nosso amigo o Sr. Evaristo Cícero de Moraes, pertencente a uma das mais ilustres famílias da província, a do falecido Dr. Casimiro J. de Moraes Sarmento, piauiense notável pela sua ilustração e severidade de costumes[206].

A adesão de Evaristo Cícero de Morais ocorre no ano de 1872, e é perceptível o tom de satisfação em David Caldas a cada nova adesão ocorrida na província piauiense. As notícias, muito provavelmente, tinham a intenção de mostrar como a expansão do republicanismo também vinha acontecendo no Piauí.

> É com verdadeira satisfação que estampamos hoje este pequeno artigo, justamente ao completar um ano que deixamos a redação da *Imprensa*, órgão do partido liberal desta província, a fim de nos declararmos franca e ostensivamente, soldado militante e em serviço ativo nas fileiras da república[207].

Em 1871 inicia-se uma nova fase no jornal *O Amigo do Povo*, sendo uma consequência direta do Manifesto Republicano que havia sido publicado em dezembro do ano anterior, uma fase que tem seu início marcado pela divulgação na íntegra do próprio Manifesto, saudando a cada um daqueles que colaboraram com sua feitura.

> A 3 do mês ultimamente findou-se, apareceu o 1º nº do órgão de nosso partido, na capital do país, chama-se ele *A República*, nome que é por si só um programa magnífico, a deslumbrante síntese das mais altivas aspirações dos espíritos livres, nestas plagas esplendidas do novo mundo, como em toda e qualquer parte onde não deva medrar a tirania[208].

---

[205] CALDAS, David Moreira. Adesão franca. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 57, p. 1, 15 mai. 1871.
[206] CALDAS, David. O Amigo do povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n. 73, p. 3, 16 jan. 1872.
[207] CALDAS, 16 jan. 1872, p. 3.
[208] CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 49, p. 1, 16 jan. 1871.

É possível notar o entusiasmo de David Caldas após a publicação do Manifesto, a importância dada pelo jornalista republicano a esse acontecimento e uma possível necessidade de pertencimento a esse momento e a essa causa, por meio de enunciados como esse:

> Rogamos ao Club republicano que se digne lançar também nome, o mais obscuro de todos, no grande rol de culpados por crime lesa majestade – David Moreira Caldas, que será constante em bradar em qual parte desta famosa terra de Santa Cruz: VIVA A GRANDE FEDERAÇÃO BRASILEIRA; VIVA O ESTADO DO PIAUÍ; VIVA A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA[209].

Ao pedir que seu nome seja incluso no rol de culpados de crime de lesa majestade, podemos inferir uma necessidade de participação de David Caldas de colocar-se no centro dos acontecimentos que se desdobravam em todo o país em torno do republicanismo, fazendo questão de inserir-se nessa rede republicana que cada vez mais crescia em todo o Brasil e se fortalecia.

> O brilhante manifesto, que hoje acabamos de reproduzir em nosso pequeno periódico, há sido igualmente transcrito em diversos órgãos liberais, entre os quais citaremos os seguintes, que temos recebido: a *União Liberal*, o *Jornal da Fortaleza*, o *Liberal do Norte*, o *Democrata de Cabo Frio* e o *Correio Noticioso*. Este último, além disso, estampou um belo artigo editorial, em seu n° 349 de 11 do mês próximo passado, no qual se mostra verdadeiro sectário das sãs doutrinas da República, seu bem que pareça faltar-lhe a fé para ver realizada a queda do tirano e da sua ominosa dinastia[210].

É necessária a compreensão de que mesmo não tendo existido no recorte temporal pesquisado a formação de um grupo sólido de republicanos na província do Piauí, David Caldas não se encontrava completamente isolado, tendo em vista que os periódicos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* se apresentavam em constante comunicação com os demais periódicos republicanos de outras províncias, uma vez que o republicanismo no Piauí teve um caráter mais restrito, não existiam jornais republicanos locais para que o jornalista pudesse estabelecer esse tipo de contato. Assim, ele se aproxima de jornais republicanos de outras províncias, como, por exemplo, o jornal *A República*, de Pernambuco, para o qual foi enviada uma cópia do *O Amigo do Povo*: "Recebemos *O Amigo do Povo* que se publica no Piauí e nos regozijamos de dizer nos nossos leitores que é um devotado atleta dos princípios republicanos. *O Amigo do Povo* é ardente advogado da República, seus artigos são dignos de apreço"[211].

O jornal *A República* reconhece o periódico de David Caldas como um periódico republicano, ressaltando a participação dele nessa rede nacional republicana e a sua importância

---

[209] CALDAS, 15 maio 1871, p. 1.
[210] CALDAS, David Moreira. Adesões. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 52, p. 4, 28 fev. 1871.
[211] PIAUÍ. *A República*, Recife, ano 1, n. 11, p. 3, 14 de maio 1871.

no que se refere à propagação do republicanismo na província do Piauí. A década de 1870 traz consigo novos ares de esperança a David Caldas, principalmente após o Manifesto e, por consequência, a ampliação e o fortalecimento dessa rede republicana em todo país.

> As ideias são como os vapores que se elevam da terra, os quais, quando se condensam no espaço, fazem muitas vezes partir do meio deles o raio, sem que se enxergue a mão poderosa que o despede fulminante. Dá-nos esperanças as adesões que a República vai tendo, quase diariamente, por todos os ângulos dilatada terra do Cruzeiro. O vulcão está formando: tenhamos paciência, em quanto sobem os seus átomos inumeráveis. Vejamos como se engrossa a nuvem; registremos as adesões que a República vai tendo: os exemplos são eloquentes[212].

O jornalista encerra seu texto apontando que o processo de difusão e fortalecimento do republicanismo no país vem se intensificando, o que poderia se analisar pelo crescimento de adesão de províncias como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, que nesse período possuíam uma considerável força política no país. Para fechar o seu raciocínio, David Caldas faz uma crítica à Constituição vigente no Brasil, promulgada em 1824 e que durou todo o Império, fazendo referência à Roma antiga, comparando-a com Lucrécia após ser violada pelo filho do rei. Nesse sentindo, seguindo a linha de explanação de David Caldas, a República seria instaurada no país como uma consequência das violações sofridas pela Constituição por aqueles que estão no poder e que não a respeitam.

Nos periódicos republicanos que David Caldas estabelecia contato, pode-se citar *A República*, do Rio de Janeiro, um dos principais jornais republicanos do país, um dos mais conceituados e que possuía uma maior visibilidade. Assim, David Caldas publica em seu jornal a carta que lhe foi enviada no dia 27 de fevereiro de 1871, por Soares Meireles, um dos principais redatores do jornal *A República*. Esta carta foi uma resposta do redator ao jornalista piauiense, que havia lhe enviado uma edição do jornal *O Amigo do Povo*. Podemos inferir o ato de enviar essa edição de *O Amigo do Povo* ao jornal do Rio de Janeiro, que visava uma forma de estabelecimento de contato, apresentando o seu periódico a essa rede republicana que se erguia em todo o país:

> Acabo de receber o vosso estimável jornal. Encheu-se de prazer tanto a delicadeza da lembrança, quanto a distinção da honra. Devo felicitar-vos por terdes conservado igual serenidade de animo, e fortaleza de convicções, para resistirdes essa agradável sedução das almas fracas – a resignação. Resignar-se em política é abdicar dos foros de cidadão. O que deve consolar os homens que procuram a felicidade da pátria comum, é que a par de tantas demolições morais, existam homens que saibam ser cidadãos. Em uma época de transformação política, se não social, cada ideia que se oculta é uma traição

[212] CALDAS, 28 fev. 1871, p. 4.

> que se consuma; cada voz experimentada que se cala, é no dizer de Mirabeau ao abade Sieyês, uma calamidade pública. Mas é preciso que isso não seja o privilégio de um grupo. É necessário que a ideia se irradie, a voz se ouça, e o movimento se comunique. O jornal torna-se a grande necessidade social, a voz do movimento, a chama da fermentação. Cada homem, pois, que levanta um jornal presta um serviço a seu país, esclarecendo os governados, advertindo os governantes[213].

O redator do jornal *A República* destaca em sua carta a importância de uma imprensa nesse processo de expansão do republicanismo, a imprensa como uma arma de luta para a transformação da sociedade. Ele então conclui fazendo agradecimentos a David Caldas: "Não tenho mais que agradecer-vos ainda uma vez, eu que vos sou desconhecido, e dizer uma última palavra – Deus guie os passos ao *Amigo do Povo*. Aqui fico às vossas ordens &"[214].

Araújo [215]indica em sua tese uma forte conotação modernizante nos escritos de David Caldas sobre a República, uma vez que se percebe no jornalista a concepção de que aderir ao ideário republicano seria uma forma de "abraçar o futuro" e alcançar o desejado progresso. O autor também aponta que apesar de David Caldas realizar críticas contundentes as instituições monárquicas vigentes, o mesmo defendia uma reforma pacífica "através da implantação de uma república federativa e democrática, baseada na soberania do povo e administrada por um governo representativo e responsável."[216]

Os jornais foram veículos fundamentais para as dinâmicas de cunho político e social do Brasil oitocentista, foram neles que importantes debates foram realizados, as problemáticas sociais foram apresentadas, os ideais defendidos e difundidos nessa sociedade, onde muitas vezes questões de ordem públicas e particulares se confundiam em meio às disputas de narrativas. Foi por meio deste veículo de comunicação que as ideologias liberais e conservadoras foram propagadas, que o republicanismo foi defendido e expandido no seio do território brasileiro. Em consonância com o que acontecia em rede nacional, no Piauí a vertente republicana também se fez presente por meio do piauiense David Moreira Caldas.

Foi principalmente por meio do trabalho jornalístico desempenhado por David Moreira Caldas que o Piauí se inscreveu na história republicana brasileira ainda na década de 1870,

---

[213] CALDAS, David Moreira. Viva a República. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 55, p. 1, 17 abr. 1871.
[214]CALDAS, 17 abr. 1871, p. 1.
[215] ARAÚJO, Vinícius Leão. *Impressos de uma monarquia em abandono: modernização, escravidão e propaganda republicana na imprensa piauiense de 1868 a 1889.* Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em História, Porto Alegre, 2021, p. 195.
[216] ARAÚJO, 2021, p. 193.

antecedendo neste território a defesa e a difusão da ideologia republicana por meio de *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, estabelecendo importantes conexões com outras províncias.

4 REPÚBLICA E SEUS SIGNIFICADOS: PLURALIDADE DE NARRATIVAS SOBRE O IDEÁRIO REPUBLICANO NA IMPRENSA

O último capítulo desta dissertação se dedica a abordar alguns pontos fundamentais para compreender a trajetória do ideário republicano na província do Piauí, o primeiro refere-se às as narrativas e representações desenvolvidas em torno do ideário republicano na província do Piauí, voltando-se principalmente aos jornais de cunho conservador, tais como *A Pátria*, *O Piauí* e a *Opinião Conservadora*. Em seguida, foram analisadas as conexões estabelecidas pelos jornais republicanos de David Moreira Caldas, *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, com a imprensa republicana desenvolvida em solo nacional, visando compreender como ocorria o fluxo de ideias entre esses jornais, quais as relações eram estabelecidas por eles e qual a importância da rede de ideias republicanas no processo de difusão e propaganda do ideário republicano no país. Por último, a pesquisa contemplou como a vida privada dos homens públicos é amplamente usada nos jornais como uma estratégia para descredibilizar os discursos, posicionamentos e ações desses homens nessa sociedade, logo, apresenta-se como as questões de ordem pública e privada confundem-se da dinâmica da imprensa produzida no Piauí entre os anos de 1868 e 1875.

4.2 O ideário republicano e suas faces na imprensa piauiense

Para análise das diferentes narrativas em torno do ideário republicano no Piauí oitocentista, mas especificamente a partir do ano de 1868 até 1875, foram usadas como fontes principais os jornais que circulavam nesse recorte temporal, privilegiando as três principais vertentes políticas que se faziam presentes na política brasileira naquele momento e, consequentemente, na província do Piauí, sendo estas a liberal, a conservadora e a republicana. Visando alcançar o intento da pesquisa, foram selecionados jornais pertencentes a cada vertente política e que circularam neste período, assim, foram selecionados e analisados os jornais *A Imprensa, O Piauí, A Pátria, O Amigo do Povo e Oitenta e Nove.*

Os jornais referidos anteriormente, dessa maneira, foram fontes fundamentais para ter acesso aos discursos que eram propagados na imprensa piauiense, no entanto é necessária a compreensão de que os periódicos não são fontes passivas e neutras, os discursos propagados por eles são dotados de parcialidade, sendo instrumentos que podem interferir na realidade,

dessa forma, a história e os jornais são esferas conciliáveis, diretamente ligadas que se atravessam.

Os jornais são responsáveis por produzirem um discurso sobre a realidade a qual pertencem, sendo os discursos constantemente atravessados por interesses pessoais, fazendo-se imprescindível um olhar atento e crítico do historiador para compreender a realidade que se deseja acessar, tentando compreender, primeiramente o lugar de produção do jornal, como é indicado por José de D'Assunção Barros: "Ao examinar um texto jornalístico do século XIX, a primeira coisa que o historiador faz é tentar compreender o lugar de produção do jornal. Quem são os seus editores? A que interesse vinculam?"[217].

O discurso produzido e propagado pelo jornal, está intimamente ligado a seu lugar de produção, aos interesses do grupo que o produz, logo, os periódicos declaradamente republicanos como *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, apresentam um discurso em torno da defesa da República, enquanto os jornais conservadores *O Piauí* e *A Pátria*, por estarem ligados a defesa do império e do imperador D. Pedro II, apresentam um discurso profundamente negativo em torno do que entendiam por República, enquanto a posição o periódico *A Imprensa* possuía um discurso ancorado no meio termo entre as duas vertentes políticas.

A lógica de funcionamento dos jornais está associado a uma dinâmica de produção, circulação e leitura, visto que, apesar dos jornais estarem ligados ao tecido do real e, apresentarem um compromisso com a realidade, a forma como são produzidos é inerente aos interesses dos responsáveis por sua produção, por conseguinte, a maneira que ocorre a circulação desses jornais é essencial e, por fim, para existência desses jornais é de fundamental importância o público consumidor de textos jornalísticos, uma vez que "se não há leitores (e compradores) não há jornal; a não ser que este seja mantido por alguma instância externa e não seja autossustentável"[218].

Os jornais possuem duas funcionalidades fundamentais a de ser um veículo de informação e ao mesmo tempo um veículo de opinião, estando estas duas esferas interpenetrando-se na prática da produção jornalista. Barros destaca que no início do século XIX, principalmente no período da independência, aqueles jornais que possuíam como projeto central informar era denominados de gazetas, enquanto o termo jornal estava associado a um projeto de disseminação de opinião[219] .

---

[217] BARROS, José de D'Assunção. *O jornal como fonte histórica*. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 22.
[218] BARROS, 2023, p. 52.
[219] BARROS, 2023, p. 63.

É apenas com a chegada do século XX, que os jornais priorizam a criação de uma imagem dotada de imparcialidade, um veículo que visa unicamente a informação, dissociada da opinião. No entanto, mesmo com as mudanças trazidas pelo século XX na autoimagem dos jornais, eles permanecem sendo um veículo de comunicação de ideias e atuação na mudança da sociedade, sendo dessa forma marcadamente atravessado pela opinião.

Marialva Barbosa aponta em seu texto a construção da imprensa como uma via discursiva à ação política dos jornalistas na sociedade, muitas vezes estabelecendo batalhas de narrativas no âmbito público, compondo o que autora denomina como teatro performático[220].

Umas das características mais pujantes da imprensa produzida ao longo do século XIX é que apesar de serem constituídas por textos impressos, ainda carregam teor verbal, representando a permanência de uma tradição oral sobre a escrita "a força da pena, no século XIX, está inexoravelmente ligada a força da voz"[221].

Muitos são os recursos usados pelos jornalistas para que seu texto seja capaz de chamar a atenção do leitor, sendo esses recursos atravessados por características da oralidade "desde o uso da primeira pessoa do plural até a forma imperativa com que se dirigem ao leitor, são escritos para serem brandidos como se fossem gritos"[222]. Tais recursos podem ser amplamente percebidos nos textos de David Caldas.

O estudo dos jornais produzidos nesse período (1868-1875) permite além da compreensão em torno das dinâmicas políticas da sociedade piauiense oitocentista, a percepção da construção da realidade social e cultural desta sociedade. Chartier[223] aponta que uma das funções centrais da História Cultural como a realidade social é construída, pensada e dada a ler, o que pode ser alcançado por meios de diferentes caminhos a serem percorridos.

> Primeiro diz respeito a classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreensão do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas próprias do grupo. [224]

Nesse sentido, para analisar os textos e discursos apresentados na imprensa produzida no Piauí sobre o ideário republicano faz-se fundamental a compreensão de que os jornalistas

[220] BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa:* Brasil (1800-1900). Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 49.
[221] BARBOSA, 2010, p. 52.
[222] BARBOSA, 2010, p. 58.
[223] CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990, p.17.
[224] CHARTIER, 1990, p. 18.

que produzem tais letras não as fazem a partir de uma perspectiva aleatória e neutra, mas sim de um trabalho organizado e delimitado, visando construir uma narrativa sobre a realidade que o cerca, objetivando o convencimento do público em torno da sua visão do real, pois segundo Chartier "as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelo interesse dos grupos que a forjam."[225]

Os jornais produzidos no século XIX apresentam uma estrutura composta por um artigo de fundo, relatos das atas, leis e discursos dos letrados, além de textos de outros periódicos, sejam como forma de referenciar tais textos que possuem uma proximidade de ideias, seja com o intuito de criticá-los.

Essa imprensa escrita que começa a ser produzida promove mudanças na vida pública e política oitocentista, haja vista que ao ser apresentadas nos jornais as discussões ganham um maior destaque, tornando-se mais duradouras, promovendo uma espécie de agrupamento de indivíduos em torno de ideias que compactuam.

> Tornam as discussões simbolicamente mais perenes, agrupam pessoas que tem pensamentos similares, constituem grupos de discussão, e, sobretudo, dão notoriedade- transformando-os em personagens de relevo político- àqueles que são responsáveis por suas publicações. Portanto, há nesse momento a criação de simbolismo para a palavra imprensa que vai sendo disseminada de forma intensiva e extensiva pela sociedade ao longo do século XIX[226].

Participar da imprensa, produzir jornais, além de ser uma forma de posicionar-se nessa sociedade, vincular-se a grupos que tenham pensamentos consonantes, também era vista como um caminho para alcançar o mundo político, exercer um cargo público.

O século XIX, traz consigo uma consolidação do estado liberal burguês, alicerçado no processo de industrialização e no progresso do capitalismo por todo o mundo, o que estava amplamente associado ao surgimento de novas tecnologias como telégrafo, telefone, ferrovias, eletricidade, dentre muitas outras, o que culminou no processo denominado Segundo Revolução Industrial.

Em âmbito político, o mundo presenciou o estabelecimento da Inglaterra como principal potência mundial, o que se explica pela forte marinha do país, a velocidade em que se deu o crescimento industrial, além da estruturação do estado, com uma grande estabilidade política proporcionada pelo governo da rainha Vitória.

---

[225] CHARTIER, 1990, p. 18.
[226] BARBOSA, 2010, p. 51.

Por conseguinte, na França, a queda de Napoleão III na guerra Franco-Prussiana culminou na proclamação da Terceira República , no entanto, a instauração de um novo governo republicano não mostrou-se suficiente para retirar a França da difícil situação política e financeira em que se encontrava após a derrota para a Prússia, assim, a situação de intensa crise a qual enfrentava o país levou a proclamação da Comuna de Paris, formados por indivíduos de diversas tendências políticas radicais, a qual foi derrotada pela Terceira República com ajuda dos alemães, deixando um rastro de muita morte.

Nos Estados Unidos da América, apresentavam-se duas tendências partidárias, a saber, a federalista a republicana, além de investir no projeto de expansão dos domínios norte-americanos, como por exemplo a Doutrina Monroe e ideais como o Destino Manifesto.

> Resta considerar um grupo de ideologias singularmente equilibradas entre a progressiva e a antiprogressiva ou, em termos sociais, entre a burguesia industrial e o proletariado de um lado, e as classes aristocráticas e mercantis e as massas feudais do outro. Seus defensores mais importantes foram os radicais 'homens pequenos' da Europa Ocidental e dos Estados Unidos e os homens da modesta classe média da Europa Central e Meridional, abrigados confortavelmente, mas não de maneira totalmente satisfatória, na estrutura de uma sociedade monárquica e aristocrática. Todos acreditavam, de alguma forma, no progresso[227].

Apesar de tais acontecimentos estabelecerem-se em âmbito da história global do século XIX, tiveram uma grande capacidade de repercussão, influenciando questões de ordem políticas e econômicas de todo mundo, mas principalmente repercutindo no âmbito das ideias, sendo o último tópico uma das questões centrais a serem analisadas nesta dissertação, já que tiveram a capacidade de influenciar as mais diferentes visões de mundo, dos indivíduos dos grupos mais distintos. Ao abordar vultuosas mudanças que aconteceram no mundo desde o final do século XVIII e no em grande parcela do século XIX, Ecric Hobsbawm aponta que:

> A área do mundo conhecida, mapeada e em intercomunicação era maior do que em qualquer época anterior e suas comunicações eram incrivelmente mais rápidas. A população do mundo era também maior do que nunca; em vários casos, além de toda expectativa e probabilidade. As cidades de grande tamanho se multiplicavam mais depressa do que em qualquer época anterior. A produção industrial atingia cifras astronómicas: na década de 1840, cerca de 640 milhões de toneladas de carvão foram arrancadas do interior da terra. Estas cifras só foram suplantadas pelas ainda mais extraordinárias do comércio internacional, que se multiplicara quatro vezes desde 1780 até atingir cerca de 800 milhões de libras esterlinas, e muito mais em outras moedas menos sólidas e estáveis. A ciência nunca fora tão vitoriosa; o conhecimento nunca fora tão difundido. Mais de quatro mil jornais informavam os cidadãos do mundo, e o número de livros publicados

[227] HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções*: Europa, 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. p. 216.

> anualmente na Grã-Bretanha, França, Alemanha e Estados Unidos chegava à casa das centenas de milhares[228].

Pensar na expansão de uma imprensa escrita em meio a uma sociedade majoritariamente composta por analfabetos requer uma ampliação acerca da compreensão das diversas formas de uma sociedade acessar as informações, pois não ficam restritas apenas a leituras dos jornais por aquele indivíduo que visa informar-se, mas também por outras formas mais amplas, como por exemplo "lidos e comentados nas ruas, nos cafés e nas residências, esses impressos se multiplicam pela força dos comentários"[229].

A palavra República estava em voga na segunda metade do século XIX em inúmeros textos jornalísticos, não apenas no que se refere ao ideário republicano brasileiro, mas as manifestações em torno dessa vertente política em todo mundo, como pode ser analisado no trecho a seguir retirado do jornal *A Pátria*:

> O governo da república francesa não trata já de perseguir a imprensa que lhe é adversa e devemos ser justos declarando que o faz coma mesma bravura e despreocupação com que faria qualquer Napoleão ou qualquer imperador da China[230].

A citação acima faz uma crítica a República Francesa, a qual foi proclamada em 4 de setembro de 1870, no contexto da perca da guerra Franco-Prussiana pelos franceses, uma dura derrota culminando na morte de soldados, muitos feridos e uma instabilidade política que levou a queda do Napoleão III e ascensão da república. Logo, a citação apresenta ao público uma visão conservadora acerca da III República Francesa, associando-a a formas de governo autoritárias.

Em seguida, na mesma edição do jornal é apresentado um texto no qual aponta-se uma expansão do republicanismo na Inglaterra, como pode-se analisar a seguir:

> Na Grã- Bretanha existem atualmente 68 clubes republicanos que contam mais de 30.000 membros. Na Irlanda assume grandes proporções a questão do governo local: este movimento difere muito pouco do já iniciado para conseguir a obrigação completa da lei da união. Na Escócia, vão se também sintomas de iguais aspirações. Na noite de 21 de dezembro teve lugar em Londres um meeting republicano no qual o cidadão Odger disse que a república estava mais próxima do que se julgava geralmente e que o partido democrático ia publicar brevemente o seu manifesto, no qual se provaria esta verdade[231].

---

[228] HOBSBAWM, 2007, p. 216.
[229] BARBOSA, 2010, p. 53.
[230] NOTÍCIAS da Europa. *A Pátria*, Teresina, ano 2, n. 88, p. 3, 13 jan. 1872.
[231] NOTÍCIAS... 13 jan. 1872, p. 3.

A leitura da citação acima permite ter acesso a como a república e o republicanismo eram percebidos e apresentados pela vertente conservadora, sendo apontados por estes como fontes de risco para os países, que devem ser contidas dado o seu crescimento não apenas no Brasil, mas na própria Europa.

Um outro problema explorado pelos jornais corresponde ao da escravidão, que se apresenta como uma esfera sensível dentro da sociedade brasileira, sendo abordada nos periódicos das mais diferentes vertentes políticas. Em muitos textos publicados em seus periódicos, ao abordar o problema da escravidão no Brasil, David Caldas aponta esta mazela como uma consequência do governo imperial brasileiro, logo, apenas a substituição desse sistema político pela República seria capaz de pôr fim a essa mazela social.

Os discursos de David Caldas sobre a escravidão também são amplamente usados como forma de criticá-lo, buscando mostrar as incongruências de suas ideias, assim, era comum a utilização de acontecimentos em países cujo sistema de governo republicano vigorava, como forma de atacá-lo, e apontar a ineficácia do sistema por ele defendido, como pode ser analisado no trecho a seguir que denuncia uma discriminação baseada na cor da pele na República Americana:

> A questão das cores no Estados Unidos. Apesar das libérrimas instituições dos Estados Unidos, o negro ou simplesmente o homem de cor, não é igual ao homem branco. Na escola, na academia, no teatro, no caminho de ferro, no vapor, na igreja e até no cemitério, há separação de raças. M. Sumner senador de Massachussetts, proferiu a respeito, na atual sessão do Congresso, um eloquentíssimo discurso, que estamos traduzindo para oferecê-lo aos leitores do *Diário*. Enquanto fazíamos caiu-nos sob os olhos um local d'uma folha de New-York, que traduzimos para oferecer notícia edificante da forma porque os nossos irmãos do norte compreendem a igualdade em face d'um acidente de cor. E são cristãos e são um grande povo, civilizado como os mais civilizados, os cidadãos da Grande República!... Nós, os brasileiros que não sabemos estabelecer estas distinções de cores, nós devemos ser selvagens! O Sr. David Caldas somente entende-me: Hipócrita[232].

O modelo de República norte-americano era usado nos textos de David Caldas como uma fonte de inspiração que deveria ser seguido pelo Brasil, pois segundo ele seria muito superior ao brasileiro, assim, as falhas apontadas pelos conservadores na República dos EUA representava uma maneira de mostrar ao público leitor as falhas nas ideias defendidas por David Caldas, apontando o mesmo como um hipócrita por defender a superioridade desse sistema.

Nos jornais conservadores piauienses analisados na pesquisa podem ser encontrados alguns textos que abordam a temática republicana, mesmo essa abordagem não sendo realizada

[232] COM VISTAS ao Sr. David Moreira Caldas. *A Pátria*, Teresina, ano 2, n. 97, p. 2, 13 abr. 1872.

em uma perspectiva política e teórica mais aprofundada, uma vez que as reflexões apresentavam em uma ordem comparativa, entre um modelo monárquico ao qual aderiam os conservadores e modelo republicano, uma discussão que muitas vezes adentrava no âmbito pessoal dos sujeitos políticos.

Nessa perspectiva, podem ser expostos alguns textos do jornal conservador *A Pátria*, que representam respostas a um texto publicado no jornal *O Amigo do Povo*, no qual David Caldas faz uma comparação entre a Monarquia e a República a partir de uma concepção econômica, em que apontam aqueles que seriam os gastos exorbitante para manter em pleno funcionamento o sistema imperial, frisando os gastos que seriam feitos com a família real.

Assim, o jornal *A Pátria* dirige a David Caldas um texto, que busca responder e desqualificar algumas informações apresentadas por ele no jornal *O Amigo do Povo*, o qual aponta que a forma de governo imperial era caríssima aos cofres públicos do país, em oposição a um modelo republicano que apresentaria orçamento mais viável e justo.

> Nós, os dos Estados Unidos, gabamo-nos de sermos a república modelo. De que modo nos comparamos nós a Inglaterra com referência as despesas da nossa casa real e ao resultado da administração! Damos ao nosso presidente um salário de 25 mil dólares e nos seus subordinados os.... correspondente as suas posições. E isso o decretado por lei, e gabamo-nos de termos o governo mais barato na face da terra. Mas na realidade, o nosso barato presidente é o reinante mais caro do mundo. Não somente ele próprio recebe presentes o que na sua posição é uma espécie de suborno ou salvo- conduto, mas tolera, caso ele próprio não anime a ladroagem em todas as repartições do serviço público[233].

O ideário republicano promove as mais diferentes narrativas na vida política e nos jornais, narrativas que estão relacionadas ao contexto político e social daqueles que o elaboram. As discussões em torno do governo republicano tornam-se mais palpáveis ao longo da guerra travada entre Brasil e Paraguai. Nesse momento, além dos interesses de cunho político, social, econômico, territorial, tem-se o enfretamento de duas formas de governo distintas, a império que vigorava no Brasil e a República no Paraguai. Logo, os jornais são os principais veículos em que se pode aproximar dos desdobramentos da Guerra e meio as notícias sobre o desdobramento da guerra, os principais acontecimentos, as batalhas, os recrutamentos, pode-se encontrar reflexões em torno do modelo republicano, partindo da perspectiva brasileira sobre a república do Paraguai.

> Nada justifica as suposições a que se entregam gratuitamente sobre uma certa luta latente, senão aberta entre as instituições monárquicas do Brasil e o regime republicano das antigas colônias espanholas. O Brasil permanece sempre dedicado a sua monarquia, a sua carta constitucional, a sua

[233] COM VISTAS..., 13 abr. 1872, p. 2.

> instituições, que garantem tão completamente a segurança do poder, a perpetuidade do trono imperial, o reconhecimento dos direitos civis e políticos dos cidadãos, as liberdades democráticas e todas as aspirações do século XIX. Através das agitações revolucionárias porque lhe foi forçoso passar, como quase todos os povos do universo, desde 1825, tem guardado intacta sua constituição política e mais ou menos bem desenvolvida praticada até hoje. Acha a excelente e a única apropriada a sua facilidade presente e seu futuro. Mas respeito os governos republicanos de seus vizinhos e não ocupa-se em criticar seu modo de funcionar nem em contestar a legitimidade de sua existência[234].

A análise dos jornais permite perceber que eles se dedicam não apenas aos assuntos de âmbito interno, mas informam seus leitores sobre os acontecimentos de todo o mundo, mas não através de um ponto de vista imparcial, as informações são apresentadas por meio de narrativas que são construídas pelos jornalistas visando o convencimento do público leitor a partir do seu ponto de vista, o que pode ser observado pelo texto transcrito no jornal *O Piauí* acerca dos acontecimentos franceses e ingleses.

> Os homens cegos, porque não querem ver, apregoam como república modelo aquela onde o cidadão de cor, qualificado votante, fogem das urnas para evitar a execração dos brancos, e chamem de terra clássica da liberdade aquela, onde o miserável faminto encontra-lhe a mão, que estendera a caridade pública, de baixo do azorrague dos policemen. Ultimamente fazem passeatas republicanas (quem diria) em Londres[235].

As críticas acerca do governo monárquico ganham maior intensidade a partir de 1871, como uma consequência da publicação do Manifesto Republicano em dezembro de 1870, trazendo consigo uma melhor definição e organização dessa vertente política no país, gerando, por consequência, incômodo e uma oposição em meio a ala conservadora.

> Dizeis que não temos representação nacional porque a eleição está falseada e por isso desejais a república. Mas a Inglaterra também recentemente reformou sua legislação eleitoral, e nenhum membro do partido *vohig* falou em república nas épocas dos *rottens boroghs*, nem modernamente quando até se procurava estabelecer penalidades para reprimir abusos na verificação dos poderes[236].

O texto transcrito no jornal conservador *O Piauí*, refere-se as propostas de ordem republicana, a defesa de um sistema republicano no país como forma de superação dos problemas enfrentados por ele. No entanto, autor estabelece uma comparação entre a situação política vivida na Inglaterra e no Brasil, as formas encontradas no primeiro país para a superação de tais problemas.

---

[234] TRANSCRIÇÃO. *A Imprensa*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 27 jul. 1865.
[235] REPUBLICANISMO em Londres. *O Piauí*, Teresina, ano 4, n. 147, p. 3, 30 out. 1870.
[236] O MANIFESTO Liberal. *O Piauí*, Teresina, ano 4, n. 65, p. 4, 18 mar. 1871.

> Demais, os gabinetes conservadores do último período têm iniciado reformas que são indispensáveis para corrigir alguns desses abusos de que falais com exageração e que, entretanto, sempre existiram nos países educados durante séculos nas práticas do sistema representativo[237].

O texto, dessa forma, aponta os gabinetes conservadores como a solução para os problemas constitucionais, visto que vinham realizando reformas, assim, não seria, na visão conservadora, necessária a implantação de um novo sistema de governos, mas a permanência do sistema político que já vigorava no país, associada a reformas pontuais promovidas por uma boa administração, que na narrativa apresentada pelo texto, seria promovida por políticos conservadores.

Na visão conservadora é defendida uma ideia de que sob os auspícios do governo imperial o Brasil passou por inúmeras transformações positivas, desenvolveu-se econômica, política e socialmente e constituiu-se uma nação livre, graças ao governo vigente, como pode ser analisado no trecho a seguir:

> Do que avançamos nos dá a história nacional o mais solene testemunho, em cada fase política, em cada época, em um, como em outro reinado. De 1822 a 1872 o poder da palavra e da pena, a tribuna e a imprensa têm constituído a nação brasileira como o país livre da América, distinto e respeitado no velho mundo, pela sua constituição libérrima e seus faustos gloriosos[238].

Dessa forma, se o governo imperial foi responsável, na visão conservadora, pela prosperidade do país, a defesa e manutenção desse sistema se tornam necessárias e a ideologia republicana torna-se uma ameaça que precisa ser descredibilizada e combatida, atuando os jornais conservadores como um dos principais espaços onde esse combate acontece.

> Na tela política do país não surgiu como protesto o partido republicano, surgiu como uma aberração do que é, do que deve ser. A história do presente, como do passado da pátria logicamente protesta contra semelhante utopia. Sim, a república no Brasil é uma utopia. Quem o diz é o país, é o espírito público, a contínua manifestação de todas as índoles e de todos os caracteres. Convocasse hoje o poder o plebiscito para votar a república e os republicanos sairão corridos de vergonha[239].

As comparações entre os dois sistemas monárquico e republicano tornam-se comuns nos jornais, os periódicos conservadores constroem uma narrativa em que o sistema monárquico apresenta uma superioridade frente as propostas republicanas. “A República poderá ser o que

[237] O MANIFESTO... 18 mar. 1871, p. 4.
[238] TRANSCRIÇÃO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 242, p. 3, 23 nov. 1872.
[239] TRANSCRIÇÃO, 23 nov. 1872, p. 3.

acabamos de descrever? Palavra adotada como oposição a monarquia, confundida com a democracia, define-se como no Contrato Social governo eletivo, governo de todos"[240].

O texto publicado originalmente no jornal *O Comércio* da cidade do Rio de Janeiro e publicado no jornal conservador *O Piauí*, apresenta uma narrativa que voltava-se não apenas uma comparação entre dois modelos de governo, mas usa inúmeros argumentos como forma de convencimento do leitor de que a monarquia é superior à República, sendo o último governo apenas fruto ou de uma utopia por parte de quem o defende por acreditar em suas ideias, ou fruto de indivíduos de péssimo caráter e que visam apenas o interesse pessoal em detrimento da nação. Uma das estratégias usadas pelo autor do texto é uma comparação entre a Inglaterra que possuía uma rainha em seu trono e a França que se destaca pela luta republicana, o que pode ser visualizado no seguinte trecho:

> Em quanto sangue não se tem banhado a França pela sede republicana de seus filhos? A Inglaterra, essencialmente monarquista, progride cada vez mais aceleradamente e quem governa é uma rainha: o que se ergue na cúpula do Estado é um trono, uma coroa e um cetro[241].

Após fazer as comparações entra as duas formas de governo usando como exemplos os países que as adotam, o autor passa a dedicar-se a apontar os perigos que o sistema republicano traria não apenas para o país, mas também para o seio familiar, usando, assim, argumentos de ordem moral, como forma de assustar a família brasileira, como pode-se verificar na citação abaixo:

> O verdadeiro pai de família, o brasileiro de coração, só em estado de alucinação ou de má fé pode querer uma forma de governo que ponha em perigo sua segurança e o futuro e honra de seus filhos. Esse tremendo castigo não pesará sobre a nação brasileira. Nem o Brasil o merece, nem tantas tem sido as culpas de seus filhos[242].

A edição seguinte do jornal *O Piauí* transcreve um outro texto também do jornal *O Comércio*, que continua a abordar o tema República. O texto intitulado *A Reforma* proclamando a República, aponta a proximidade dos liberais do país com as propostas republicanas, chegando a comparar tais políticos com grandes revolucionários da história, como apresentado no texto a seguir: "Eles têm a febre de Danton e a sede de Robspierre. Ai de nós se a espiral negra do formo da revolta sombreasse os horizontes da pátria!"[243].

---

[240] TRANSCRIÇÃO, 23 nov. 1872, p. 3.
[241] TRANSCRIÇÃO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 243, p. 3, 30 nov. 1872.
[242] TRANSCRIÇÃO, 30 nov. 1872, p. 3.
[243] TRANSCRIÇÃO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 244, p. 3, 10 dez. 1872.

O autor aponta as incongruências dos políticos ligados *A Reforma*, os quais mudariam de opinião de lado de acordo com suas necessidades pessoais e não com o projeto político que acreditam e defendem diante da sociedade.

> Ontem eram ministros, membros do poder executivo, hoje são oposicionistas, membros do clube da Reforma. Nos bancos do conselho da coroa tudo são rosas, nas cadeiras do clube da rua Ourives, tudo são espinhos. Seremos o que a Reforma quiser, nunca, porém, políticos utilitários, pregoeiros da revolta, demolidores de trono[244].

O texto aponta para o movimento de aproximação do grupo liberal com o jornal A República. Ao falar sobre o jornal *A República* aponta sua visão sobre o jornal e aqueles que são responsáveis pelo jornal, que segundo eles seria composto por "um jornal dirigido pelo sangue ardente e princípios exaltados de moços sempre amigo do novo e desconhecido"[245].

Os jornais conservadores apresentam ao público uma narrativa, na qual o governo imperial regido pela constituição é necessário para o progresso da nação.

> O estudo da história nacional desde 1840 até 1872 o que nos prova (sem medo de contestação, ousamos afirmá-lo) é que se há imperante que tenha com mais sabedoria e constância se conservado dentro das raias traçadas pela constituição do império, é sem a menor dúvida o Sr. D. Pedro II[246].

Logo, pode-se perceber as diferenças entre a narrativa republicana e conservadora, haja vista que na primeira, é construído um discurso de que o imperador é um homem dotados de privilégios, que representa um grande peso aos cofres brasileiros, que ele, usando-se do poder moderador, toma atitudes baseados nos próprios desejados e necessidades, não obedecendo as leis que regem o império, representando uma forma de governo obsoleta, principalmente se comparada ao governo dos países vizinhos, que mantêm o país em estado de atraso.

A narrativa conservadora apresenta uma imagem diferente do imperador, da família real e da forma de governo imperial, pois constrói-se uma imagem do imperador como um homem sábio, de excelente formação, um homem sensível as mazelas de cunho social que afligiam o país, um grande patrocinador da educação, das ciências e das artes, respeitado globalmente, e principalmente, que governava em consonância com a constituição imperial, tomando atitudes que visavam o melhor para a nação brasileira.

> Em que pese a Reforma, aos conselheiros da rua dos Ourives, aos homens ingratos e prevenidos, o Brasil há de ser grande, elevar-se-á entre as outras nações sempre que dirigem seus altos destinos ministérios como o atual, que tão bem sabe evitar os rochedos e escolhos onde tantos outros perigam e sufragam. Não existe poder pessoal, nem ditadura, nem opressão. Sabeis o que

[244] TRANSCRIÇÃO, 10 dez. 1872, p. 3.
[245] TRANSCRIÇÃO, 10 dez. 1872, p. 3.
[246] TRANSCRIÇÃO, 10 dez. 1872, p. 3.

> existe? Ordem, liberdade e justiça... Curvem-se os adversários do governo ao seu brilhante triunfo[247].

Para compreender as publicações de textos do jornal *O Comércio* em *O Piauí* é necessário atentar-se ao contexto político dessas publicações. Os textos conservadores de 1872, apresentam uma função importante, posto que sinalizam uma dinâmica de disputa entre a imprensa liberal e conservadora em meio a emergência do Gabinete conservador de 7 março[248], que leva a uma forte oposição da imprensa liberal, tendo um destaque para o jornal *A Reforma*, a qual dirige-se muitas das críticas do jornal *O Comércio*. Segundo a narrativa conservadora, a imprensa liberal faz uma oposição descabida, que está ligada não a defesa dos interesses do país, mas a defesa dos interesses pessoais, como pode-se analisar no trecho a seguir:

> É triste considerar a maneira desarrazoável porque os homens da Reforma discutem e escrevem. Escurecem tudo. Não há medida para eles que não seja a do ódio e do ressentimento. Negam pão e água aos adversários, chegam até não querer a verdade que está diante dos olhos... O interesse é todo pessoal[249].

Uma das marcas do enfrentamento entre monarquista e republicanos em território nacional deu-se em 1873, no Rio de Janeiro, em que republicanos e monárquistas chegaram a enfrentar-se, sendo atacada a tipografia do jornal *A República*, espaço no qual agrupavam-se republicanos comemorando a implementação do governo republicano na Espanha, o que aconteceu após a renúncia do rei Amadeu Saboia, rei da Espanha desde 16 de setembro de 1870, renunciando ao trono em 11 de fevereiro de 1873.

A leitura de como é retratado o mesmo acontecimento em jornais regidos por ideologias conservadoras e republicanas, permite uma percepção de como os interesses políticos podem influenciar diretamente na forma em que um mesmo fato é retratado na imprensa. Dessa maneira, o jornal conservador *O Paiz* apresenta ao público uma narrativa que visa ter um potencial de verdade sobre o fato, a qual foi transcrita pelo jornal *O Piauí*.

> A noite rompeu grande agitação. Uma imensa multidão, aos gritos de viva a monarquia, fazia a mais importante manifestação contra os tais republicanos, que tinham as portas fechadas e o estabelecimento as escuras. Trocaram-se pedradas entre o povo e os que estavam no 1º andar. Os vidros ficaram esmigalhados[250].

Após narrar como deu-se o acontecimento, o jornal informou que a situação apenas acalmou-se com intervenção da polícia, no entanto, a narrativa republicana acerca do

---

[247] TRANSCRIÇÃO, 10 dez. 1872, p. 3.
[248] TRANSCRIÇÃO, 10 dez. 1872, p. 3.
[249] TRANSCRIÇÃO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 245, p. 3, 23 dez. 1872.
[250] NOTICIÁRIO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 258, p. 4, 31 mar. 1873.

acontecimento, apontaria os policiais como cumplices do ataque. O jornal também é enfático ao apontar o órgão da imprensa republicana como uma empresa mercantil, a qual estava associada a uma lógica bem mais econômica que um posicionamento verdadeiramente político.

> Assim é que a tipografia republicana, empresa antes mercantil que política, fundada e mantida para fins de especulação comercial por um estrangeiro, somente deve a polícia por não ter sido feita em pedaços. Provavelmente dirão amanhã que a polícia fomentou o pronunciamento, animou-o e talvez o preparou. Entretanto, a verdade é tal como lhes exponho. Fui testemunha pessoal dos acontecimentos e lhes asseguro que na incorreta exposição que lhes mando, não carreguei as cores[251].

O acontecimento na cede do jornal *A República* é amplamente abordado por David Caldas em seu jornal *Oitenta e Nove*. Este aponta a polícia e o império como os principais responsáveis pelo referido ataque:

> A redação da *A República* do Rio, faz uma festa em honra a aclamação da república espanhola e nas varandas do edifício a bandeira brasileira ocupa o lugar de honra, com suas cores e distintivos, menos a coroa imperial. Eis que a vista da polícia e pela polícia, ali as barbas do governo, é atacado o edifício, corre perigo a vida dos redatores, interrompe-se a festa pacífica, faz-se uma devastação vandálica, o retrato de Castelar é arrastado pelas ruas envolto com a bandeira da república espanhola e não há um ato repressivo!... e o Governo vai dizer das Câmaras que esse foi um movimento da população monarquista, indignada ao ver a bandeira sem o emblema imperial[252].

É perceptível que na narrativa republicana a polícia e o governo são apontados como cúmplices do ataque, uma vez que teriam sido negligentes diante do fato. O jornal *Oitenta e Nove* utiliza-se do ataque a tipografia do jornal *A República* no Rio de Janeiro, como ponto de partida para a sua argumentação sobre a depravação dos costumes políticos dos brasileiros, uma discussão que se inicia a partir de uma fala do imperador na qual afirma que a política brasileira se encontrava corrompida. Constrói-se uma narrativa que aponta o governo imperial e a própria figura do imperador como os principais responsável, pelo estado de corrupção que estava envolto o Brasil, a falta da honra política.

> Costumes políticos em tal grau de corrupção que só o tempo (novo doutor brasileiro em matéria de costumes) só o tempo dará remédio ao país sem honra política, são expressões sinônimas, apenas uma com laconismo da dor sincera do patriota e a outra com a prolixidade hipocritamente sentida de um governo, que é o principal réu da corrupção[253].

O jornal liberal *A Imprensa* também noticia o acontecimento que se deu no Rio de Janeiro na tipografia do jornal *A República*, como pode-se ler no trecho seguinte:

---

[251] NOTICIÁRIO, 31 mar. 1873, p. 4.
[252] SITUAÇÃO do Brasil. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 24, p. 1, 25 jun. 1874.
[253] SITUAÇÃO..., 24 jun. 1874, p. 1.

> República - A redação da *República* do Rio de Janeiro festejava nas noites do das 27 e 28 de fevereiro, dentro do seu edifício com ordem e serenidade, o acontecimento de haver a Espanha constituindo-se em república, quando pela noite a dentro depois de já acabado o movimento da cidade foi apedrejada a casa, caindo da sua fachada o retrato do Sr. Castelar, ministro do estado da nova república, de envolta com as bandeiras espanholas, francesas, suíças, argentina, oriental, norte americana e uma outra formada das cores nacionais, verde e amarela, sem nem um outro distintivo, as quais formavam uma espécie de troféu em torno à pintura. Este lamentável acontecimento que durou algum tempo, não foi impedido pela força pública, antes se lhe atribui toda a culpabilidade. A comissão central do partido republicano publicou no dia seguinte um manifesto ao país, no qual expõe detalhadamente tudo o que sucedera e conclui com a revolução tomada desprender a publicação de sua folha, aconselhando a todos os seus correligionários das províncias[254].

A leitura do texto apresentado pelo jornal liberal *A Imprensa* permite uma percepção de proximidade entre a forma narrativa apresentada pela imprensa republicana e a imprensa liberal, ambas atribuem responsabilidade do ataque a falta de uma intervenção por parte da força pública.

Dessa forma, a leitura das citações anteriores que narram um mesmo acontecimento, apresentando diferentes versões e culpados, é uma exemplificação de como os interesses de um grupo podem influenciar diretamente a percepção dos seus membros de um determinado fato, levando por parte desses jornalistas diferentes construções sobre a realidade que os cercavam, tal como apresenta Chartier:

> Pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos- ou, por outras palavras, da representação do mundo social- que à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. [255]

Percebe-se nas citações anteriores uma disputa entre os jornais de diferentes vertentes por meio do discurso, cada jornalista apropria-se do fato narrado e elabora o seu próprio discurso em torno daquele acontecimento, baseando-se na sua visão de mundo e no projeto político que compunha. Nesse sentido, as reflexões de Foucault sobre a relação de discurso e poder se tornam pertinentes, uma vez que as narrativas construídas pelos jornalistas pretendem manifestar o desejo de expressar seus pontos de vista e seus ideais, entendendo o próprio discurso como um objeto de desejo, como remete Michel Foucault:

> [...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é

[254] NOTICIÁRIO. *A Imprensa*, Teresina, ano 8, n. 377, p. 4, 2 abr. 1873.
[255] CHARTIER, 1990, p.20

> simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar[256].

Em uma sociedade em que os principais debates se desenrolavam no campo das palavras escritas, tendo como veículo a imprensa, a possibilidade de um pertencimento a esse mundo das letras, aos círculos sociais dos homens que compunham a imprensa, a possibilidade de elaborar um discurso e compartilha-lo era almejada, sendo, dessa forma, como aponta Foucault o próprio discurso como o objeto do desejo.

Logo, pode-se perceber que o ideário republicano se fez presente no Piauí não apenas por meio das narrativas favoráveis desenvolvidas e apresentadas por David Caldas em seus periódicos republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove* ou no jornal liberal *A Imprensa*, elas também repercutiram em jornais conservadores como *O Piauí* e *A Pátria*, no entanto, estes últimos apresentavam ao público leitor piauiense uma percepção distinta do viés republicano.

O ideário republicano era apresentado pelos conservadores como um sistema que oferecia riscos ao Brasil e qual deveria ser combatido, debatendo de forma direta com o republicano David Moreira Caldas, apontando não apenas as falhas nos ideais defendidos por ele, mas desqualificando muitas vezes a sua fala usando argumentos sobre da sua vida privada.

4.2 O reverberar do ideário republicano para além das fronteiras provinciais

Para compreender a difusão do ideário republicano no Brasil e mais especificamente no Piauí, é fundamental ter um entendimento do seu significado no contexto no qual é estudado. As noções em torno do conceito de República passaram por inúmeras transformações ao longo do tempo, mas é na Idade Moderna que ocorre o surgimento do conceito de República, do ideário republicano e de uma consciência política, trazendo novos parâmetros de distanciamento da ideologia monárquica, como é apontado por Silvia Carla Pereira de Brito Fonseca:

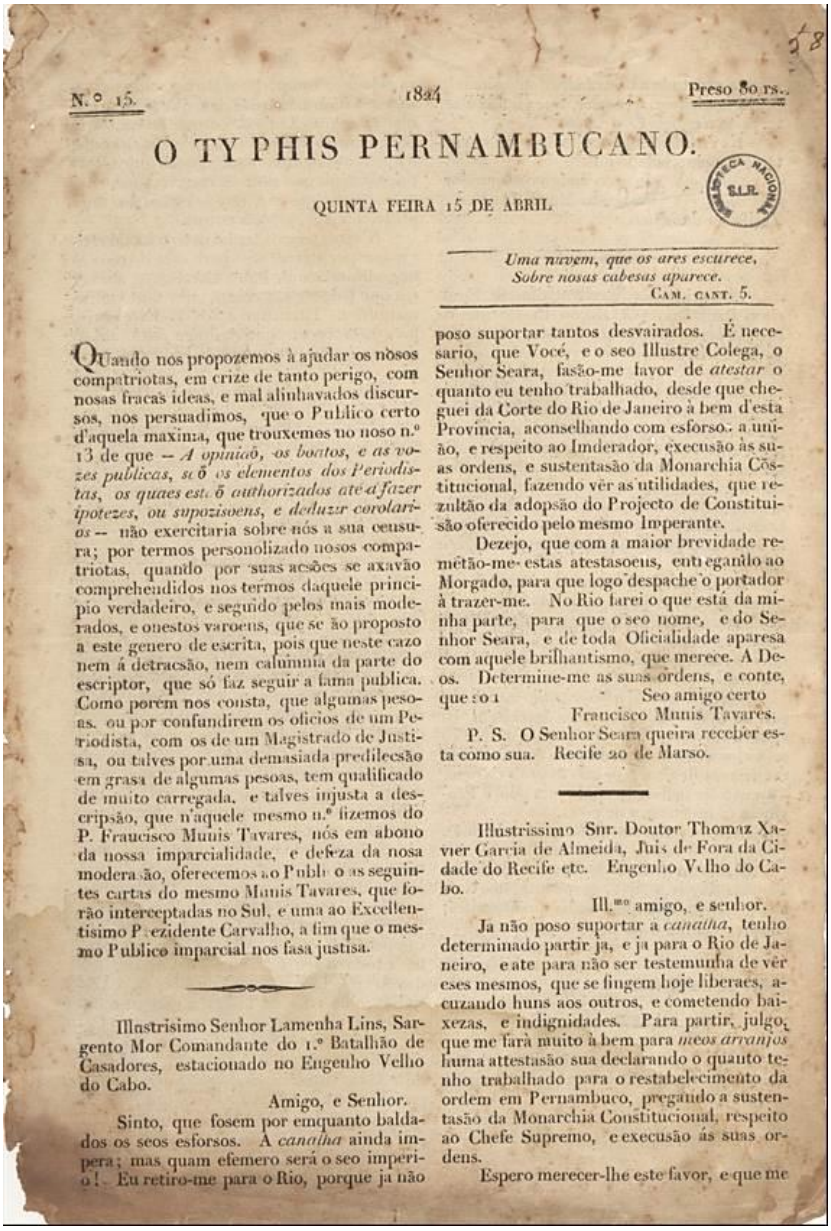
> Assim sendo, o princípio subjacente à noção de Império, e de monarquia em geral, repousava numa associação ao eterno e imutável, ao passo que ao ideário republicano correspondia uma percepção diversa de tempo, finito e humano, em vista da disjunção entre a ordem política e ordem natural[257].

---

[256] FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural do Collège de France, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 10.
[257] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. *A ideia de República no Império do Brasil*. Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834) Jundiaí: Paco Editora, 2016. p. 32.

Ao pensar nesses movimentos de cunho político e social que se desenvolveram no país, ao longo principalmente do século XIX, é inadequado considerar que estes, mesmo tendo ocorrido em um mesmo período histórico, tendo muitas vezes preocupações e necessidades semelhantes e sendo influenciado por um mesmo ideário, tenham um projeto e uma concepção idênticos. Um exemplo da pluralidade em torno do entendimento do conceito de República é Frei Caneca, um dos principais nomes associados a Revolução Pernambucana de 1817, uma vez que este deixa claro em seu periódico *Typhis Pernambucano*[258], que a concepção de República defendida por ele era intimamente ligada à ideia de República Federativa, tal como a norte-americana.

[258] O TYPHIS PERNAMBUCANO. Pernambuco, ano 1, n. 15, p. 1, 15 abr. 1824.



N.º 15. 1824 Preso 80 rs.

O TYPHIS PERNAMBUCANO.

QUINTA FEIRA 15 DE ABRIL

Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nosas cabesas aparece.
CAM. CANT. 5.

QUando nos propozemos à ajudar os nòsos compatriotas, em crize de tanto perigo, com nosas fracas ideas, e mal alinhavados discursos, nos persuadimos, que o Publico certo d'aquela maxima, que trouxemos no noso n.º 13 de que -- *A opiniaõ, os boatos, e as vozes publicas, saõ os elementos dos Periodistas, os quaes estaõ authorizados até à fazer ipotezes, ou supozisoens, e deduzir corolarios* -- não exercitaria sobre nós a sua ceusura; por termos personolizado nosos compatriotas, quando por suas acsões se axavão comprehendidos nos termos daquele principio verdadeiro, e seguido pelos mais moderados, e onestos varoens, que se ão proposto a este genero de escrita, pois que neste cazo nem à detracsão, nem calumnia da parte do escriptor, que só faz seguir a fama publica. Como porem nos consta, que algumas pesoas, ou por confundirem os oficios de um Periodista, com os de um Magistrado de Justisa, ou talves por uma demasiada predilecsão em grasa de algumas pesoas, tem qualificado de muito carregada, e talves injusta a descripsão, que n'aquele mesmo n.º fizemos do P. Francisco Munis Tavares, nós em abono da nossa imparcialidade, e deveza da nosa moderasão, oferecemos ao Publico as seguintes cartas do mesmo Munis Tavares, que forão interceptadas no Sul, e uma ao Excellentisimo Presidente Carvalho, a fim que o mesmo Publico imparcial nos fasa justisa.

Illustrisimo Senhor Lamenha Lins, Sargento Mor Comandante do 1.º Batalhão de Casadores, estacionado no Engenho Velho do Cabo.

Amigo, e Senhor.

Sinto, que fosem por emquanto baldados os seos esforsos. A *canalha* ainda impera; mas quam efemero será o seo imperio! Eu retiro-me para o Rio, porque ja não poso suportar tantos desvairados. É necesario, que Você, e o seo Illustre Colega, o Senhor Seara, fasão-me favor de *atestar* o quanto eu tenho trabalhado, desde que cheguei da Corte do Rio de Janeiro à bem d'esta Provincia, aconselhando com esforso a união, e respeito ao Imperador, execusão às suas ordens, e sustentasão da Monarchia Constitucional, fazendo vêr as utilidades, que rezultão da adopsão do Projecto de Constituisão oferecido pelo mesmo Imperante.

Dezejo, que com a maior brevidade remétão-me estas atestasoens, entregandão ao Morgado, para que logo despache o portador à trazer-me. No Rio farei o que está da minha parte, para que o seo nome, e do Senhor Seara, e de toda Oficialidade aparesa com aquele brilhantismo, que merece. A Deos. Determine-me as suas ordens, e conte, que sou

Seo amigo certo
Francisco Munis Tavares.

P. S. O Senhor Seara queira receber esta como sua. Recife 20 de Marso.

Illustrissimo Snr. Doutor Thomaz Xavier Garcia de Almeida, Juis de Fora da Cidade do Recife etc. Engenho Velho do Cabo.

Ill.mo amigo, e senhor.

Ja não poso suportar a *canalha*, tenho determinado partir ja, e ja para o Rio de Janeiro, e ate para não ser testemunha de vêr eses mesmos, que se fingem hoje liberaes, acuzando huns aos outros, e cometendo baixezas, e indignidades. Para partir, julgo, que me fará muito à bem para *meos arranjos* huma attestasão sua declarando o quanto tenho trabalhado para o restabelecimento da ordem em Pernambuco, pregando a sustentasão da Monarchia Constitucional, respeito ao Chefe Supremo, e execusão ás suas ordens.

Espero merecer-lhe este favor, e que me

Figura 5: Jornal *O Typhis Pernambucano* (1824). Fonte: O TYPHIS PERNAMBUCANO. Pernambuco, ano 1, n. 15, p. 1, 15 abr. 1824.

O conceito de República pode estar associado a três possíveis interpretações, sendo inclusive usada muitas vezes como uma alternativa a democracia. Segundo Fonseca, a primeira possibilidade de República seria a república antiga, que representava uma forma de organização da polis; a segunda possibilidade seria a república no período do Renascimento, em que é desenvolvido um ideal republicano pelos humanistas cívicos, redefinindo conceitos como liberdade, virtude, cidadania, por fim, o conceito de república do século XVIII, em que a República pretenderia substituir a dominação do homem sobre o homem pela lei[259].

[259] FONSECA, 2016, p. 65.

A República já suscitava debates e inspirava movimentos no Brasil ainda na primeira metade do século XIX, dentre os movimentos pode-se destacar a Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador em 1824, guiados por uma perspectiva republicana, mesmo que a palavra República e o autorreconhecimento dos seus líderes como republicanos, não fossem abertamente usados, como é indicado por Renato Lopes Leite: "Frei Caneca não afirma ser categoricamente republicano"[260]. Logo, raramente o termo "governo republicano" era usado como forma de definição do projeto que almejavam instituir, sendo normalmente preferidos os termos "Constituição Federativa" ou "governo mais livre possível"[261].

Mesmo não declarando-se abertamente republicano, é na obra elaborada por Frei Caneca que o republicanismo se apresenta de uma forma estruturada neste recorte histórico, contrapondo a República aos governos sem leis e não constitucionais da monarquia absolutista e a tirania. Para Leite, a essência do argumento de Frei Caneca está pautada na ideia de que "as províncias são livres, independentes e soberanas para decidir a forma de governo que melhor lhe aprouver por intermédio do pacto social"[262].

Em sua obra, Frei Caneca apresenta uma equivalência entre o governo republicano e o governo democrático, assim, para compreender o que ele entende e defende como República, precisa atentar-se ao que ele compreende por democracia, que seria "poder político-institucional que deve ser estabelecido de forma constitucional e representativa"[263].

O termo República, na contemporaneidade, é facilmente associado a uma perspectiva de democracia liberal, contrapondo-se a monarquia, no entanto, historicamente, o termo República possuiu diferentes significados, dependendo do período que é analisado. Os primórdios da utilização deste termo estão associados à antiguidade clássica, principalmente aos gregos, representado nessa cultura uma das muitas acepções referentes ao termo politeia, estando seu significado associado à "coisa pública", "bem comum", "comunidade", nessa perspectiva de Cícero, República não era entendida como o completo oposto a monarquia, mas sim à governo injusto, um significado que se manteve até a Revolução Francesa.

Segundo Bobbio, "na cultura do século XVIII, o mito da República está, deste modo, a exaltação do pequeno Estado"[264]. O Estado pequeno faz-se necessário para o exercício pleno

---

[260] LEITE, Renato Lopes. *Republicanos e libertários*: pensadores radicais no Rio de Janeiro (1822). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 32.
[261] LEITE, 2000, p. 33.
[262] LEITE, 2000, p. 37.
[263] LEITE, 2000, p. 40.
[264] BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 1108.

da República, porque nele é possível a existência de uma democracia direta, a qual é reconhecida nessa perspectiva como a única forma legítima de democracia.

A mudança na acepção do termo República para o que a sociedade contemporânea compreende está associado com a revolução americana, pois os americanos denominaram como repúblicas os Estados e Federação, os quais apresentavam uma democracia representativa, assim, institui-se um modelo de democracia liberal, distinta a uma democracia direta e popular, como em concepções anteriores.

> Com a revolução americana, este significado da palavra República mudou totalmente: os americanos (John Adams, Alexander Hamilton) chamaram, aos Estados e à Federação, Repúblicas, não só porque não existia a instituição monárquica, mas também porque a sua democracia era uma democracia representativa, baseada na separação dos poderes e num sistema de pesos e contrapesos entre vários órgãos do Estado[265].

Além da agitação política, o período regencial brasileiro tem como uma das principais características a ampliação do número de periódicos nas mais diversas províncias, apresentando muitos desses periódicos um caráter republicano. É fundamental destacar-se que assumir-se publicamente republicano na imprensa era considerado crime, tanto no Código Criminal de 1830, quanto no Código de Processo em 1832, logo, muitas eram as táticas usadas por esses jornalistas em seus periódicos como, por exemplo, a publicação de artigos de outros periódicos, como uma forma de não se responsabilizar pela referida publicação. Dessa forma, a cautela linguística no uso da palavra República, está associada tanto as possíveis perseguições legais que os periódicos poderiam enfrentar, mas também a vulgarização pelo qual passou o termo, diante dos inúmeros ataques por meio da imprensa de caráter absolutista.

Apesar de ter ocorrido ainda no final do século XVIII, a Revolução Francesa, dada a sua magnitude, influenciou fortemente o século XIX, promovendo uma revolução principalmente no campo das ideias, servindo como uma espécie de alicerce ideológico para muitos movimentos e revoltas que se desenvolveram em âmbito mundial, chegando até mesmo nas américas. Logo, David Moreira Caldas, assim como muitos homens que compunham o mundo das letras no século XIX, tem seus ideais e posicionamentos políticos diretamente influenciados pela Revolução Francesa, sendo citada em inúmeros textos que compõe o seu jornal, sendo um dos principais o que seria o mais famoso dos seus escritos, a edição de lançamento do jornal *Oitenta e Nove*, defende a ideia de que o sistema republicano entrará em vigor no Brasil em 1889, uma data que possui uma grande simbologia, uma vez que representa o centenário da Revolução Francesa.

---

[265] BOBBIO, 1998, p. 1109.

Os jornais são fontes fundamentais para compreender a política brasileira oitocentista, em razão de suas páginas apresentarem o dia a dia dos acontecimentos mundiais, nacionais e regionais, além das inúmeras disputas políticas, no entanto, essa imprensa não deve ser analisada a partir de nichos independentes, uma vez que acontecimentos de ordem global, tem a capacidade de influenciar a dinâmica política nacional e, por conseguinte, a local, uma vez que estão intimamente interligados.

Sílvia Carla Pereira de Brito Fonseca aponta que uma das estratégias utilizadas para dar maior visibilidade ao ideário republicano consistia nas transcrições realizadas de outros jornais, buscando demonstrar ao público leitor a expansão dessas ideias: "Entre os inúmeros recursos para amparar princípios republicanos, o mais frequente era a transcrição de artigos de outro periódico"[266]. Nesse sentido, em ambos os periódicos de David Caldas pode-se perceber esse processo de transcrição de textos de outros periódicos, sejam eles periódicos de cunho liberal, conservador ou republicando, tendo diferentes interesses nessas transcrições, as quais algumas vezes objetivava responder a críticas que lhe foram direcionadas naquele texto, para realizar críticas às ideias defendidas nos textos transcritos ou para reafirmar a ideia ali presente. Dentre os textos transcritos estão os de caráter republicano, pertencentes majoritariamente a outras províncias, se relacionando com uma rede republicana existente no país.

Uma das práticas em que se pode visualizar essa conexão são as replicações de textos de um jornal por outros jornais, o que, como já foi explicado anteriormente, relacionam-se com diferentes necessidades, das quais podem ser citadas a necessidade de informar o público das mais remotas localidades o que acontecia em todo mundo, ou nas diferentes regiões do vasto território brasileiro. Uma outra motivação dessa forte conexão, é a força das ideias, pois os indivíduos que compartilham de uma mesma ideologia sentem a necessidade de agrupar-se, mesmo que seja por meio de compartilhamento de textos e visões de mundo, como uma forma de reafirmar aquilo em que acreditam. Por conseguinte, pode-se citar uma explicação de ordem contrária a apontada anteriormente, a necessidade de publicar em textos de opositores políticos, como uma forma de criticá-los, respondendo a tais textos, ridicularizando as ideias que lhe são contrárias. Desse modo, independente da intencionalidade e necessidade de tais conexões estabelecidas pela imprensa, é necessário analisá-la em uma perspectiva conjunta, buscando compreender as redes de influência estabelecidas por elas.

---

[266] FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. O conceito de República nos primeiros anos do Império: a semântica histórica como um campo de investigação das ideias políticas. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 323-350, jan./dez. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1983-201X.6405. Acesso em: 17 abr. 2024. p. 338.

Apesar do recorte temporal da pesquisa estabelecer-se a partir do final da década de 1860 até a metade da década de 1870, é essencial a compreensão de que, os acontecimentos que desenvolvem-se nesse período, estão intimamente ligados a movimentos que ocorreram em momentos anteriores, como a revolução de 1848, responsável por alicerçar muitas das ideias discutidas na temporalidade que a pesquisa é estabelecida, porquanto possuía uma perspectiva de influência global, como indicado por Eric Hobsbawm:

> 1848 foi a primeira revolução potencialmente global, cuja influência direta pode ser detectada na insurreição de 1848 em Pernambuco (Brasil) e poucos anos depois na remota Colômbia. Num certo sentido, foi um paradigma de um tipo de revolução mundial com o qual, dali em diante, rebeldes poderiam sonhar e que, em raros momentos como no após- guerra das duas conflagrações mundiais, eles pensaram em poder reconhecer[267].

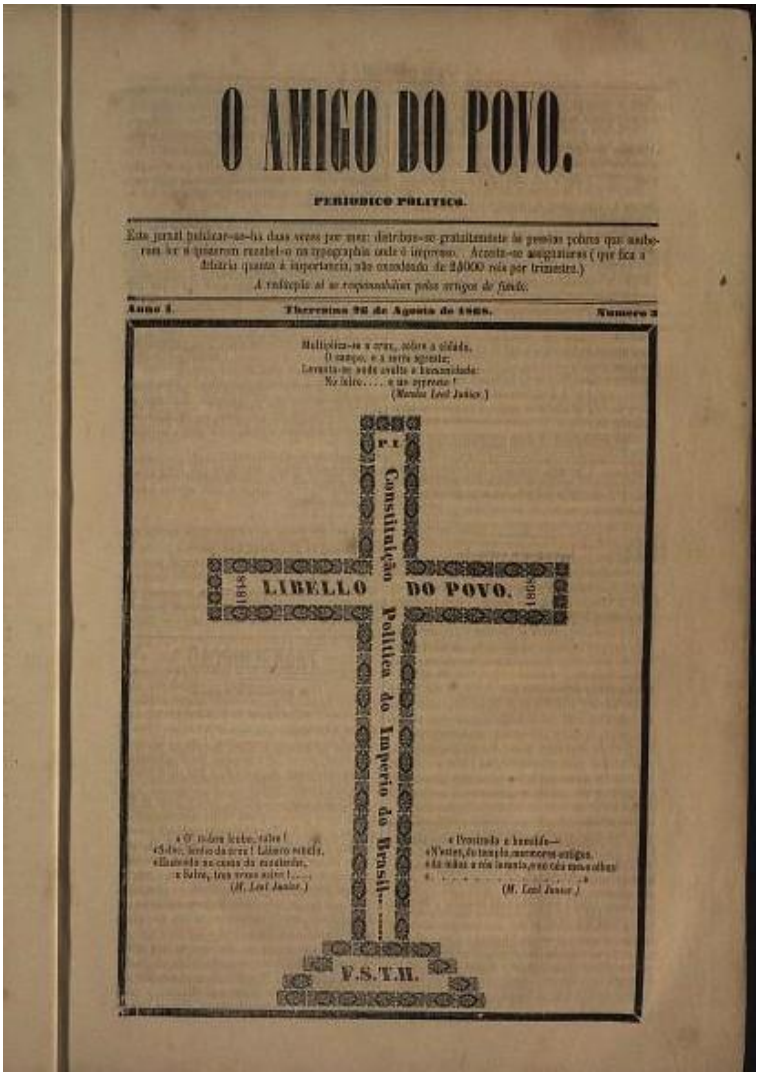
Como indicado na citação anterior os movimentos revolucionários que tiveram início na França em 1848, expandiram-se por todo o mundo, promovendo movimentos e rebeliões que se alicerçavam nos ideais emanados dos franceses. No Brasil, uma das rebeliões embasadas no movimento político francês foi a Revolução Praieira[268], decorrente das disputas políticas entre liberais e conservadores da elite da província de Pernambuco. Dentre as reinvindicações apresentadas pelo Partido Praieiro – que era um desdobramento do próprio Partido Liberal –, pode-se destacar a liberdade de imprensa, voto livre e universal, extinção do Poder Moderador, implantação do federalismo, dentre outros.

Mesmo com o fim da Revolução Praieira e a derrota dos liberais, essa revolução apresenta uma grande importância no cenário político brasileiro, em função principalmente dos ideais propostos por ela, que permanecem vivos no imaginário das gerações que o sucedem, como pode ser analisado na figura 6, a seguir, que foi retirada do jornal *O Amigo do Povo*, nela pode-se perceber uma associação entre a Revolução de 1848 com os acontecimentos de julho de 1868:

---

[267] HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções*: Europa, 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. p. 127.

[268] Conflito político ocorrido em Pernambuco, tendo início a partir da cisão interna ocorrida em 1842 no Partido Liberal desta província, quando um grupo de deputados romperam com as lideranças oficiais, surgindo a divisão Partido Nacional de Pernambuco e o Partido da Praia, levando os tradicionais agregados do Partido Liberal, votaram junto aos conservadores. É um movimento que exemplifica a luta pelo poder local. Cf.: MARSON, Izabel Andrade. *Movimento Praieiro:* imprensa, ideologia e poder político. São Paulo: Moderna, 1980. p. 105.


O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Este jornal publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente as pessoas pobres que assim o requerem ou mandem-n'o ao typographo onde o imprimo. Acceita-se assignaturas (que fica a arbitrio quanto á importancia, não excedendo de 2$000 réis por trimestre.)

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno 1. Therezina 26 de Agosto de 1868. Numero 3

Multiplica-se a cruz, sobre a cidade,
O campo, e a serra agreste;
Levanta-se onde avulta a humanidade:
No Calvario.... e ao supremo!
(Meneles Leal Junior.)

P. I.

Constituição Politica do Imperio do Brasil.

LIBELLO DO POVO.

1824 1868

V.S.T.H.

Figura 6: jornal *O Amigo do Povo* (1868). Fonte: O AMIGO DO POVO. Teresina, n. 3, 26 ago. 1868.

A imagem anterior estampou da capa a página principal do jornal *O Amigo do Povo*, traz algumas referências que as quais devem atentar-se, dentre elas pode-se perceber a cruz na qual estão escritas *O Libelo do Povo* e *Constituição Política do Império do Brasil*. O Libelo do Povo, escrito por Torres Homem[269]. Este usava o pseudônimo de Timandro, possuía um caráter panfletário e foi usado como forma de demostrar suas indignações para com os conservadores e a política imperial.

[269] Francisco de Sales Torres Homem nasceu em 29 de janeiro de 1812, filho de um padre e de uma mulher negra, foi uma figura importante do império brasileiro, haja vista que durante a regência e do golpe da maioridade até a instauração do gabinete de Conciliação endossou os anseios liberais, posteriormente, junto ao Marquês de Paraná, procurou reunir os grupos rivais em um governo de coalisão, tornando-se conservador nos últimos anos de sua vida. Cf.: SOUZA, Vinícius de. Imprensa e formação da identidade nacional brasileira: um estudo dos textos de Francisco de Sales Torres Homem nas Regências e no início do Segundo Reinado (1832-1849). Disponível em: https://www.seo.org.br/images/Vinicius_de_Souza.pdf. Acesso em: 25 nov. 2023.

> Em 29 de setembro de 1848, a causa constitucional sofreu em nossa pátria um novo Eclipse. Alucinada pelo mais vil dos sentimentos, a corte fechou repentinamente os olhos ao fúnebre clarão, que espargia nossa história recente... Aí regressão ao poder os representantes de um passado de amarguradas lembranças[270].

Em seguida, pode-se analisar a crítica a constituição do império brasileiro, realizado por David Moreira Caldas. Na mesma edição do jornal, é publicado um texto intitulado *Uma pura verdade* que cita o jornal *Opinião Liberal*, concordando com uma afirmação que o referido periódico havia feito em uma publicação:

> O ódio de D. Pedro II contra os liberais é um ódio profundo, implacável. O imperador perdoa ao homem audaz que revolveu desapiedadamente as cinzas da sua ilustre prosódia, mas não perdoará, nunca o partido para quem Timandro escreveu o "Libelo do Povo!"[271]

O texto faz referência ao fato de que após o fim da Revolução Praieira, Torres Homem recuperou em partes seu prestígio frente ao império, no entanto, o partido e as ideias defendidos naquele movimento são execradas pelo império brasileiro. Em sequência, a mesma edição apresenta o dia 16 de julho de 1868, como sendo uma data que o Brasil, na opinião do jornalista, sofreu dois grandes golpes, o primeiro no contexto da guerra do Paraguai, que tem como principal personagem Caxias e em âmbito interno, ele aponta a subida dos conservadores ao poder.

A análise do jornal *O Amigo do Povo* permite compreender a comunicação que esse jornal estabelecia com outros periódicos das províncias brasileiras, já que David Caldas agradece pelos envios de jornais, como pode ser analisado no trecho retirado do jornal.

> Delicadeza - agradecemos a dos ilustres redatores da *Opinião Nacional*, *Correio Noticioso*, *Opinião Liberal*, *Tribuno*, *Partido Liberal*, *Democrata Pernambucano*, *Popular*, *Apreciável*, e a dos distintos ex-redatores do *Fórum*, *Semanário Maranhense* e *Liberal do Ceará* – que tem dignado trocar conosco seus interessantes jornais[272].

A pesquisa em torno dos periódicos citados por David Caldas permite compreender que no final da década de 1860, o jornalista exercia uma maior conexão com jornais de cunho liberal, com os quais estabelecia trocas de periódicos, publicando escritos deles. No entanto, essa não era uma via de mão única, em virtude de alguns dos jornais citados por David Caldas também publicaram seus textos.

---

[270] TIMANDRO. *O Libelo do Povo*. Lisboa: Tipografia da Nação, 1868. p. 5.
[271] CALDAS, David Moreira. Uma pura verdade. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 3, p. 2, 26 ago. 1868.
[272] CALDAS, David Moreira. Parte Noticiosa. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 3, p. 2, 26 out. 1868.

> Outrossim, ficamos sumamente penhorados ao muito ilustrado redator da Opinião Nacional, pela menção honrosa que se dignou fazer de nosso pequeno periódico, naquele importante órgão da imprensa liberal do Império. Por via de regra, as redações de 1ª ordem são orgulhosas, e costumam desdenhar os jornais de pequeno formato, como é o nosso. Entretanto, a Opinião Nacional é uma nobre exceção daquela classe, fraternizando com humildes escritores como nós[273].

O período da Conciliação inaugurado em 1853 e se estendendo até meados de 1868, estratégia que visava equilibrar as ações políticas dos dois principais partidos do cenário político brasileiro, Liberal e Conservador, houve uma progressiva mudança na imprensa, pois antes desse período assiste-se à propagação de uma imprensa de caráter mais radicalizado, com periódicos de tom crítico ao Império brasileiro e muitos deles influenciados pelo republicanismo.

A queda do gabinete de Zacarias de Góis e Vasconcelos[274] inicia um novo momento na política brasileira, marcado principalmente por ressentimentos políticos, o que afeta diretamente a imprensa produzida, que volta a adquirir um tom mais crítico e radicalizado, culminando em uma maior propagação do ideário republicano, tendo como um dos mais relevantes acontecimentos nesse processo a publicação do Manifesto Republicano em dezembro de 1870, culminando em uma ampliação de uma imprensa republicana por todos o país.

A vida pública brasileira recupera o seu caráter de agitação política e social ao longo dos anos de 1870, levando a um crescimento das inúmeras produções no meio intelectual brasileiro, uma característica que se estendeu até o término do Império brasileiro como forma de governo. Ângela Alonso[275], nesse sentido, aponta que tais produções não devem ser analisadas como obras dotadas de um caráter teórico, mas sim como intervenções de seus autores junto à sociedade a qual pertenciam, principalmente no que diz respeito ao caráter político, haja vista que são resultado de uma cisão intra-elite.

Cada obra produzida é dotada de uma individualidade, sendo errôneo buscar generalizá-las, no entanto, por serem produzidas em um mesmo contexto histórico, possuem questões políticas e sociais que as alicerçam, tendo centralidade temas como o trabalho e as reformas das

---

[273] CALDAS, 28 out. 1868, p. 2.

[274] Nasceu em 1815 na cidade do Rio de Janeiro, foi advogado e político brasileiro, associou-se ao Partido conservador em 1840, iniciando sua carreira na política exercendo o cargo de deputado provincial da Bahia. Em 1845 foi indicado para o cargo de presidente da província do Piauí e em 1848 para presidente da província de Sergipe. Ocupou importantes cargos nos gabinetes imperiais sendo Ministro da Justiça e do Império.

[275] ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento*: geração de 1870 na crise do Brasil Império. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 166.

instituições políticas, assim: "Apesar das separações doutrinárias e autoproclamadas, há uma unidade de temas, de repertório político intelectual e de sentido político entre os autores da geração de 1870, usualmente classificados como extremos"[276].

O mundo político e intelectual está amplamente conectado, sendo uma característica não apenas do Brasil oitocentista, mas também, nesse período, a separação entre tais esferas ainda estavam processando-se. Voltando-se à realidade brasileira, em que grande parte da população era analfabeta, apenas uma parcela restrita dela tinha acesso ao curso superior, sendo esta mesma parcela responsável por exercer inúmeros cargos na vida política e administrativa do Brasil, além de atuar na produção de obras literárias e na imprensa, o que torna ainda mais inviável essa separação da esfera política e intelectual.

Alguns conceitos comuns e amplamente compreendidos pela atual sociedade, no século XIX ainda estavam em pleno processo de construção e estabelecimento, como por exemplo o conceito de democracia, utilizado no Manifesto Republicano de 1870, como contrário à monarquia e sinônimo de República. Foi fundamental neste processo de construção e instituição de conceitos das Ciências Sociais, também estabelecida neste século, logo, cabe um olhar atento a conceitos fundamentais como democracia e república, transportando-os para o século XIX, ao devido contexto os quais estavam inseridos.

De acordo com Alonso é errônea percepção de que os conceitos amplamente utilizados por essa geração dos anos de 1870 foram apenas importados do continente europeu pela elite intelectual do império brasileiro, sendo completamente distantes da realidade vivenciada no Brasil, uma vez que tais conceitos foram adaptados à realidade do império, constituindo um forte diálogo com a tradição imperial em vigor, como uma forma de entender essa sociedade, criticá-la e propor mudanças.

> A produção intelectual da geração de 1870 pode ser lida como expressão da crítica dos grupos sociais letrados às instituições, às práticas e aos valores do status quo imperial. Suas obras não são idênticas, mas são estruturalmente assemelhadas[277].

A década de 1870 traz consigo um ambiente fértil para o desenvolvimento de uma geração intelectual, posto que houve um enfraquecimento do domínio saquarema em decorrência principalmente da cisão da elite política e as mudanças socioeconômicas, "fim do tráfico e progressiva constituição de atividades urbanas, intensificadas com as reformas de Rio Branco"[278]. Umas das consequências desse novo momento da política brasileira é o

[276] ALONSO, 2002, p. 170
[277] ALONSO, 2002, p. 166.
[278] ALONSO, 2002, p. 97.

florescimento de uma opinião pública mais atuante, ocorre uma democratização das formas de expressão, ocasionadas pelo fato de "a edição de livros e jornais fora barateada e o acesso à educação superior expandida para além dos limites do estamento senhorial"[279].

Alonso aponta que os membros que compunham esse grupo de intelectuais da década de 1870 não apresentam um perfil hegemônico, pois eram distintos no que se refere ao "acesso a recursos sociais, econômicos e políticos"[280], no entanto, compartilhavam uma caraterística fundamental que funcionava como uma espécie de liga entre esse grupo, que corresponde à marginalização dos mesmos em meio ao domínio saquarema, o que retirava dos membros desse grupo a possibilidade de uma ascensão na vida pública, uma vez que a formação em um curso superior era importante para o crescimento profissional dos bacharéis, no entanto, fazia-se essencial o fator de indicações e apadrinhamentos no setor público, o que tornou-se mais difícil de ser conseguido por aqueles que estavam ligados ao grupo liberal.

O movimento intelectual da geração de 1870, apesar de não ser composto por um grupo homogêneo, é um movimento de elite, em virtude do fato dos membros possuírem uma relevância naquela estrutura social do Brasil imperial, pois tinham acesso à imprensa e contato com chefes políticos, "de um ponto de vista microssociológico, os grupos eram também uma teia de relações pessoais"[281]. Essas relações também podem ser analisadas no contexto político do Piauí, onde havia na estrutura social, grupos bem estabelecidos de liberais e conservadores, uma concepção e posicionamento políticos que normalmente eram passados em um âmbito familiar de geração a geração, relações de cunho político que também possuíam poder de gerar sociabilidades e amizades, o que foi analisado no capítulo anterior em que foi abordado a relação de David Caldas com o grupo político dos liberais.

A imprensa republicana em solo piauiense esteve em grande parte associada à figura de David Caldas com os seus jornais republicanos *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, uma vez que não se percebe no Piauí outros jornais que tenham pretendido levantar a bandeira do ideário republicano na província. No entanto, o republicanismo não esteve restrito apenas a figura de um único indivíduo, em primeiro lugar porque os jornais produzidos por ele possuíam um público leitor, mesmo que este não detenha expressividade numérica, em segundo lugar, porque David Caldas não deve ser percebido como um homem isolado, pois ele possuía uma expressiva comunicação com periódicos republicanos de diversas províncias do Brasil, fato que pode ser percebido por meio da leituras dos seus jornais, principalmente a partir da década de 1870,

[279] ALONSO, 2002, p. 98.
[280] ALONSO, 2002, p. 99.
[281] ALONSO, 2002, p. 102.

quando se intensificam a rede de comunicação entre os periódicos de vertente republicana, o que consistia em um compartilhamento de textos e informações por meio dos jornais, preferencialmente entre aqueles que comungavam dos mesmo ideais.

É importante destacar que o processo de transcrições de textos jornalísticos de outras províncias não fica restrito apenas a fase republicana do periódico *O Amigo do Povo*, ao longo de toda sua existência, pode-se analisar a publicação de notícias e textos de opinião de outros periódicos de diferentes locais do território brasileiro, como uma forma de divulgar informações sobre os acontecimentos do país, mas também como forma de contribuir para a construção de narrativas. Um processo de mão dupla, pois da mesma forma que David Caldas publicava textos externos ao seu jornal, seus textos também eram publicados em outros periódicos, o que pode ser comprovado pelo agradecimento realizado ainda no ano de 1869 no jornal *O Amigo do Povo*, em que agradece a diversos jornais por publicarem seus textos:

> Sumamente nos tem penhorado a bondade das ilustres que se hão dignado a transcrever alguma coisa do nosso pequeno periódico: nossos sinceros agradecimentos pois ao: *Correio Noticioso*, *Cearense*, *Democrata Pernambucano*, *Diário Fluminense*, *Liberal do Maranhão*, *Opinião Liberal*, *Opinião Nacional* e *Reforma Liberal*[282].

É necessária a compreensão de que esse processo de troca de informações entre periódicos era uma prática comum, o que se realizava principalmente a partir da proximidade das ideologias, logo, é perceptível uma constante comunicação entre jornais de cunho liberal, da mesma forma dava-se entre os jornais conservadores e posteriormente os republicanos.

Com a chegada da década de 1870, quando o Brasil assiste a uma proliferação de jornais republicanos, ocorre um processo de comunicação entre tais periódicos, como é indicado por Fonseca "a propósito disso, convém sublinhar o contato permanente entre os redatores de diversas províncias, bem como a remessa e leitura sistemática de diversos periódicos"[283]. Logo, a análise do periódico *O Amigo do Povo*, permite a percepção de um contato estabelecido por esse jornal com uma espécie de rede de periódicos republicanos de diversas províncias e, por conseguinte, do seu redator com demais redatores republicanos.

A partir de 1871, David Caldas passa a ser visto por periódicos republicanos de todo o país como uma referência na defesa e propagação do republicanismo na província do Piauí, assim como periódico *O Amigo do Povo*, passa a ser reconhecido como um periódico republicano na mesma província, o qual teria uma importante atuação junto a causa republicana.

---

[282] O AMIGO do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 2, n. 15, p. 2, 26 fev. 1869.
[283] FONSECA, 2016, p. 76.

> E outro lugar damos um artigo do *O Amigo do Povo*, órgão republicano da província do Piauí, no qual encontramos uma carta que ao redator daquele importante folha dirigiu ao distinto sr. dr. P. R. Soares de Meireles, para o qual olhamos a atenção dos nossos leitores. Fruto da vigorosa inteligência e honrosa tenacidade do sr. David Caldas, *O Amigo do Povo*, vai prestando relevantes serviços a causa do futuro naquela província, onde tanto tem pesado o despotismo do governo atual[284].

O trecho retirado jornal *O Americano* da província de Pernambuco, reconhece o jornalista piauiense e o periódico de sua autoria como um significativo representante do republicanismo em solo piauiense, dado o seu trabalho de jornalista atuado na divulgação e defesa do ideário republicano no Piauí, mas também como um participante ativo no meio político piauiense, principalmente na oposição ao governo vigente.

A referida citação do jornal *O Americano* é antecedida por uma carta que havia sido publicada no jornal *O Amigo do Povo*, que tem a sua autoria associada ao redator do jornal *A República* do Rio de Janeiro, Pedro Soares de Meireles, direcionada a David Caldas, na qual confirma o recebimento do jornal republicano *O Amigo do Povo*, e saúda o jornalista piauiense por seu trabalho em defesa da República.

> Se fora permitida a expressão, e mais um título a justifica, diria que os dignos paulistas tornaram-se os norte-americanos do Brasil. Não é preciso dizer-lhe a política imperial quanto as províncias, tem sido uma letargia a seu alvedrio intermitente, ora continua. Na própria província cuja opinião pretendeis encaminhar (e eu confio no feliz êxito da empresa) encontrais a demonstração a mais viva e mais sensível do que deixo dito[285].

Na carta atribuída ao redator do jornal *A República* do Rio de Janeiro, pode-se perceber um discurso de valorização da imprensa no processo de defesa do ideário republicano, e uma necessidade de cooperação entre as províncias para que ganhe força e seja difundido por todo o país. Logo, nesse contexto, periódicos como *O Amigo do Povo*, tornam-se fundamentais para levar a discussão acerca do ideário republicano para todo o país.

Uma das provas do comprometimento com as ideias republicanos e da importância dos jornais como veículo da disseminação das ideias é que o que se pode analisar no jornal *A República* da província de Recife. Este divulga que aquelas publicações que estavam em sintonia com o programa político do referido jornal seriam publicadas gratuitamente, "as publicações inerentes ao programa da gazeta serão publicadas grátis, as de interesse particular por acordo da redação"[286].

---

[284]MOVIMENTO da imprensa. *O Americano*, Recife, ano 2, n. 15, p. 3, 14 maio 1871.
[285] MOVIMENTO (...), 14 maio 1871, p. 3.
[286] APELO. *A República*, Recife, ano 1, n. 1, p. 1, 29 jan. 1871.

O jornal *A República* de Pernambuco constitui-se como um órgão republicano daquela província, voltado a defesa do ideário republicano e as críticas ao sistema monárquico. A leitura desse jornal permite perceber o empenho de seus redatores em mostrar o sistema republicano como uma forma de governo viável, não apenas em outros lugares do planeta, mas no Brasil, além de apontar as falhas que fazem parte do governo monárquico, como é exposto já no seu primeiro número, "entenderam publicar uma gazeta para discutir-se calma e doutrinariamente as vantagens do governo Republicano e as desvantagens do monárquico"[287].

[287] APELO, 29 jan. 1871, p. 1.



Anno I°. Domingo 29 de Janeiro de 1871 Numero 1.

Assignaturas
Por um anno..... 5$000
Por seis mezes..... 3$000
Para fora da Provincia
Por um anno..... 6$000
Por seis mezes..... 4$000

A REPUBLICA

Publicações
As publicações inherentes ao programma da Gazeta serão publicadas gratis; as de interesse particular por accordo da Redacção.

A Republica è orgão do partido Republicano de Pernambuco: publica-se uma vez por semana aos Domingos.

APPELLO.

Alguns cidadãos convencidos que a unica forma de governo adaptada ao ser humano é a republicana; pois que o homem se eleva pela depuração do cadinho popular Representando conforme seus talentos e virtudes a influencia popular e não pela vontade dos rèis e seus aulicos, que herdam os povos como propriedades, entenderam publicar uma Gazèta para discutir-se calma e doutrinariamente as vantagens do governo Republicano e as desvantagens do monarchico para o que recorrem a todos que quizerem subscrever-se a cinco mil reis por anno, preço de cada assignatuara.

Quando na [illegible] se organisou um partido Republicano e uma Gazèta, que ja se está publicando, Pernambuco que tem em todos os tempos marchado na vanguarda da liberdade não póde ficar estacionario diante do movimento ascendente da verdadeira Liberdade—a Republica contra a qual o governo realista tem derramado tanto sangue, desde o colonial até hoje. O povo Pernambucano não desmentirá as suas glorias passadas: é tempo de mostrar-se digno de honrar as cinzas dos martyres da Liberdade-Padre Pedro Tenorio, Agostinho, Frei Caneca, Lobo da Silveira, Nunes Machado, Pedro Ivo, Joaquim Theotonio Jorge, Padre Roma, Antonio Henrique da Silva etc. etc.

Quando a historia não seja sufficiente para provar quanto barbaro e atroz é o governo dos rèis, basta lembrarmos do actual monstruoso e nunca visto morticinio dos dois povos—Francez e Allemão, do incendio das propriedades e fabricas, da viuvez, orphandade e prostituição do povo Francez, tudo isto pela vontade de dois tyrannos coroados—Napoleão e Guilherme com os seus aulicos e turiferarios!

A REPUBLICA.

Todos os espiritos timoratos dizem ser a Republica impossivel no Brazil; por que ella é essencialmente contraria aos interesses sociaes da humanidade, maxime do povo Brazileiro.

Para justificarem suas falsas allegações dizem, que o povo Brazileiro não está preparado para governar-se [illegible]

systema Republicano, podendo assim imbahir os incautos, e convence-los da inexequibilidade de tal systema.

Pela propagação de ideias tão contrarias á verdade do principio Republicano, quer na forma como na essencia, teem os apostolos da realeza afeiado de tal maneira a Republica que, quando se falla n'um Republicano, é tido como um utopista, louco ou perigoso.

Entretanto, que hoje, muitos Brazileiros conhecem ser isto um manejo propositalmente estudado, para que o principio Republicano não se diffunda por todas as classes da sociedade, por isto que as fileiras do partido Republicano teem augmentado admiravelmente.

A missão dos apostolos de uma idéa, é provar as vantagens resultantes da realisação d'ella; e sendo o anhelo dos verdadeiros anti-realistas discutir doutrinariamente a verdade do principio Republicano e a illusão do governo imperialista, os membros da redacção da *Republica* discutirão calma e prudentemente a rasão de preferirem a Republica ao governo monarchico, para que o povo se convença que, governado pelo systema Republicano, é governado socialmente, ao contrario pelo governo realista, que é o governo do senhor para os escravos.

No regimen Republicano todo o cidadão de talentos e virtudes póde attingir á governação suprema, como chefe do poder executivo; ao passo que no regimen realista só um individuo, com sua familia, tem o exclusivo privilegio de ser eternamente o chefe supremo da nação, herdando seus filhos e netos, o mesmo privilegio.

Este individuo privilegiado para ser effectiva e hereditariamente o chefe supremo do um povo absorve todos os poderes—executivo, legislativo, administractivo, judiciario e dispondo assim da vontade e sorte de todos.

Uma tal centralisação de poderes em um so homem é absurda, como tal inadmissivel no regimen social, onde todos os direitos são correlativos aos associados.

E', pois, evidente que o governo monarchico é a consagração da negação do direito de egualdade perante a lei.

Ninguem negará que uma tal organisação social é anachronica, e por isso mesmo um attentado contra os imprescriptiveis direitos do homem collectivamente organisado.

Vamos mostrar aos descrentes, de bôa ou má fé, da santidade do governo Republicano, principalmente ao povo, que esta forma de governo é a unica capaz de conferir a egualdade dos direitos inherentes ao ser racional e social.

Na Republica, o cidadão virtuoso e instruido nas materias sociaes, só procura conquistar, por actos benemeritos a sympathia popular; por que so d'ella depende sua ascenção aos altos cargos da governança, pois que no regimen Republicano a soberania popular é a força latente do corpo social e que eleva qualquer individuo de merecimento real, e nullifica-o, quando se torne incapaz de satisfazer a commissão que foi encarregada; na monarchia, porém os individuos não necessitam de vastos conhecimentos dos negocios publicos, nem dependem da soberania popular, bastando por actos de humilhação adquirir a estima do monarcha, por que elle é a força motora da machina governamental, d'ella dependendo as nomeações para todos os empregos da magistratura, fasenda, administração, representação, ministros e até a queda do partidoque está gerindo os publicos negocios.

E com effeito, comparando-se a differença que ha do governo monarchico, cujo chefe supremo dispõe á seu bel prazer de todos os destinos do povo, com a Republica que é o governo da soberania popular, a verdadeira e unica potencia que tudo decide, ver-se-ha, que aquelle é o governo da desegualdade social escravidão do povo, e este é o governo livre e o governo do povo pelo povo.

Perguntam os Republicanos aos homens de bôa fé, que não vivem pela mystificação da verdade—qual é dos dois, que se approxima das doutrinas do Evangelho de Jezus Christo?

Aquelle, que reduz o homem á servo, obrigado a trabalhar unicamente para o senhor, ou aquelle que garante o *omnes fratres*—vós todos sois irmãos, pregado por Jezus Christo?

Nenhum espirito puro, nenhum coração sincero preferirá ser governado pelo systema do senhorio, deixando o governo da liberdade, igualdade e fraternidade sociaes. Ja que a mentira não pode prevalecer, ja que as espessas nuvens foram rasgadas para dar passagem a explendente luz da liberdade, illuminando o caminho politico em que todos devemos viajar, para chegarmos ao termo da emancipação humana; ja que o painel horroroso de sangue e depredações não é a bandeira da Republica, é sim o labaro da realeza, todos devemos trabalhar para chegarmos á um glorioso porvir, que só podemos attingir, governativamente fallando, com a organisação deum systema Republicano

Convençam-se todos, que a Republica é o systema onde todas as nobres inspirações e as maravilhosas empresas, tendentes a salvar o povo da tutela de um só homem, acham apoio e redobram-se os esforços para seu ascendente caminhar; entretanto que o governo do privilegio pessoal procura a todo transe suffocar as sublimes concepções dos apostolos da liberdade porque esta é um medonho phantasma de todos os reis e imperadores.

A liberdade, a vida, a honra e todos os direitos sociaes acham sempre abrigo nas instituições Republicanas; ao contrario porém, nas instituições realistas, as leis, obliterando a verdade, o justo e o honesto, sequestram todos os direitos democraticos creando nobrezas ephemeras, distinções absurdas em beneficio da entidade privilegiada—o rei e os seus descendentes.

Definindo assim os dous systemas, cremos ter sobrada razão de preferir-mos a Republica, e negar nosso apoio ao atrophiador systema privilegiado. Como cremos que o povo deve, com o seu valioso concurso, apoiar a edificação da monumentosa obra da regeneração social Brazileira os architectos dessa obra esperam ser auxiliados por todos os homens livres, que estiverem desenganados e cançados de esperar beneficios do systema, que actualmente governa o Brazil.

REALIDADE

Ja não é um sonho o apparecimento d'uma Gazeta politica, cuja honestidade de sua linguagem excederá por certo a expectativa publica.

Ja não é uma utopia a discussão calma e reflectida da supremacia dos principios sociaes, que outr'ora, vazados nos moldes das conveniencias particulares, se lhes dava a forma que convinha á cada genio servil ou ambicioso.

Ja não é um crime n'esta terra da immorredoura memoria de 1817, 1824 e 1848, levantar-se a cabeça, mostrar-se a fronte rugada pelo martyrio e dizer-se ao mundo — eu sou Republicano.

Ja não são os ferros da realeza, os porões dos navios, os canhões e os fuzis que nos embaraçarão na santa e nobre cruzada da Republica, porquanto o proprio Sr. Bragança Junior ja principia a reconhecer-se de sua missão de imperador, invejando a pozição daquelles á quem elle muitas vezes decretara o exterminio pela fome.

Não se magôe o actual imperador do Brazil por ver escapar-se-lhe, todos os dias, de sua corôa de ouro, o brilho vivaz que outr'ora embellecia sua fronte magistral com que dominava o Brazil.

Não se magôe o filho do primeiro imperador do Brazil por ver seu nome amesquinhado na sua propria terra, onde se julgava extremo arbitro dos destinos da nação, sem ter a prudencia de olhar para o futuro que só a Deos pertence.

Não se magôe o defensor perpetuo do Brazil de tomar um dia a alva do condemnado para responder perante á nação a quem trahiu, pelo seu crime de perjuro e de traidor.

Não se magôe o actual imperador do Brazil de ver os degráos de seu throno serem despedaçados todos os dias para obrigal-o a descer e tomar lugar na praça publica, no meio da população furioza, de quem ouvirá o pregão de seus crimes.

Não ha que extremecer agora; é preciso coherencia no modo de acabar.

Tantos Periodicos, tantas Gazetas politicas denunciaram um ponto negro apparecido no horizonte do Brazil, e o actual imperador, como que zombando dos homens, escarnecia de suas idéas; o certo é, que apezar das mais violentas compressões, o progresso marcha sempre na vanguarda dos exercitos do imperador.

Nada disso valeu á regia cabeça, que esquecida das scenas tragicas da historia, folgava de comprimir os homens prendendo-lhes os pulsos com as algemas da escravidão.

Tudo foi a belprazer do Sr. D. Pedro II: seus ministros ornados de fardas bordadas, dispondo dos cofres publicos á feição, ouviam clamar a opi-

Figura 7: Jornal *A República* (1871). Fonte: A REPÚBLICA. Recife, ano 1, n. 1, p. 1, 29 jan. 1871.

O texto inicial do jornal aponta ideias que normalmente são atribuídas por adversários políticos aos republicanos. Pode-se citar a de que todo republicano é visto pela sociedade como

um "utopista, louco ou perigoso"[288], tais construções em torno da ideia do que seria um republicano não se apresentam ao acaso, esses imaginários eram construídos propositalmente como forma de descredibilizar o ideal defendido por tais políticos, tentando fazer com que este ideal perdesse força no processo de difusão dentro da sociedade, em todas as classes que a compõe.

O jornal *A República* aponta em seus textos a necessidade de uma união entre os republicanos, diante da necessidade de disseminar por todas as classes o republicanismo, como pode ser observado na citação a seguir:

> Não estando ainda difundido o princípio republicano por todas as classes da sociedade, é preciso, que os seus propagadores unam-se indissoluvelmente até o dia da realização de um governo republicano e do esquecimento completo dos princípios monárquicos[289].

O crescente fortalecimento do ideário republicano a partir da década de 1870 pode ser percebido principalmente no âmbito da imprensa, uma vez que se pode notar a partir dessa década um aumento substancial do número de periódicos de cunho republicano em grande parte das províncias do país, periódicos que não se apresentavam isolados em suas respectivas províncias nas quais eram desenvolvidos, mas ao contrário disso, os jornalistas e suas produções apresentavam-se conectados.

A confluência desses jornalistas podia ser visualizada pela forma similar com que defendiam seus ideais, seguindo normalmente uma estruturação comum, a saber, faziam uma forte oposição a forma de governo monárquico, apontavam os principais problemas enfrentados no país culpabilizando o governo imperial por esses problemas, apresentando a República como a única forma de governo possível para a superação destes.

Assim, pode-se perceber uma ampla utilização de um modelo comparativo entre Monarquia e República, colocando a última em condição de superioridade em relação a primeira forma de governo. Um outro indicativo da confluência dos ideais entre os jornalistas republicanos por todo Brasil, era o constante contato que estabeleciam entre seus periódicos, o que se dava por meio do compartilhamento de textos entre os periódicos republicanos, como forma de divulgação da ideia defendida, ampliação das discussões em torno do republicanismo nas diferentes porções territoriais brasileiras.

---

[288] APELO, 29 jan. 1871, p. 1.
[289] APELO, 29 jan. 1871, p. 1.

4.3 A imprensa entre o público e o privado

A palavra república é constantemente encontrada nos jornais piauienses no período analisado (1868- 1875), seja referindo-se a um republicanismo no território brasileiro que passava por um processo de expansão desde a publicação do Manifesto Republicano em 1870, seja ao noticiar acontecimentos de todo o mundo.

A imprensa foi um importante instrumento da vida pública, haja vista que eram nos jornais que muitas das contendas políticas entre os homens públicos eram realizadas, logo, assuntos de cunho político, partidário e questões sociais estavam presente em grande parte dos periódicos nacionais. O Piauí esteve em consonância com o processo anteriormente citado, uma vez que são diversos os periódicos que circularam na província piauiense ao longo do século XIX, principalmente, a partir da segunda metade do referido século, pois passaram a associar-se aos partidos políticos, servindo muitas vezes como representantes destes, como é o caso do jornal *A Imprensa*, baluarte das ideias e do Partido Liberal piauiense, e *O Piauí* principal representante do Partido Conservador na mesma província, dentre outros.

No entanto, os jornais não ficavam presos apenas as questões de natureza pública e ideológicas, eles também foram amplamente usados para a divulgação de informações privadas da vida desses homens públicos, muitas vezes como forma de ridicularizar pensamentos e posicionamentos políticos nesta sociedade.

David Caldas, é uma figura associada ao republicanismo na província do Piauí, sendo um dos principais e únicos nomes nessa província a levantar essa bandeira política e ideológica. No entanto, durante grande parte de sua vida esteve ligado ao grupo dos liberais desta província. Logo, para entender essa figura histórica é necessário situá-lo em meio as teias políticas do Piauí oitocentista, as quais atravessavam amplamente as esferas do público e do privado, confundindo-as muitas vezes nas construções narrativas apresentadas no debate da imprensa.

> Se não houve o que foi lá buscar o Sr. David e em que caráter fez parte do séquito que acompanhou do Sr. coronel Osório, que no outro dia ou nesse mesmo assumiu as rédeas do governo da província!!!!!! Pois a república deve andar metida nessas coisas de El-rei nosso Senhor?!!!cada qual moralize este caso como quiser e digam: 'Os sábios da escritura! Que segredos esses da república'. E quanto ao mais deixem falar o Faustino. K! K! K![290]

[290] VIVA a República. *A Pátria*, Teresina, ano 2, n. 95, p. 3, 20 mar. 1872.

A citação foi publicada no jornal conservador *A Pátria*, referindo-se à posse do coronel José Francisco de Miranda Osório[291] como vice-presidente da província do Piauí, um homem intimamente ligado ao Partido Liberal. No ano de 1872, quando o texto é divulgado, David Caldas já havia publicamente se distanciado do Partido Liberal em prol da defesa do ideário republicano, como já foi relatado anteriormente, sua presença em atos públicos ao lado dos liberais mostra a proximidade que ele ainda possuía com o grupo político, o que será usado como munição por seus adversários, que usavam constantemente a palavra "hipócrita" para designá-lo.

David Caldas, além de ter pertencido a imprensa liberal, sendo um dos mais destacados redatores do periódico liberal *A Imprensa*, e ter pertencido ao Partido Liberal, tendo sido eleito para o cargo de deputado pelo mesmo partido, também desenvolveu uma carreira em outros setores públicos, sendo a sua nomeação para tais cargos questionados por seus opositores, dentre os espaços em que David Caldas trabalhou nesta província, pode destacar-se a sua atuação Companhia de navegação do Rio Parnaíba, o qual foi nomeado para o cargo de escriturário na referida companhia, possuindo por presidente o liberal e amigo de David Moreira Caldas coronel José de Araújo, uma nomeação muito explorada na imprensa por jornais d conservadores como *O Piauí*, o qual publica um texto apontando que a nomeação foi indevida, que prejudicava as finanças da companhia e que só teria acontecido dado a relação pessoal estabelecida entre o presidente da companhia e David Caldas.

> Que s. s. empregasse o Sr. Tavares da Costa no comando do *Piauhy* e o Sr. Dr. Freitas (!) interinamente na Gerência, podia se lhe passar as mãos pela cabeça; mas nomear seu compadre Grilo, e seu mimoso David Caldas para aqueles lugares, com um aumento de despesa de 700$000 réis, isto é uma escândalo, que prejudica altamente aos interesses de tantas pessoas, que têm os seus capitais empregados nessa companhia, que longe de ser útil ao progresso da província, serve somente para acomodar afilhados do Sr. J. de Araújo, que dela dispõe é seu talante, e como coisa de sua propriedade[292].

O texto publicado no jornal *O Piauí*, assinado por "um acionista", relata as irregularidades nas duas contratações, apontando que os cargos aos quais ambos foram

[291] Nasceu em Oeiras em 19 de março de 1800, sendo filho do capitão Francisco Xavier de Miranda Machado e de Maria Bárbara da Anunciação. Apresentava um grande interesse pela vida comercial, no entanto também esteve ligado a vida política da província, participou da Batalha do Jenipapo em 13 de março de 1823. Foi nomeado comandante superior da Guarda Nacional do Município de Parnaíba, condecorado com a insígnia Oficial da Ordem da Rosa, dentre outras condecorações, um dos principais nomes do Partido Liberal na Província do Piauí. Cf.: CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. *Obra Completa*. 2. ed. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013. p. 455.
[292] PUBLICAÇÕES gerais. *O Piauí*, Teresina, ano 2, n. 64, p. 3, 27 fev. 1869.

nomeados, antes eram cargos cumulativos, realizado apenas por uma pessoa que recebia a gratificação de 500 réis, mas que passaram a ser divididos e exercidos por dois funcionários, que recebiam 600 réis anuais cada um, uma mudança que segundo o texto não levou em consideração as necessidades da companhia, mas sim as necessidades pessoais do seu presidente àqueles que são descritos como "afilhados" deste.

A nomeação de David Caldas a esse cargo é usada pelo periódico conservador como uma forma de mostrar as suas incoerências na vida política, o qual é apontado como um liberal republicano, acusando-o de se tornar republicano como uma consequência da sua exoneração do cargo que ocupava na secretaria da presidência, mas que antes do referido fato participava da Liga Progressista.

> O que fica dito não prova, ou conheço, a frequência ou exato cumprimento das obrigações relativas ao lugar que ocupa o Sr. David Caldas, mas justifica, como disse, o seu não comparecimento, e justificado isso está o cujo referido David com o seu direito salvo para poder meter-se nos cobres, que é o que o faz ser tão republicano, como todo mundo sabe. Sim, ele, quando, no tempo da saudosa liga, estava empregado, era cortesão, ligueiro progressista, constitucional & logo, porém que foi exonerado do cargo que ocupava na secretaria da presidência, transformou-se em republicano azedo e insuportável[293].

O jornal conservador *A Pátria* também participou ativamente dos ataques realizados a David Caldas, seguindo um padrão muito próximo ao do *O Piauí* em que a crítica não fica apenas no âmbito público, mas afeta as relações privadas, apresentando discursos que geram questionamentos sobre o posicionamento político de David Caldas, duvidando do seu republicanismo.

> Fique sabendo o redator do *O Amigo do Povo* que o honrado sr. tenente coronel João Antônio Rodrigues sempre foi liberal e que ainda é chefe desse partido neste município, mas é liberal por convicção e princípios, é liberal firme em suas crenças e não desses liberais dos cofres do governo como por aí há muitos...O honrado sr. tenente-coronel João Antônio Rodrigues ainda não fez a figura, que em política tem feito o redator do *O Amigo do Povo*, que quando morou nesta vila era conservador mais tarde (no tempo do falado processo quilograma) liberal e hoje não sei se republicano ou o que...[294]

O destaque de David Caldas como um jornalista político inicia-se a partir da sua atuação no periódico liberal *A imprensa*, uma atuação que está diretamente ligada a necessidade de combater no campo da imprensa os ideais conservadores na província do Piauí, haja vista que possuía como um dos seus principais enfrentamentos políticos o jornal *O Piauí*, mais

[293] PUBLICAÇÕES gerais. *O Piauí*, Teresina, ano 3, n. 124, p. 4, 12 mar. 1870.
[294] PUBLICAÇÕES gerais. *O Piauí*, Teresina, ano 3, n. 126, 20 ago. 1870.

especificamente o jornalista conservador Dr. Antônio Coelho Rodrigues, como é indicado pelo próprio David Caldas em um texto publicado no jornal *A Imprensa*:

> Quando, em maio do ano passado, o sr. Dr. Coelho Rodrigues criou o jornal *O Piauí* tive de combatê-lo na Imprensa, datando daí o meu aparecimento nas lides do jornalismo político, comecei por artigos de colaboração, até que cheguei a ser redator e mesmo principal redator (de 4 de julho a 5 setembro deste ano), graças a benevolência dos distintos chefes do meu partido[295].

Após abordar a situação vivida por ele em 1863, na qual chegou mesmo a dar vivas ao imperador, o jornalista faz uma reflexão sobre a sua visão política naquele período vivido pelo Brasil, abordando principalmente a política de conciliação:

> Hoje reconheço uma triste verdade: a conciliação e a liga fizeram um grande mal às verdadeiras ideias liberais. Experiente como me acho afirmo pois que o democrata não deixará jamais o seu posto de honra. E como o partido liberal seja aquele que representa no país, mais ou menos, as ideias democráticas, hei de fazer parte dele, de um modo bem saliente, até que um dia, extintas as divergências, robustecida a fé e consolidada a crença, possamos reunidos arvorar um só estandarte glorioso, o da república federativa[296].

Diante disso, por meio do texto escrito por David Caldas, ainda em novembro de 1868, o jornalista, que possuía uma atuação na imprensa liberal da província, já defendia e idealizava um projeto republicano.

As narrativas de jornais conservadores acerca do sistema político republicano normalmente são construídas a partir de uma estrutura na qual usam-se como exemplos as mais famosas repúblicas do mundo, como a França e Estados Unidos e apontam os problemas que tais países apresentam, associando esses problemas ao governo republicano que vigora nesses países, um dos principais problemas apresentados seria o preconceito racial, como indicado no seguinte trecho: "Nos Estados Unidos, república liberalíssima, os pretos não andam pela calçada"[297].

> Quem com acerto puder
> A pergunta responder,
> Com franqueza me procure
> Para um doce receber.
> Eu moro nesta cidade
> Ocupado em rabiscar
> Imundas descomposturas
> Para empregos ganhar.
> Quando era oficial
> De certa secretaria
> Era amigo muito leal
> Do monarca e monarquia.

---

[295] CALDAS, David Moreira. Ao público. *A Imprensa*, Teresina, ano 4, n. 172, p. 1, 7 nov. 1868.
[296] CALDAS, 7 nov. 1868, p. 1.
[297] O PIAUÍ. *O Piauí*, Teresina, ano 3, n. 96, p. 3, 10 ago. 1869.

> Depois que fui demitido,
> E que fiquei sem dinheiro,
> Tornei-me amigo do povo,
> Fingi-me republiqueiro.
> Assim pois é o dinheiro
> O que quero conseguir
> Feito isso adeus república
> Minha pena vai dormir.
> David, 1870 março[298].

O texto anterior enquadra-se em uma estratégia muito comum na imprensa oitocentista, na qual utiliza-se o espaço dos jornais para atacar seus adversários políticos. No caso dos adversários políticos de David Caldas, tornam-se comuns críticas voltadas a dois aspectos de sua vida, o primeiro é a relação próxima que ele manteve ao longo de grande parte de sua vida com os liberais, mesmo quando já se declarava como republicano. O segundo aspecto apontado por seus críticos está diretamente relacionado à sua defesa do republicanismo, buscando mostrar suas incongruências políticas.

O texto foi escrito no ano de 1870, quando se encontrava na presidência da província Sr. Dr. Luiz Antônio Vieira da Silva, o qual estava ligado ao grupo dos liberais, gerando consequentemente uma insatisfação do grupo político conservador, o que pode ser visualizado no trecho abaixo:

> A província do Piauí faz atualmente uma verdadeira exceção na política do país, quando em todo o império predomina a benéfica situação entusiasticamente inaugurada pelo gabinete de 16 de julho, no Piauí surgem os ominosos e terríveis da Liga e Progresso[299].

David Caldas tem a sua trajetória junto ao Partido Liberal associada a interesses de ordem econômica, ao invés de uma crença política, como pode ser analisado no texto escrito por João José Pinheiro, em um contexto da prisão do alferes José Fernando Alves na cidade de Barras por ter deferido injúrias. Diante da prisão do referido alferes, David Caldas publica em seu jornal um texto que apontava as irregularidades dessa prisão, logo, o texto publicado pelo jornal *A Pátria*, é uma resposta direta a David Caldas, apontando que ele, diferente do tenente coronel João Antônio Rodrigues – que era um liberal –, seria apenas um liberal de "cofres do governo", como é evidenciado no excerto:

> Fique sabendo o redator do *O Amigo do Povo* que o honrado sr. tenente coronel João Antônio Rodrigues sempre foi liberal e que ainda é chefe desse partido neste município, mas é liberal por convicção e princípios, é liberal firme em suas crenças e não desses liberais dos cofres do governo como por aí há muitos... O honrado sr. tenente-coronel João Antônio Rodrigues ainda

[298] PUBLICAÇÕES gerais. *O Piauí*, Teresina, ano 3, n. 125, p. 2, 19 mar. 1870.
[299] PUBLICAÇÕES..., 19 mar. 1870, p. 2.

> não fez a figura, que em política tem feito o redator do Amigo do Povo, que quando morou nesta vila era conservador mais tarde (no tempo do falado processo quilograma) liberal e hoje não sei se republicano ou o que...[300]

Dessa forma, no texto de João José Pinheiro, pode-se perceber os diferentes momentos da vida política de David Moreira Caldas, apontando-o como um conservador quando ainda morava em Barras, lugar onde nasceu, posteriormente sua atuação junto aos liberais e posteriormente, sua atuação na província do Piauí como republicano. É perceptível que essa trajetória política apontada por João José Pinheiro como sendo a percorrida por David Caldas é apresentada como uma forma de lhe tirar credibilidade na vida pública, pois, percebe-se o intento de mostrar aos leitores uma superficialidade das ideias defendidas por David Caldas, os quais, segundo ele, estaria bem mais ligado a interesses pessoais do que crenças verdadeiramente políticas.

É comum a utilização por seus adversários políticos do termo "inimigo do povo", como forma de paródia ao nome jornal de cunho republicano de David Moreira Caldas que recebe o nome de "O Amigo do Povo", a paródia realizada usando-se o nome do jornal visa a crítica a figura de David Caldas, mas também do seu jornal, apontando ao público uma percepção política completamente oposta ao projeto do periódico idealizado por David Caldas, como é apontado no trecho a seguir:

> O inimigo do Povo de 15 do corrente tratando a respeito do que diz o jornal Paiz nº 13 de 20 do mês passado, acerca da subtração de quatro cartas registradas com valores no correio desta província e que foram remetidas para o Maranhão em 14 de dezembro do ano pretérito em conclusão diz seu republicano redator que por sua parte não deseja ter indefinidamente suspenso o seu juízo a semelhante respeito e avalia que o mesmo ocorreu a outras muitas, principalmente aqueles que costumam registrar cartas com valores declarados[301].

O trecho diz respeito ao desaparecimento de quatro cartas que continham um determinando valor em seu interior nos correios, acontecimento que foi apresentado por David Caldas em seus jornais, que denuncia o desaparecimento de cartas contendo dinheiro não ficou restrito apenas a essa ocasião, mas que seria um fato recorrente nos correios.

O texto do jornal *A Pátria*, assinado por um pseudônimo "geógrafo", não apenas exige que David Caldas apresente provas claras acerca da denúncia realizada por ele, mas também, levanta acusações de cunho pessoal envolvendo o desaparecimento de outras cartas nos anos de 1868 e 1869, a David Caldas, como ler-se no trecho a seguir:

---

[300] PUBLICAÇÕES gerais. *A Pátria*, Teresina, ano 1, n. 14, p. 2, 29 ago. 1870.
[301] PUBLICAÇÕES gerais. *A Pátria*, Teresina, ano 2, n. 93, p. 3, 29 fev. 1872.

> Não sabe S.S que foram subtraídas seis cartas registradas com valor declarados do Sr. capitão Miguel Borges em 1869? O ladrão desta não será o daqueles? S. S em março ou abril de 1868 recebeu uma carta que lhe dirigiu das Barras, José Pires Ferreira, contendo a quantia de 24:000 réis, cuja carta vinha dentro de outra dirigida ao Sr. Dr. Cândido Gil, a qual dizem foi aqui entregue aberta! Por que S. S nunca tratou e de outros muitos fatos dados durante a administração do seu honrado correligionário João Caboclo? Pois a atenção do público para o que acabamos de expender[302].

Infere-se que por meio de uma publicação realizada no jornal *A Imprensa* ainda no ano de 1869, um reconhecimento do jornal *O Amigo do Povo* como um periódico republicano, esse reconhecimento dar-se em meio as críticas que são realizadas a David Caldas, das quais são apontadas uma espécie de desacordo sobre a forma que seria realizada entre o jornal *O Piauí* e o seu principal redator Dr. Antônio Coelho Rodrigues, como pode ser compreendido através da leitura do trecho a seguir:

> Onde a verdade? O sr. Coelho Rodrigues lá no seio designados, na sessão de 15 de setembro, dando um aparte a um sr. Bittencourt que falava, disse o seguinte: 'Lá no Piauí há um agente do conselheiro Paranaguá que é o maior revolucionário que eu tenho visto e entretanto S. Excl. é aqui muito monarquista!' (*O Jornal do Comércio*) de 21 de setembro 1ª folha, 4ª página, coluna 1ª). Deixando de parte a intrigazinha, só própria mesmo do caráter maquinador de seu autor, ouçamos o jornal *O Piauí*, nº 108 de 28 do passado a respeito. Nos conta (talvez por meio de alguma carta furtada!) ter o Sa. Conselheiro Paranaguá escrito aos seus amigos desta capital reprovando semelhante linguagem. *O Piauí* refere-se ao *Amigo do Povo* órgão republicano na província. Deixando de parte o modo lícito porque se escreve da corte para a província, antes de ser conhecido pelos donos das cartas- perguntamos: onde a verdade? No Sr. Coelho Rodrigues, ou no seu *Piauí*?[303]

A leitura dos jornais piauienses permite uma compreensão de como funcionava o processo de apontar quais as orientações políticas através dos arquétipos que estão inseridos em cada uma dessas esferas políticas. Dessa forma, posicionamentos que essas figuras públicas adotavam na vida política cotidiana, promovem, principalmente por seus opositores políticos, questionamentos acerca da concepção política defendida. Um exemplo de como essa dinâmica funcionava na vida pública e na imprensa, pode ser vista por meio de um cortejo promovido pelo presidente da província em homenagem ao aniversário da imperatriz e da constituição, sendo amplamente criticada pelos próprios conservadores no jornal *O Piauí*, o qual aponta que "para uma causa tão pequena não precisava de tanto barulho"[304].

O jornal *A Imprensa* questiona ao órgão conservador a incoerência de os conservadores que se destacavam pela defesa da monarquia, erguer críticas a organização de um cortejo em

[302] PUBLICAÇÕES..., 29 fev. 1872, p. 3.
[303] ONDE a verdade? *A imprensa*, Teresina, ano 5, n. 221, p. 3, 3 nov. 1869.
[304] ONDE..., 3 nov. 1869, p. 3.

comemoração ao aniversário da imperatriz, caracterizando a crítica conservadora sobre o referido caso como "insulsa" e "desajeitada": "Pois que os homens que veem com desabrida gana a um qualquer liberal, que correm as léguas para não ouvir pronunciar-se o nome de algum republicano, são os que consideram coisa pequena o festejo ao natalício da Imperatriz?![305]".

Em seguida, David Caldas apresenta a situação política enfrentada pelos conservadores em 1872, fazendo referência aquela vivenciada pelos liberais em 1868,

> Ontem foram os liberais os sacrificados, hoje é a flor dos conservadores, para aplaudir a Cesar, restam somente a sua guarda pretoriana, compostas de áulicas sem pejo ou de mercenários que fazem o comércio da própria dignidade, metade a vista e a metade a prazo, negociando pelo sistema Figueira de Melo[306].

David Caldas propõe uma espécie de aliança entre aqueles que seriam os imperialistas e os anti-imperialistas, apresentando duas possibilidades, a de triunfar e não triunfar, o jornalista informa os possíveis cenários que poderiam acontecer:

> Se triunfarmos como a Espanha em setembro de 1868, nós americanos, filhos de um novo mundo...devemos ter o bom sendo preciso para não darmos ao mundo o escândalo de andar mendigando entre estranhos, um homem que nos venha governar! Se não trunfarmos, sejamos todos mártires ao lado do dissidente caia o liberal, ao lado do liberal caia o republicano, com o mérito de homens que são dignos da liberdade nesta terra esplendida que nos viu nascer[307].

Logo, é apresentado ao leitor do jornal o que é denominado por ele de cartel, o qual seria o responsável por desafiar os imperialistas, o qual seria composto por:

> Dr. Antônio Coelho Rodrigues; Dr. José Manoel de Freitas; Dr. Demósthenes Constâncio Avelino. Achamos, pois, que, no caso de querermos criar sendo e vergonha, devemos autorizar aos nossos deputados para se reunirem em assembleia constituinte, com poderes amplos, não só para reformar a constituição, como até mesmo para mudar a forma do nosso governo, caso o elemento republicano chegue a formar maioria, está subentendido[308].

O empenho de David Caldas diante desse projeto político pode ser percebido quando ele apresenta em seu texto elogios ao conservador Dr. Antônio Coelho Rodrigues, apontando em um texto posterior na mesma edição, o quanto suas qualidades poderiam ser úteis em tal intento, como pode ser analisado no trecho a seguir: "O Sr. Coelho Rodrigues é um orador notável: tem defeitos, mas seria injustiça negar-lhe qualidades muito aproveitáveis para a tribuna, talento que logo se conhece não vulgar e principalmente em estudo sério"[309].

---

[305] ONDE..., 3 nov. 1869, p. 3.
[306] O AMIGO do povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n. 82, p. 1, 27 jun. 1872.
[307] O AMIGO..., 27 jun. 1872, p. 1.
[308] O AMIGO..., 27 jun. 1872, p. 1.
[309] O AMIGO..., 27 jun. 1872, p. 1.

Os jornais conservadores do Piauí ajudam na construção de uma imagem do jornalista David Caldas como um personagem exaltado, atravessado por suas paixões políticas, no caso, pelo ideário republicano, que estaria disposto a subverter as verdades dos fatos em prol dos seus ideais.

> Bem pode ser que ainda me faça justiça um dia, arrependido do muito que me há ferido injustamente. Continuarei a ser o homem do partido da constituição, para não ser um Marat nascido e devorado pelo cataclismo do *Oitenta e Nove*, procurando uma utopia, isto é, união, fraternidade e igualdade absolutas[310].

A atuação em função da defesa do republicanismo por David Caldas é apresentada por seus adversários conservadores como uma postura dotada de exaltação, um forjado por ideias utópicas, tirando do jornalista a racionalidade diante das ideias por ele defendidas.

Uma marcante representação de como nesta sociedade o público e o privado apresentavam-se intimamente ligados é o enterro de David Caldas, o qual por seus ideais defendidos publicamente passou a ser considerado ateu, mesmo que a leitura de seus jornais não permita essa afirmação, pois nota-se em muitos dos seus escritos a presença de uma religiosidade católica. Assim, em função de ter sido considerado ateu, o mesmo havia sido enterrado fora dos portões do cemitério São José, como é apresentado por Celso Pinheiro "cavaram-lhe um túmulo em frente ao portão principal do cemitério São José."[311] O fato pode ser entendido a partir da compreensão entre a Igreja Católica e o Estado eram instituições conectadas, logo, David Caldas apresentando-se como um inimigo do Estado Imperial brasileiro, por consequência também poderia ser compreendido como inimigo da Igreja.

Logo, percebe-se que a imprensa no Piauí não se figurava apenas no debate de ideias, configurava na verdade um campo mais amplo, onde a vida privada dos homens públicos era exposta por seus adversários como forma de tirar dele a sua credibilidade diante da sociedade. Dessa forma, as incongruências de personagens históricos como David Caldas eram amplamente exploradas por seus opositores, traços da sua vida, de sua família, do seu ciclo de amizade eram usadas com frequência para atacá-lo.

---

[310] AS MINHAS cartas de resposta do sr. David Moreira Caldas publicadas no suplemento do jornal Imprensa 18 corrente. *A Opinião conservadora*, Teresina, n. 4, p. 4, 31 jan. 1874.
[311] PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997, p. 84.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa dedicou-se a analisar a pluralidade das narrativas republicanas na imprensa piauiense entre os anos de 1868 a 1875, um recorte temporal associado principalmente a figura do professor, jornalista e político, David Moreira Caldas, um dos principais republicanos na província do Piauí no período analisado por esta dissertação de mestrado. A produção desta pesquisa explica-se pela necessidade de uma ampliação na compreensão da expansão do republicanismo no Piauí nas décadas que antecederam a Proclamação da República, mostrando de que forma a província piauiense esteve associada a expansão do republicanismo no País, qual sua contribuição neste processo.

O ideário republicano fez-se presente no Brasil ao longo dos séculos, suscitando as mais diferentes compreensões em torno do significado de república, de ser republicano, de projeto republicano para o país. A república, assim como a ideologia liberal e conservadora reverberou principalmente no espaço da imprensa, promovendo muitos debates.

Logo, a dissertação objetivou compreender primordialmente a importância da relação estabelecida entre a esfera política e a imprensa, haja vista que a difusão do republicanismo se deu majoritariamente no campo da imprensa, configurando-se, dessa forma, os jornais como as principais fontes para a compreensão da dinâmica da vida política no Piauí neste período.

Entre os anos de 1868 e 1875 pôde-se perceber uma intensificação das narrativas em torno do ideário republicano, o que poderia ser notado tanto nos jornais favoráveis a este projeto de governo, como *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*, quando em periódicos que lhe faziam oposição, podendo destacar os jornais conservadores *O Piauí* e *A Pátria*, logo, a imprensa piauiense apresentou uma pluralidade de narrativas e um debate em torno desse ideário em meio a sociedade a qual pertenciam.

Percebeu-se que o debate travado no campo da imprensa não se centrava apenas as questões de ordem ideológicas, não se restringia apenas ao campo das ideias, dos posicionamentos públicos, mas abrangiam com frequência a vida privada dos homens públicos, como forma de ataca-lo ou desqualifica-lo diante da sociedade. Assim, constatou-se por meio da análise dos jornais *O Amigo do Povo*, *Oitenta e Nove*, *A Impresa*, *O Piauí* e *A Pátria* o constante uso desta estratégia em suas narrativas.

A pesquisa apresentou a figura histórica David Moreira Caldas como fundamental no processo de defesa e disseminação do republicanismo no Piauí no recorte temporal

estabelecido, uma vez que este empenhou-se na produção de uma imprensa republicana em solo piauiense, voltada a difusão e a propaganda da República na sociedade a qual pertencia, nesse sentido, foi responsável por elaborar os periódicos de cunho republicano *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove.*

David Moreira Caldas foi compreendido não como uma figura isolada na imprensa piauiense, falando a um público de republicanos muito restrito, dada a inexpressividade do republicanismo em solo piauiense no período em que o mesmo atuou. O jornalista piauiense, foi percebido como parte de uma dinâmica mais ampla que passou a intensificar-se a partir de 1870 com o Manifesto Republicano, no qual os jornais republicanos nas mais diversas províncias passaram a forma uma espécie de rede ou teia em que os periódicos e os jornalistas estavam diretamente conectados, compartilhando não apenas textos mais ideias, fortalecendo este ideário na dinâmica política nacional. Assim, percebe-se que o ideário republicano não esteve restrito as fronteiras das províncias, pois a imprensa foi o principal meio não apenas de informação mais um espaço em que se apresentavam defesas de ideias, denúncias, de apoios, de compartilhamento de textos, notando-se uma aproximação entre aqueles que comungavam do republicanismo nos espaços mais distantes do país.

Desta maneira, compreendeu-se que o Piauí se conectou a essa rede de ideias republicanas por meio da atuação de David Moreira Caldas, visto que ele estava em constante contato com republicanos de todo o país, partilhando não apenas ideias, mas as dores e angústias sentidas, compartilhando acontecimentos de cunho local, regional e mundial.

Para compreender a importância de David Caldas, é necessário desvinculá-lo da imagem folclorizada que foi construída ao seu entorno, que está principalmente associada à primeira edição do jornal *Oitenta e Nove*, na qual ele associa a Proclamação da República no Brasil ao ano de 1889, o que verdadeiramente se concretiza. No entanto, para além dessa imagem mítica que se populariza, é necessário entendê-lo como um homem fruto do seu tempo e da sociedade a qual pertenceu, estando ligado à vida política dessa sociedade, usando os jornais como um meio de criticar o que lhe incomodava e defender os seus ideais, sendo o maior deles a República.

David Moreira Caldas destacou-se não apenas em território piauiense, mas no Brasil oitocentista, tendo sido elaborado sobre ele uma vasta narrativa memorialística, tanto em âmbito regional como nacional, sendo entendido como um republicano histórico, em função da sua dedicação na expansão e defesa do ideário republicano.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento*: geração de 1870 na crise do Brasil Império. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ARAÚJO, Johny Santana. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império*: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866). 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

ARAÚJO, Vinícius Leão. *História e Imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875.* Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós- Graduação em História, Teresina, 2013.

ARAÚJO, Vinícius Leão. *Impressos de uma monarquia em abandono: modernização, escravidão e propaganda republicana na imprensa piauiense de 1868 a 1889.* Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em História, Porto Alegre, 2021.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil (1800-1900).* Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARROS, José de D'Assunção. *O jornal como fonte histórica*. Petrópolis: Vozes, 2023.

BERSTEIN, Serge. Partidos políticos. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BETHELL, Leslie. *A abolição do comércio brasileiro de escravos*. Brasília: Senado Federal, 2002.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CARVALHO, José Murilo (org.). *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. São Paulo: Editora 34, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem*: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CARVALHO, José Murilo. *A construção nacional (1830-1889).* Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*: o imaginário da República no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Imprensa e política no Piauí, no período Regencial e início do Segundo Reinado. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita (org.). *Páginas impressas*: história, imprensa e política no Brasil. São Paulo: Mentes Abertas, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discursos das mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. *Obra Completa*. 2. ed. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República:* momentos decisivos. 9. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CUNHA, Higino. David Moreira Caldas. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 20, n. 16, p. 141-151, 1937.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 9-25, jun. 2003.

FERRAZ, Sérgio Eduardo. A dinâmica política do Império: instabilidade, gabinetes e Câmara dos Deputados (1840-1889). *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 25, n. 62, jun. 2017.

FONSECA, Letícia Pedruce. *A construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX*. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. *A ideia de República no Império do Brasil*. Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834) Jundiaí: Paco Editora, 2016.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. O conceito de República nos primeiros anos do Império: a semântica histórica como um campo de investigação das ideias políticas. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 323-350, jan./dez. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1983-201X.6405. Acesso em: 17 abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural do Collège de France, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Rio de Janeiro: Vega, 1992.

FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2012.

GARCEZ, Isaac Gabriel Dias. O progresso liberal: análise das atuações políticas de Deolindo Mendes da Silva Moura e de José Manoel de Freitas na província do Piauí (1850-1860). Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2023.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes do paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções*: Europa, 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de história do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *História geral da civilização brasileira*: do Império a República. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. v. 7.

LECLERC, Gerárd. *Sociologia dos intelectuais*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

LEITE, Renato Lopes. *Republicanos e libertários*: pensadores radicais no Rio de Janeiro (1822). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LUCA, Tânia Regina de. História do, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MARSON, Izabel Andrade. *Movimento Praieiro:* imprensa, ideologia e poder político. São Paulo: Moderna, 1980.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

MOLINA, Matias M. *História dos jornais no Brasil*: da era colonial à regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NEEDELL, Jeffrey D. Formação dos partidos políticos no Brasil da Regência à Conciliação, 1831 – 1857. Almanack Braziliense. São Paulo, n 10, p. 5-22, nov. 2009.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. Liberalismo político no Brasil: ideias, representações e práticas. In: PEIXOTO, Antônio Carlos; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; PRADO, Maria Emília (org.). *O liberalismo no Brasil imperial:* origens, conceitos e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2013.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Da natureza e limites do poder moderador e a memória do conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos. In: VASCONCELOS, Zacarias de Góis e. *Zacarias de Góis e Vasconcelos*. São Paulo: Editora 34, 2002.

PAIVA, Licurgo José Henrique de. *À memória de David Caldas*. Teresina: Tipografia do Oitenta e Nove, 1878.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997.

PRADO, Maria Emília. *Memorial das desigualdades*: os impasses da cidadania no Brasil (1870-1902). Rio de Janeiro: Revan, 2005.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita de. *Educação no Piauí (1880-1930)*. Imperatriz: Ética, 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO, Gladys Sabina. A opinião pública tem sido o molho do pasteleiro. In: CAMPOS, Adriana Pereira; CARVALHO, José Murilo de (org.). *Perspectivas da cidadania no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SANTOS, Dayane Sampaio dos. *A Construção do imaginário republicano no Piauí por meio dos jornais O Amigo do Povo e Oitenta e Nove de David Moreira Caldas (1868-1875)*. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil:* uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e identidade*: as narrativas da piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2008.

SOUZA, Vinícius de. Imprensa e formação da identidade nacional brasileira: um estudo dos textos de Francisco de Sales Torres Homem nas Regências e no início do Segundo Reinado (1832-1849). Disponível em: https://www.seo.org.br/images/Vinicius_de_Souza.pdf. Acesso em: 25 nov. 2023.

WINOCK, Michel. As ideias políticas. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

JORNAIS

AINDA o ministro contrabandista. *A Imprensa*, Teresina, ano 13, n. 514, 17 ago. 1877.

ANÚNCIOS. *O Propagador*, Teresina, ano 1, n. 22, p. 6, 3 jul. 1858.

AO PÚBLICO. *A Imprensa*, Teresina, ano 4, n. 172, p. 2, 7 nov. 1868.

APELO. *A República*, Recife, ano 1, n. 1, p. 1, 29 jan. 1871.

AS MINHAS cartas de resposta do sr. David Moreira Caldas publicadas no suplemento do jornal Imprensa 18 corrente. *A Opinião conservadora*, Teresina, n. 4, p. 4, 31 jan. 1874.

CALDAS, David Moreira. Adesão franca. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 57, p. 1, 15 maio 1871.

CALDAS, David Moreira. Adesões. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 52, p. 4, 28 fev. 1871.

CALDAS, David Moreira. Ao público. *A Imprensa*, Teresina, ano 4, n. 172, p. 1, 7 nov. 1868.

CALDAS, David Moreira. Apontamentos para uma nova ciência. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 29, p. 1, 21 nov. 1874.

CALDAS, David Moreira. Cena bárbara. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 28, p. 3, 20 out. 1869.

CALDAS, David Moreira. Como o rei fala a verdade. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 65, p. 1, 15 set. 1871.

CALDAS, David Moreira. Cosmogonia política. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 4, p. 2, 16 set. 1868.

CALDAS, David Moreira. Duas Palavras sobre a questão Conde d'Aquila. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 22 p. 2, 16 set. 1868.

CALDAS, David Moreira. Elemento servil. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 9, p. 3, 18 nov. 1868.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 50, p. 2, 31 jan. 1871.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 28 jul. 1868.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 3, 30 set. 1868.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 16, p. 1, 14 out. 1869.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 4, p. 4, 16 set. 1868.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 21, p. 1, 10 jul. 1869.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 22, p. 1, 11 set. 1869.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 2, p. 1, 18 ago. 1868.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 23, p. 1, 21 ago. 1869.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 5, n. 88, p. 1, 7 dez. 1872.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 49, p. 1, 16 jan. 1871.

CALDAS, David Moreira. O Amigo do Povo. *O Amigo do Povo*. Teresina, ano 2, n. 34, p. 1, 19 mar. 1870.

CALDAS, David Moreira. O Ferro em Brasa. O *Ferro em Brasa*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 27 ago. 1877.

CALDAS, David Moreira. O império das aranhas e das moscas. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 18, p. 1, 24 abr. 1869.

CALDAS, David Moreira. Oitenta e Nove. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 24, 25 jun. 1874.

CALDAS, David Moreira. Oitenta e Nove. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 1, n. 29, p. 1, 1 fev. 1873.

CALDAS, David Moreira. Oitenta e Nove. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 25, p. 1, 30 jun. 1874.

CALDAS, David Moreira. Oitenta e Nove. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 25, p. 2, 30 jun. 1874.

CALDAS, David Moreira. Parte noticiosa. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 2, n. 34, p. 3, 19 mar. 1870.

CALDAS, David Moreira. Parte noticiosa. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 14, p. 2, 2 fev. 1869.

CALDAS, David Moreira. Parte Noticiosa. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 3, p. 2, 26 out. 1868.

CALDAS, David Moreira. Porque o rei é poderoso. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 16, p. 2, 14 mar. 1869.

CALDAS, David Moreira. Princesa imperial. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 24, p. 3, 25 jun. 1874.

CALDAS, David Moreira. Uma pura verdade. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n. 3, p. 2, 26 ago. 1868.

CALDAS, David Moreira. Vão desaparecendo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 2, n. 45, p. 1, 5 nov. 1870.

CALDAS, David Moreira. Vésperas de Revolução. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 2, n. 40, p. 1, 4 ago. 1870.

CALDAS, David Moreira. Viva a República. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 55, p. 1, 17 abr. 1871.

CALDAS, David. Imprensa republicana. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n. 74, p. 1, 31 jan. 1872.

CALDAS, David. O Amigo do povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n. 73, p. 3, 16 jan. 1872.

COM VISTAS ao Sr. David Moreira Caldas. *A Pátria*, Teresina, ano 2, n. 97, p. 2, 13 abr. 1872.

MANIFESTO Republicano. *O Republicano*, Rio de Janeiro, p. 1, 3 dez. 1870.

MARVÃO e Chicago. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 4, p. 5-6, 11 fev. 1871.

MOVIMENTO da imprensa. *O Americano*, Recife, ano 2, n. 15, p. 3, 14 maio 1871.

NOMEAÇÕES. *A Imprensa*, Teresina, ano 2, n. 59, p. 4, 7 set. 1866.

NOTICIÁRIO. *A Imprensa*, Teresina, ano 8, n. 377, p. 4, 2 abr. 1873.

NOTICIÁRIO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 258, p. 4, 31 mar. 1873.

NOTÍCIAS da Europa. *A Pátria*, Teresina, ano 2, n. 88, p. 3, 13 jan. 1872.

NOTÍCIAS e fatos diversos. *O Propagador*, Teresina, ano 2, n. 72, p. 4, 11 jun. 1859.

O AMIGO do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 2, n. 15, p. 2, 26 fev. 1869.

O AMIGO do Povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n. 82, 27 jun. 1872.

O AMIGO do povo. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n. 82, p. 1, 27 jun. 1872.

O MANIFESTO Liberal. *O Piauí*, Teresina, ano 4, n. 65, p. 4, 18 mar. 1871.

O PIAUÍ. *O Piauí*, Teresina, ano 3, n. 96, p. 3, 10 ago. 1869.

O TYPHIS PERNAMBUCANO. Pernambuco, ano 1, n. 15, p. 1, 15 abr. 1824.

ÓBITO notável. *A Imprensa*, Teresina, ano 13, n. 532, p. 2, 13 fev. 1878.

ONDE a verdade? *A imprensa*, Teresina, ano 5, n. 221, p. 3, 3 nov. 1869.

ONDE foi impresso O Ferro em Brasa e de quem seja esse novo periódico. *A Imprensa*, Teresina, ano 13, n. 517, p. 3, 14 set. 1877.

PALAVRAS dirigidas por David Moreira Caldas ao povo barrense. *Liga e Progresso*, Teresina, ano 2, n. 16, p. 2, 27 mar. 1863.

PALAVRAS. *Liga e Progresso*, Teresina, ano 2, n. 16, p. 2, 27 mar. 1863.

PIAUÍ. *A República*, Recife, ano 1, n. 11, p. 3, 14 de maio 1871.

PUBLICAÇÕES gerais. *A Pátria*, Teresina, ano 1, n. 14, p. 2, 29 ago. 1870.

PUBLICAÇÕES gerais. *A Pátria*, Teresina, ano 2, n. 93, p. 3, 29 fev. 1872.

PUBLICAÇÕES gerais. *O Piauí*, Teresina, ano 2, n. 64, p. 3, 27 fev. 1869.

PUBLICAÇÕES gerais. *O Piauí*, Teresina, ano 3, n. 124, p. 4, 12 mar. 1870.

PUBLICAÇÕES gerais. *O Piauí*, Teresina, ano 3, n. 125, p. 2, 19 mar. 1870.

PUBLICAÇÕES gerais. *O Piauí*, Teresina, ano 3, n. 126, 20 ago. 1870.

REPUBLICANISMO em Londres. *O Piauí*, Teresina, ano 4, n. 147, p. 3, 30 out. 1870.

SITUAÇÃO do Brasil. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n. 24, p. 1, 25 jun. 1874.

TIMANDRO. *O Libelo do Povo*. Lisboa: Tipografia da Nação, 1868.

TRANSCRIÇÃO. *A Imprensa*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 1, 27 jul. 1865.

TRANSCRIÇÃO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 242, p. 3, 23 nov. 1872.

TRANSCRIÇÃO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 243, p. 3, 30 nov. 1872.

TRANSCRIÇÃO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 244, p. 3, 10 dez. 1872.

TRANSCRIÇÃO. *O Piauí*, Teresina, ano 6, n. 245, p. 3, 23 dez. 1872.

TRANSCRIÇÕES. *A Imprensa*, Teresina, ano 1, n. 8, p. 2, 16 set. 1865.

VIVA a República. *A Pátria*, Teresina, ano 2, n. 95, p. 3, 20 mar. 1872.

MENSAGENS GOVERNAMENTAIS

PIAUÍ. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa do Piauí no dia 9 de julho de 1866 pelo presidente da província, o Exm. Snr. Dr. Franklin Américo de Menezes Dória*. Santaluz: Tipografia de B. Mattos, 1866.